



**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR**  
Covilhã | Portugal

FACULDADE DE ARTES E LETRAS

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E ARTES

**Práticas culturais e formas de acesso à cultura da  
comunidade estudantil da Universidade da Beira Interior**

**Versão Final após Defesa**

**Anabela Martins Quelhas**

**Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em**

**Estudos de Cultura**

**(2º ciclo de estudos)**

Orientador: Prof. Dr. ° José Ricardo Carvalheiro

**Covilhã, julho 2019**

*O universo cultural duma pessoa, ou é um esquema qualificado da sua relação vital com tudo aquilo que o rodeia, ou não interessa a ninguém. É uma coisa que tem que ver com a qualidade da sua relação com os outros, com a forma como, concretamente, deles se aproxima. [...] Tem que ver com a harmonia da sua integração no universo da terra, das árvores e dos rios que lhe estão próximos e mais dos seus vizinhos e amigos [...].*

António Alçada Baptista, *O Tempo nas Palavras*

## Agradecimentos

Concluída mais uma etapa da minha vida, este retorno à academia, que não sendo fácil foi, principalmente, um desafio, não poderia deixar de expressar o mais sentido agradecimento a todos aqueles que me apoiaram na concretização deste projeto. Assim, agradeço:

Ao Professor Doutor José Ricardo Carvalheiro, orientador científico desta dissertação pela disponibilidade constante, apoio e preciosas orientações.

Ao meu marido Carlos Tavares, pela firme e fundamental motivação e pela oportunidade que me proporcionou.

À minha filha Mariana, que sempre me motivou e igualmente me auxiliou com o seu saber e os seus conselhos.

# Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	iii
<b>Índice</b> .....	iv
<b>Índice de Tabelas</b> .....	v
<b>Índice de Gráficos</b> .....	v
<b>Índice de Siglas</b> .....	vi
<b>Resumo</b> .....	vii
<b>Abstract</b> .....	viii
<b>I. Introdução</b> .....	9
<b>II. Enquadramento Teórico</b> .....	13
1. Em torno do conceito de Cultura .....	13
2. Pierre Bourdieu e as categorias de <i>Habitus</i> , <i>Campo</i> e <i>Capital</i> .....	18
<b>III. A Universidade e os Estudantes</b> .....	25
1. O papel da Universidade na vida cultural dos seus alunos .....	25
2. Explorando o conceito de Juventude .....	29
3. Cultura juvenil e cultura digital: identidades.....	33
4. Os estudantes universitários.....	38
5. Apresentação breve da Universidade da Beira Interior.....	42
<b>IV. Metodologia</b> .....	45
1. Objetivos do estudo.....	45
2. Técnica de investigação: pesquisa quantitativa.....	46
3. Aplicação do questionário.....	47
4. Tratamento dos inquéritos.....	48
<b>V. Apresentação e Análise dos Resultados</b> .....	49
1. Caracterização da amostra.....	49
2. Participação em atividades culturais.....	55
3. Participação em atividades culturais promovidas pela Universidade.....	62
4. Utilização das redes sociais nas práticas culturais.....	75
5. Participação em atividades culturais promovidas pela cidade.....	79
<b>VI. Conclusões</b> .....	81
<b>VII. Referências</b> .....	84
<b>VIII. Anexos</b> .....	90

## Índice de Tabelas

<b>Tabela T.1 – Média de idade dos alunos inquiridos</b> .....	49
<b>Tabela T.30 – Contribuição da UBI para incremento das práticas culturais de acordo com as habilitações literárias</b> .....	68
<b>Tabela T.31 – Incremento das práticas culturais por influência da UBI, em relação com a faculdade frequentada</b> .....	70

## Índice de Gráficos

<b>Gráfico G.1 – Idade dos alunos inquiridos</b> .....	50
<b>Gráfico G.2 – Idade (em percentagem) dos alunos inquiridos</b> .....	50
<b>Gráfico G.3 – Distribuição dos alunos por sexo</b> .....	51
<b>Gráfico G.4 – Habilitações literárias dos alunos</b> .....	51
<b>Gráfico G.5 – Habilitações literárias do pai</b> .....	52
<b>Gráfico G.6 – Habilitações literárias da mãe</b> .....	53
<b>Gráfico G.7 – Nacionalidade</b> .....	53
<b>Gráfico G.8 – Localidade de residência em termos de habitantes</b> .....	54
<b>Gráfico G.9 – Faculdade frequentada</b> .....	55
<b>Gráfico G.10 – Frequentar uma biblioteca</b> .....	57
<b>Gráfico G.11 – Navegar na internet</b> .....	59
<b>Gráfico G.12 – Fazer parte de alguma associação ou núcleo de estudantes...</b>	61
<b>Gráfico G.13 – Ter um papel ativo em alguma associação ou núcleo de estudantes</b> .....	61
<b>Gráfico G.14 – Fazer parte de algum dos núcleos culturais da UBI</b> .....	62
<b>Gráfico G.15 – Assistir a conferências, colóquios ou fóruns</b> .....	63
<b>Gráfico G.16 – Assistir a jornadas e seminários</b> .....	63
<b>Gráfico G.17 – Assistir a concertos</b> .....	64
<b>Gráfico G.18 – Assistir a festivais</b> .....	65
<b>Gráfico G.19 – Assistir às atividades culturais do museu de lanifícios</b> .....	65
<b>Gráfico G.20 – Participar em semanas temáticas...</b>	66
<b>Gráfico G.21 – Participar em feiras temáticas</b> .....	66

**Gráfico G.22 – Contribuição da UBI para incremento das práticas culturais** 67

**Gráfico G.23 – Uso da Netflix** ..... 75

**Gráfico G.24 – Uso do Spotify** ..... 76

## Índice de Siglas

**CFIUTE** – Centro de Formação Interação UBI Tecido Empresarial

**CRUP** – Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas

**FAL** – Faculdade de Artes e Letras

**FC** – Faculdade de Ciências

**FCS** – Faculdade de Ciências da Saúde

**FCSH** – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

**FE** – Faculdade de Engenharia

**GEPAC** – Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais

**PALOP** – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

**UBI** – Universidade da Beira Interior

## Resumo

Este estudo tem como principal objetivo identificar as práticas culturais e as várias formas de acesso à cultura da comunidade estudantil da Universidade da Beira Interior. Pareceu importante um estudo nesta área que se pensa ainda não existir nesta universidade, sobretudo para haver uma maior adequação da oferta à procura. Sabendo que existem numerosas definições de cultura bem como inúmeras formas de cultura, optámos por questionar os alunos sobretudo no que diz respeito à denominada alta cultura (teatro, dança, música...), ainda que abrangendo alguns produtos da chamada cultura de massas (literatura, cinema, a televisão, a rádio, etc.), englobando, necessariamente as novas tecnologias e as novas culturas digitais. Saber qual a relação cultural com a Universidade e com a própria cidade da Covilhã foi uma das preocupações.

Utilizando o método de inquérito por questionário, chegou-se à conclusão de que as práticas culturais dos estudantes da UBI estão muito ligadas às novas tecnologias, havendo uma participação razoável nas atividades culturais da Universidade, e muito baixa ou quase inexistente em relação à oferta cultural da cidade.

**Palavras-Chave:** Estudantes Universitários; Cultura; Universidade; Práticas Culturais; Cultura Juvenil; Juventude

## Abstract

The main object of this study is to identify the cultural practices and the various forms of access to the culture of the student community of the University of Beira Interior. It seemed important to a study in this area that is thought to not yet exist in this university, especially to have a better matching of supply to demand. Knowing that there are numerous definitions of culture as well as numerous forms of culture, we have chosen to question the students, especially in what concerns the so-called high culture (theater, dance, music ...), even though it covers some products of so-called mass culture (literature, cinema, television, radio, etc.), necessarily encompassing new technologies and new digital cultures. Knowing the cultural relationship with the University and Covilhã itself was one of the concerns.

Using the questionnaire survey method, it was concluded that the cultural practices of UBI students are very closely linked to the new technologies, with a reasonable participation in the University's cultural activities, and very low or almost nonexistent in relation to the cultural offer the city provides.

**Keywords:** University Students; Culture; University; Cultural Practices; Youth Culture; Youth

# I. Introdução

Na sociedade contemporânea tem-se verificado o aumento, progressivo, da importância de existirem estudos efetivos sobre consumos e hábitos culturais da população em geral, e em específico dos vários grupos que compõem essa mesma população. Estes consumos tanto podem estar relacionados com a esfera pública, como com a esfera privada dos cidadãos.

O incremento das indústrias culturais e dos estímulos crescentes ao nível dos mercados digitais exige um conhecimento aprofundado sobre as práticas culturais quotidianas, de eleição, dos múltiplos grupos que compõem uma determinada sociedade, por forma a adequar a oferta às necessidades das populações em estudo, em suma, exige-se um conhecimento cada vez mais aprofundado dos públicos da cultura.

Estes estudos sobre a cultura são transversais a vários setores da sociedade civil, que estão necessariamente interligados, tais como, a educação, a economia ou mesmo a política.

Neste sentido, optou-se neste trabalho por fazer, precisamente, um estudo sobre as práticas culturais e formas de acesso à cultura da comunidade estudantil da Universidade da Beira Interior (UBI). Este tema pareceu-nos muito pertinente, uma vez que dar resposta às considerações atrás mencionadas, projeta um futuro muito mais cooperante entre a instituição e os seus alunos e, igualmente, porque este estudo parece ainda não ter sido feito, ou pelo menos não se encontrou nenhum trabalho relativo ao tema, realizado junto dos estudantes de UBI.

Ao delinear o trabalho surgiram algumas dúvidas. Que atividades culturais considerar neste estudo, uma vez que seria muito moroso atentar a todas as formas de cultura. Se, por um lado, algumas destas atividades são consensualmente consideradas (e legitimadas) como culturais, quer falemos da “cultura cultivada”, (como a ópera, determinados tipos de teatro, dança, música, entre outros), quer falemos nas indústrias da cultura (literatura, cinema, alguns géneros de música), ou no campo da preservação do património, por outro lado há outras atividades menos consensuais. Nestas encontramos, por exemplo, algumas formas de sociabilidades relacionadas com as chamadas subculturas juvenis (certos tipos de música, saídas à noite, entre outras práticas de convivialidade), o artesanato, as práticas de lazer e entretenimento (desporto, jogos, videojogos, etc.).

Perante práticas sociais e culturais tão diversas tornou-se necessário determinar claramente qual o objetivo deste estudo, que passa por indagar e descortinar qual o padrão de consumo cultural dos estudantes universitários da UBI. Assim, optámos por inquirir sobretudo no que diz respeito à denominada alta cultura (teatro, dança, música...), ainda que abrangendo alguns produtos da chamada cultura de massas (literatura, cinema, a televisão, a rádio) englobando, necessariamente, as novas tecnologias e as novas culturas digitais.

Deixámos fora deste estudo tudo o que diz respeito à cultura popular, às subculturas juvenis, ou às múltiplas formas de sociabilidade entre os jovens, por nos parecer que, apesar de importante para um conhecimento profundo das práticas culturais dos alunos, na sua globalidade, não ser esse o nosso foco. Talvez este seja o mote para outro estudo complementar ao atual.

Porém, esta delimitação das várias culturas não se mostra tão linear ou evidente como poderia parecer. Assim, Canclini (2001) fala em culturas híbridas. Segundo ele,

“Diferentes estruturas do campo artístico, e, por vezes dos seus vínculos com a sociedade, concebem interpretações diversas das mesmas obras. O carácter aberto das peças de arte e dos textos literários modernos torna-os particularmente disponíveis a que, em todo o processo de divulgação de vazios, os lugares virtuais, se ocupem com elementos inesperados. Porém, esta é uma propriedade de todas as manifestações culturais, somente se torna mais evidente nas denominadas artísticas. Igualmente acontece que objetos aos quais unicamente se atribuía valor histórico ou antropológico possam ser interpretados esteticamente e, obras tidas como artísticas percam esse reconhecimento pela existência de uma reorganização do campo.”(Canclini, 2001, p. 149, tradução livre)<sup>1</sup>

Como verificamos pelas palavras de Néstor García Canclini as delimitações entre os vários campos culturais nem sempre são claras e podem variar, conforme ele refere, com a reorganização do campo (precisamente falaremos no decorrer deste trabalho na categoria de *campo* definida por Pierre Bourdieu).

Voltando à delimitação do objetivo de estudo, igualmente a observação dos professores foi deixada de fora, embora entendamos ser bastante pertinente o conhecimento sobre as práticas culturais dos docentes, sendo estes o principal elo de

---

<sup>1</sup>Diferentes estructuras del campo artístico, y a veces de sus vínculos con la sociedad, engendran interpretaciones diversas de las mismas obras. El carácter abierto de las piezas artísticas y los textos literarios modernos los vuelve particularmente disponibles a que en el proceso de comunicación los vacíos, los lugares virtuales, se ocupen con elementos imprevistos. Pero esta es una propiedad de todas las manifestaciones culturales, solo más evidente en las denominadas artísticas. También ocurre que objetos a los que únicamente se atribuía valor histórico o antropológico puedan ser leídos estéticamente, y obras juzgadas artísticas pierdan ese reconocimiento por una reorganización del campo.

ligação entre a universidade e os seus alunos, e um dos principais incrementadores para a inculcação e mudança de hábitos.

É, também, nosso desejo averiguar se a Universidade contribui para o desenvolvimento das práticas culturais dos alunos e até que ponto estarão estes atentos à oferta cultural da UBI.

Igualmente verificar se os estudantes estão familiarizados com a produção cultural, feita através de múltiplos agentes culturais, da cidade da Covilhã.

Da mesma forma, é objetivo do trabalho verificar até que ponto as novas tecnologias digitais afetam as opções culturais dos estudantes, em desfavor dos métodos mais tradicionais de aquisição de cultura.

Ora, cada vez mais o papel das Universidades é preponderante na formação cultural dos seus alunos, educando-os para a cultura no presente, mas igualmente abrindo-lhes caminhos para o futuro.

Numa universidade com uma população estudantil de 7500 alunos, número que tem vindo a aumentar todos os anos, provenientes de todas as zonas do país, bem como de países mais longínquos, nomeadamente dos PALOP (Cabo Verde, Angola, Moçambique, etc.), do Brasil, da restante América Latina, e de alguns países da Europa, particularmente os alunos em Erasmus, e que oferece uma gama variada de Cursos, distribuídos por cinco Faculdades, é absolutamente fundamental conhecer como os jovens estudantes desta academia se movem e se inspiram no mundo da cultura (delimitado às opções feitas neste estudo) .

Sabemos claramente que a função de uma Universidade, que aposta cada vez mais na qualidade, é muito mais do que formar futuros bons profissionais para o mundo do trabalho. Cabe-lhe igualmente prepará-los para enfrentar os desafios que a sociedade lhes coloca, pelo que é fundamental que estes se integrem civilizacionalmente e incrementem as suas práticas culturais a um nível cada vez mais elevado de consumo e crítica.

Para que a universidade, e a própria cidade onde esta está situada, cumpram esta função primordial, torna-se necessário conhecer o que os jovens sabem, o que lhes interessa, como acedem aos bens culturais, no fundo como gerem as suas práticas culturais.

A UBI possui, como já foi referido, cinco faculdades, são elas: Faculdade de Ciências (FC), Faculdade de Engenharia (FE), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Faculdade de Artes e Letras (FAL) e Faculdade de Ciências da

Saúde (FCS). Toda esta diversidade de matérias e interesses tem, necessariamente, uma heterogeneidade de estudantes que é necessário ter em conta. Este projeto de dissertação pretende fazer um estudo, o mais aprofundado possível, por forma a conhecer toda esta heterogeneidade. Para atingir tal propósito optou-se pela realização de um inquérito por questionário a uma amostra de 500 alunos.

Existem, como iremos verificar, uma multiplicidade de definições do conceito de cultura, bem como diversas formas de a abordar e estudar. Assim, pretendemos obter um conhecimento da existência, entre os alunos, de formas de cultura mais intelectuais e do espírito, abarcando o conteúdo simbólico que existe em certos produtos culturais e que conduz a uma reflexão sobre os mesmos, quer estes sejam simplesmente consumíveis quer se ponham em prática (ex. Assistir a um espetáculo de dança e/ou ser bailarino).

## II. Enquadramento Teórico

### 1. Em torno do conceito de Cultura

A palavra e o conceito de cultura são de origem romana. “A palavra «cultura» deriva de *colere* – cultivar, permanecer, cuidar, manter, preservar – e retorna primitivamente à relação do homem com a natureza, no sentido de cultura e de manutenção da natureza com vista ao bem-estar do próprio homem. [...] para além da sua aplicação à agricultura, cultura pode igualmente designar o «culto» aos deuses. [...] Aparentemente o primeiro a utilizar este termo para as coisas do espírito e da inteligência terá sido Cícero.” (Arendt, 1972, p. 271) Pois bem, Cícero viveu em Itália, crê-se que entre os anos 106 a.C. e 43 a.C., o que nos indica como a importância dada à cultura é já longínqua.

O Nobel da Literatura alemão Hermann Hesse dizia que “[...] a verdadeira cultura, tal como a educação física é, ao mesmo tempo, um estímulo e uma satisfação, atinge sempre o alvo, mas não para em lugar algum, é um proceder no infinito, um vibrar em uníssono com o universo, um viver com isso fora do tempo. O seu objetivo não é o desenvolvimento de uma única faculdade ou capacidade; essa ajuda-nos, principalmente, a dar um sentido à nossa vida, a interpretar o passado, a abrimo-nos ao futuro com corajosa prontidão.” (Hesse, 2018, p. 9)

O conceito filosófico de cultura para Hermann Hesse mostra-nos como explicar *Cultura*, que poderemos considerar como um conceito abstrato, complexo e múltiplo, não se presta, de forma alguma, a uma única definição. Existem um sem número de estudiosos da cultura e outras tantas, ou mais ainda, definições do termo e do objeto de estudo da cultura. Como poderemos analisar o que é a cultura num mundo cada vez mais globalizado e onde quase todas as formas de ser e de estar se misturam?

“A cultura é a expressão da humanidade que procura transcender a sua condição animal, a sua condição de natureza. Desde o nascimento que o Homem realiza um caminho de superação da sua condição animal, desde o momento em que nasce despojado de todos os apetrechos sem os quais muito dificilmente sobreviveria” (Franco, 2017, p.117). Esta forma de examinar a cultura é-nos particularmente grata pois ela abarca, de certa forma, a génese do Homem desde o seu aparecimento na terra, ainda em estado primitivo, e a luta pela sobrevivência perante os outros animais, mais

fortes e capazes, através do seu poder de criação e apropriação de objetos, não só de defesa e de engenho, mas igualmente como uma forma de culto. A cultura é, por isso, tão antiga como o próprio Homem. Ainda hoje o homem continua a lutar por se evidenciar em relação aos outros animais pois o seu modo de nascimento é similar, o que os distingue é o seu processo de crescimento.

Em semelhante linha de pensamento, a separação do Homem do mero reino animal, situa-se Engels (1876), cujas teorias referem que o homem se separou dos outros animais através do trabalho, aludindo que os animais somente utilizam a natureza, enquanto o Homem a modifica, dominando-a. Para este pensador a diferença essencial entre o Homem e os demais animais resulta do trabalho, fonte de toda a evolução. O trabalho, conseqüentemente, conduz a novas descobertas só possíveis devido à inteligência e capacidade humanas.

É tendo em conta as capacidades mostradas e demonstradas pelo Homem que Tylor (1977) referiu que a cultura é um complexo conjunto que inclui as várias facetas da vida do ser humano, sejam elas os conhecimentos, as crenças, as artes, a ética, as leis, os usos e costumes ou quaisquer outras aptidões ou hábitos por ele adquiridos enquanto fazendo parte de uma determinada sociedade. Identificamos nesta ideia de Tylor uma visão etnológico-antropológica da cultura.

Igualmente o Padre Manuel Antunes (2007) fala numa cultura em sentido etnológico designando-a por *objetivo-passiva* (a que recebemos) na qual se devem distinguir

“dois significados principais: o primeiro [...] designa o conjunto de meios para atualizar ou realizar as potencialidades humanas, sendo o principal as grandes produções espirituais do passado (tradição); o segundo (significado etnológico-etnográfico) é assim definido na síntese de Kröber-Kluckhohn: «um conjunto de atributos e de produtos das sociedades humanas e do género humano, por conseguinte, extra-somáticos e transmissíveis por meios diferentes da hereditariedade biológica e que faltam essencialmente nas espécies sub-humanas tanto quanto são característicos da espécie humana, enquanto esta se agrega em sociedade.»” (Antunes, 2007, p. 87)

Para além do sentido objetivo-passivo, a cultura é igualmente vista por Manuel Antunes (2007) na aceção *subjetivo-ativa* (a que nos transforma e que nós criamos), ou seja, que diz respeito à formação do homem enquanto homem, à “educação das suas faculdades: corporais, intelectuais, morais e religiosas.” (Antunes, 2007, p. 87)

O ser humano sempre procurou, como já verificámos, ultrapassar o seu lado mais animalesco, constituindo sociedades com que se identifica, criando a chamada civilização. Poderemos então inferir que os conceitos cultura e civilização são semelhantes?

Em relação a esta questão existem igualmente posições divergentes. Manuel Antunes aludiu, em relação a estes dois conceitos:

“Tem-se discutido muito se devem distinguir-se ou identificar-se. [...] Por nossa parte, pensamos, com alguns, que cultura e civilização podem e devem unir-se, podem e devem distinguir-se. Unir-se tornando-se, reciprocamente, englobantes da outra, porque partem do mesmo sujeito, o homem ser social, porque se referem, embora sob aspectos diferentes, aos mesmos objectos – por exemplo, um livro e um disco: vistos pelo conteúdo, são objectos de Cultura, vistos pela forma são objectos civilizacionais – e porque visam o bem do mesmo homem. Distinguir-se, porque Cultura vai mais no sentido da transcendência e civilização vai mais no sentido da imanência, porque Cultura é mais do domínio do «ser», e civilização mais do domínio do «ter» ou porque Cultura é mais *substantiva* ao homem e civilização é mais *adjetiva* ao mesmo homem. Doutro modo: Cultura constitui o aspecto pessoal e criador da civilização, e civilização constitui o aspecto mais técnico e material da Cultura.” (Antunes, 2007, pp. 88-89)

Constatamos que, de facto, não sendo a mesma coisa, a civilização e a cultura são interdependentes, porque já não fariam sentido uma sem a outra. A cultura é mais substantiva ao homem na medida em que diz respeito aquilo que a pessoa é, e a civilização é mais adjetiva ao homem, uma vez que se refere àquilo que pensam dela. A vida do homem sem cultura seria como um deserto, árida e agreste.

Verificou-se, portanto, que ao longo dos séculos e particularmente desde o século XIX a cultura ganhou relevância na sociedade. Assim sendo, o conceito de cultura é interpretado de forma diferente consoante se define na antropologia, na sociologia, na filosofia, nas artes, ou mesmo quando se tenta definir um indivíduo em particular, um grupo ou toda uma sociedade.

“Quando a palavra é empregada para se aplicar a um indivíduo em particular, visa o grau de formação, de instrução, ou ainda os cuidados dados ao espírito e às ocupações do espírito.

Quando o termo é utilizado em antropologia ou em sociologia, tem um sentido bastante diferente. Trata-se de tudo o que, numa dada sociedade, é adquirido, apreendido para ser transmitido. A cultura visa, portanto, todo o conjunto da vida social, desde os aspectos tecnológicos e as organizações institucionais até às formas de expressão da vida e do

espírito, considerando a totalidade como uma ordem de valores que dá ao grupo uma certa qualidade humana.” (Birou, 1982, p. 98)

Torna-se claro para vários pensadores que, de facto, a cultura, nas suas várias formas, é intrínseca ao ser humano.

“Nos dias que correm, a Cultura possui uma centralidade singular, sendo condição essencial da existência Humana, pois é pela Cultura que o Homem adquire o seu verdadeiro significado e o sentido do seu próprio destino. Vivemos num Mundo onde tudo está interligado, onde a Cultura é entendida como o ‘modo de relacionamento humano com o seu real’ (Certeau, 1993:8), ou ainda, como o conjunto dos artefactos construídos pelos sujeitos em Sociedade (palavras, conceitos, técnicas, regras, linguagens) pelos quais dão sentido, produzem e reproduzem a sua vida material e simbólica.” (Teixeira, 2012, p. 1)

Persiste, porém, a ideia, que já não é novidade, de que a cultura ao mesmo tempo que permite o desenvolvimento do homem em sociedade, também o restringe. É, simultaneamente integradora e separadora. Vários pensadores estudaram esta ambiguidade da cultura. Bauman (2012) referiu que o conceito de cultura que se começou a utilizar em finais do século XVIII, transmitia claramente esta ambivalência de atitudes, permitindo e restringindo em simultâneo. Ou seja, a noção de cultura permitiu a reconciliação de uma gama de oposições radicais tais como, autonomia e carência, entre o que é voluntário e o que é forçoso, e entre outros conceitos opostos que geram a diferença entre a autoafirmação e a imposição de normas.

Ainda a este propósito alguns pensadores franceses (Lauwe, 1966) referiram que a cultura está intimamente ligada à vida em sociedade. O homem cultiva-se diariamente num meio social determinado, mesmo se ele por vezes comunica com outras culturas para atingir um verdadeiro humanismo. Se a cultura está indelevelmente ligada à vida e à ação, é no seio de um grupo, de uma sociedade que tanto a criança como o adulto adquirem a sua cultura, mas ao mesmo tempo que se constroem enquanto seres humanos, de uma maneira original adquirindo uma liberdade cada vez maior.

Sendo a cultura, de certa forma, restritiva verificamos, porém, que os jovens (uma vez que são estes o nosso objeto de estudo) têm tendência a desenvolver as suas próprias subculturas, que bastas vezes se diferenciam da cultura dominante e que podem mesmo entrar em conflito com ela.

“A cultura que enforma os indivíduos é a mesma que é modificada pelas acções dos indivíduos que com ela e dentro dela operam. Objectividade e subjectividade, paixão e acção, são, assim, facetas da cultura que não se excluem. Contudo, é a ênfase posta numa ou noutra, por vezes obliterando as restantes, que provoca posições unilaterais, sejam ditirâmbicas ou elegíacas.” (Fidalgo, [s.d.], p.4)

Expostas que estão várias visões e definições de cultura fruto do trabalho de vários cientistas sociais, e tendo em conta o propósito deste estudo, não poderíamos deixar de falar no grande pensador da cultura que foi Pierre Bourdieu, e cujas teorias se poderão ajustar à população universitária abordada.

## 2. Pierre Bourdieu e as categorias de *Habitus*, *Campo* e *Capital*

Para o enquadramento do tema de estudo proposto, em termos das várias aceções de cultura existentes, algumas das quais já foram mencionadas no ponto anterior, julgou-se encontrar nas teorias do pensador contemporâneo francês, Pierre Bourdieu, o fio condutor principal.

Pierre Bourdieu, sendo filósofo de formação, dedicou grande parte da sua vida sobretudo ao estudo de temáticas relacionadas com a antropologia e a sociologia, tendo-o feito, maioritariamente, através de uma metodologia empírica, onde o uso de inquéritos representava um papel muito relevante.

Para Robbins (2000) a carreira de Bourdieu passou por três fases principais: entre 1950 e 1970, fase em que ele se autodenominava antropólogo cultural, fazendo uso de metodologias antropológicas para a análise da cultura contemporânea francesa,

“apesar de não haver uma rutura clara com este período inicial, é possível, no entanto, sugerir que foi desde 1968 que Bourdieu desenvolveu uma ideologia científica e se apresentou como um cientista praticante. Nesta segunda fase, durante a década de 1970, Bourdieu dirigiu um centro de pesquisa, criando a sua própria Revista Científica e através de ambos inspirou o trabalho de toda uma equipa de colegas e colaboradores. Foi durante este período que ele elaborou uma abordagem epistemológica que procurava substituir o estruturalismo sem eliminar as suas conquistas, construindo um aparelho conceptual a ser implementado numa série de inquéritos. Estas investigações não eram apenas científico-sociais. Ele sempre demonstrou interesse na arte e na literatura, na história convencional da cultura bem como nas práticas culturais contemporâneas [...]. A terceira fase pode ser descrita como tendo começado com o compromisso de Bourdieu na responsabilidade pela disciplina de Sociologia do Collège de France, em Paris, em 1981-82. O seu trabalho tornou-se menos enraizado em atividades de pesquisa. Em vez disso, ele interessou-se na relação entre o seu status e poder pessoais e o da instituição na qual ele trabalhava [...]. Ele relaciona-se com a cultura contemporânea como uma pessoa que é, agora, o produto acumulado do que tinha sido – tanto um antropólogo cultural como um cientista social. A observação da cultura para Bourdieu envolveu uma rigorosa análise da origem do que se observa e uma aceitação da génese da posição da qual a observação é feita.” (Robbins, 2000, pp. 1-2 tradução livre)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>Although there is no clear-cut rupture with this introductory period, it is possible, nevertheless, to suggest that it was from 1968 that Bourdieu developed an ideology of science and presented himself as a scientific practitioner. In this second period, through the 1970s, Bourdieu directed a research center, established his own research journal and, through both, inspired the work of a team of colleagues and collaborators. It was in this period that he fully articulated an epistemological approach which sought to supersede structuralism without cancelling out its achievements and constructed a conceptual apparatus to be deployed in a range of inquiries. These inquiries were not only social scientific ones. He had always been interested in art and literature or in conventional cultural history as

Pierre Bourdieu é um dos pensadores das ciências sociais e da cultura mais referenciados a nível mundial, apesar de ser relativamente recente em termos temporais, sendo estudado e abordado criticamente por inúmeros autores, quer concordem ou discordem das teorias e das análises feitas por este autor, como é o caso de Piñeiro que refere:

“O pensamento de Pierre Bourdieu destaca-se como uma das contribuições mais originais e influentes para a renovação da teoria sociológica e da epistemologia das ciências sociais, da segunda metade do século XX. Seja para concordar com os seus postulados, ou para discordar deles, é tal o reconhecimento e a influência que a teoria social bourdieusiana alcançou nas últimas décadas que o autor conseguiu converter-se num clássico das ciências sociais.” (Piñeiro, 2017, p. 15 tradução livre)<sup>3</sup>

A pedra de toque do pensamento social para Bourdieu é a construção de duas categorias: campo e *habitus* (Piñeiro, 2017), sendo que o capital é igualmente um conceito integrante e importante. É precisamente seguindo esta linha de pensamento que iremos abordar este autor, aplicando-a ao facto de pretendermos fazer um estudo das práticas culturais do estrato da sociedade que são os estudantes universitários, de alguma forma privilegiada e que, em princípio, deveria desempenhar um papel importante, em termos sociais, culturais e outros, não tão relevantes para este nosso estudo, na sociedade da qual faz parte.

Numa das suas mais icónicas obras, *La Distinction*, o autor refere que é a partir da observação científica, especialmente do trabalho analítico junto do Institut National de la Statistique et des Études Économiques (INSEE), que se demonstra a ligação entre práticas culturais e níveis de ensino (Matoso, 2007).

Bourdieu demonstrou em *La Distinction* que o consumo de bens culturais é aquele que melhor exprime as dissemelhanças sociais e as relações de distinção, por intermédio da apropriação económica e social que estas relações exigem (Matoso,

---

well as contemporary cultural practice. [...] The third period can be said to have begun with Bourdieu's appointment to the Chair of Sociology at the Collège de France, Paris, in 1981-82. His work has become less rooted in corporate research activity. He has, instead, become interested in the relationship between his personal status and power and those of the institution in what he is employed. [...] He relates to contemporary culture as a person who now is the accumulated product of what he has been – both a cultural anthropologist and a social scientist. Bourdieu's observation of culture involves a rigorous analysis of the genesis of what is observed and an acceptance of the genesis of the position from which the observation is made.

<sup>3</sup>El pensamiento de Pierre Bourdieu se destaca como una de las contribuciones más originales e influyentes para la renovación de la teoría sociológica y de la epistemología de las ciencias sociales de la segunda mitad del siglo XX. Ya sea para acordar con sus postulados o para disentir con ellos, es tanto el reconocimiento y la influencia que la teoría social bourdieuana ha alcanzado en las últimas décadas que el autor ha logrado convertirse en un clásico de las ciencias sociales.

2017). Nas próprias palavras do autor “[...] os bens culturais parecem predispostos a exprimir as diferenças sociais, uma vez que a *relação de distinção aí se encontra objetivamente demonstrada* e se reativa, quer nós o saibamos ou não, quer nós o queiramos ou não, em qualquer ato de consumo, através dos instrumentos de apropriação económicos e culturais que ela exige.” (Bourdieu, 1979, p. 249 tradução livre)<sup>4</sup>

Para Bourdieu os gostos culturais não nascem connosco, não são “um dom da natureza”. O autor observou cientificamente que as necessidades culturais de cada um de nós são um produto da nossa educação. As nossas práticas culturais, sejam elas, por exemplo, visitas a equipamentos culturais ou opções em termos de leitura, música ou artes plásticas, estão diretamente relacionadas com o nosso nível de instrução, que diz ser medido de acordo com o título académico ou com o número de anos que estudamos e, com a nossa origem social. Bourdieu considera que “o peso relativo da educação familiar e da educação escolar (onde a eficácia e a duração dependem fortemente da origem social) varia segundo o grau em que as diversas práticas culturais são reconhecidas e ensinadas pelo sistema escolar [...]” (Bourdieu, 1979, p. I tradução livre)<sup>5</sup>

Portanto, para este pensador social, há uma hierarquia cultural socialmente reconhecida, em todas as formas pelas quais a cultura se manifesta, que corresponde à mesma hierarquia de consumidores. Assim, quem, legitimamente, produz cultura são os próprios consumidores dessa cultura socialmente aceite.

Bourdieu considera que o sistema escolar, apesar de dispor de meios para agir junto dos seus estudantes, com o incremento de uma predisposição para uma determinada cultura, não pode ser o único a ser *imputado* com a responsabilidade de transmitir todo um capital cultural que ele chama de *legítimo*. Este autor refere que este capital é um produto acumulado da transmissão cultural assegurada pela família (nomeadamente pelas elites culturais), sendo esta inclusivamente a mais relevante, e da transmissão cultural assegurada pela escola, ou seja, a eficácia do capital escolar depende do capital cultural que o estudante tenha herdado da sua família. O autor refere que:

---

<sup>4</sup>[...] Des biens culturels paraisse prédisposé à exprimer les différences sociales, c’est que la *relation de distinction* s’y trouve *objectivement inscrite* et se réactive, qu’on le sache ou non, qu’on le veuille ou non, dans chaque acte de consommation, au travers des instruments d’appropriation économiques et culturels qu’elle exige.

<sup>5</sup> Le poids relatif de l’éducation familiale et de l’éducation proprement scolaire (don’t l’efficacité et la durée dépendent étroitement de l’origine sociale) varie selon le degré auquel les différentes pratiques culturelles sont reconnues et enseignées par le système scolaire [...]

“a capital escolar equivalente, as diferenças de origem social (cujos efeitos se exprimem já em diferenças de capital escolar) estão associadas a diferenças importantes [...]. O peso relativo do capital escolar no sistema de fatores elucidativos pode mesmo ser mais débil que o peso da origem social já que apenas pede aos inquiridos que expressem uma *familiaridade estatutária* com a cultura legítima ou em vias de legitimação, relação paradoxal, feita dessa mistura de segurança e de ignorância (relativa) onde se afirmam os verdadeiros direitos da burguesia, que se medem pela antiguidade.” (Bourdieu, 1979, p. 68 tradução livre)<sup>6</sup>

Assim sendo para Bourdieu, “Através de ações de inculcação e imposição de valores que ela exerce, a instituição escolar contribui, também, (seja uma parte mais ou menos importante, de acordo com a disposição inicial, o mesmo é dizer com a classe de origem) para criar a disposição geral e transponível para a cultura legítima [...]” (Bourdieu, 1979, p. 22, tradução livre)<sup>7</sup>

Explorando mais de perto os conceitos de habitus e campo, verificamos que estes foram precocemente utilizados por Bourdieu na sua obra, tendo evoluído com o decorrer dos anos. Robbins (2000) afirma que a obra de Bourdieu ‘*A génese dos conceitos de habitus e campo*’, publicada no denominado terceiro período da sua carreira, oferece uma retrospectiva do desenvolvimento histórico destes dois conceitos-chave na obra do pensador. Bourdieu terá afirmado que adotou o conceito de habitus, tendo-o usado de forma mais ampliada, para os seus próprios processos, por intermédio de uma obra de Panofsky, ligada à arte, datada de 1967.

Sem dúvida o conceito de habitus é o mais citado de todos os conceitos da obra de Bourdieu. “A noção de *habitus* exprime sobretudo a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo, etc. [...] *habitus* como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital.” (Bourdieu, 1989, pp. 60-61)

Para Yang (2014) Bourdieu ao criar a noção de *habitus* “visa transpor as dualidades existentes entre passado, presente e futuro, entre corpo e mente, entre o

---

<sup>6</sup> [...] à *capital scolaire équivalent*, les différences d’origine sociale (dont les «effets» s’expriment déjà dans les différences de capital scolaire) sont associées à des différences importantes. [...] Le poids relatif du capital scolaire dans le système des facteurs explicatifs peut même être beaucoup plus faible que le poids de l’origine sociale lorsque l’on ne demande aux enquêtés que d’exprimer une *familiarité statutaire* avec la culture légitime ou en voie de légitimation, rapport paradoxal, fait de ce mélange d’assurance et d’ignorance (relative) où s’affirment les véritables droits de bourgeoisie, qui se mesurent à l’ancienneté.

<sup>7</sup> Par actions d’inculcation et d’imposition de valeur qu’elle exerce, l’institution scolaire contribue aussi (pour une part plus ou moins importante selon la disposition initiale, c’est-à-dire selon la classe d’origine) à constituer la disposition générale et transposable à l’égard de la culture légitime [...].

social e o individual, entre o objetivo e o subjetivo, e entre o que é voluntário e o que é determinado.” (Jenkins, 1992; Swartz, 1997; Maton, 2008 apud Yang, 2014, p. 1524, tradução livre)<sup>8</sup>

*Habitus* surge então, como um conceito abrangente capaz de compatibilizar a oposição que existe entre o mundo exterior e o mundo individual de cada ser e que designa um conjunto incorporado de disposições estruturadas (pelo conjunto das suas posições e experiências sociais) e que são organizadoras das suas práticas e dos seus gostos.

Verificamos que contextos de vida desiguais, produzem *habitus* diferenciados, ou seja,

“produzem sistemas de esquemas geradores de princípios unificadores e classificadores de práticas. O *habitus* permite estabelecer uma relação necessária entre as práticas (e os gostos) e uma determinada posição social. A posição no espaço social (representação abstracta com origem estatística), definidora de um espaço de estilo de vida, representa-se pelas capacidades que definem o *habitus* (capacidade de produzir práticas e obras, capacidade de diferenciar e apreciar as práticas e os produtos, através do gosto) e pelo capital global (económico e cultural).” (Matoso, 2007, não paginado)

O conceito de campo é outra das noções fundamentais para Bourdieu e que ele assinala auxiliar como indicador para qualquer pesquisa a ser feita. Assim,

“serviu primeiro para indicar uma direcção à pesquisa, definida negativamente como recusa à alternativa da interpretação interna e da explicação externa, perante a qual se achavam colocadas todas as ciências das obras culturais, ciências religiosas, história da arte ou história literária. [...] Compreender a génese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os actos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir.” (Bourdieu, 1989, pp.64-69).

O campo será para o autor um espaço de conexões entre grupos com diferenciados posicionamentos sociais, espaço de luta e jogos de poder. De acordo com Bourdieu, a sociedade é constituída por múltiplos campos, dotados de relativa independência e regidos por regras próprias.

---

<sup>8</sup>[...] aims to transcend the dichotomies existing between past, present and future, between mind and body, between the social and the individual, between the objective and the subjective and between the voluntarist and the determinist.

O autor define uma *lei geral dos campos* onde ele identifica dois tipos de intervenientes, ou seja, por um lado os detentores da lei dominante, os que usufruem de mais capital específico, que se confrontam com os recém-chegados ao campo, que ainda possuem pouco capital específico. Para Bourdieu os mais antigos participantes do campo utilizam *estratégias de conservação*, enquanto que os mais recentes procuram utilizar *estratégias de subversão*, para a obtenção de maior capital específico, de alguma forma tentando subverter os valores vigentes, para alcançar uma posição dentro do campo (Bourdieu, 2003).

Simultaneamente com o desenvolvimento do conceito de campo, a relação deste com o conceito de *habitus*, tornou-se fundamental nas teorias de Pierre Bourdieu. Por um lado, o campo, enquanto estrutura física e social em que vivemos, estrutura o *habitus*, por outro lado o *habitus* é a suporte do entendimento que nós possuímos em relação à nossa vida e ao mundo exterior (Yang, 2014).

Para complementar os conceitos de *habitus* e campo Bourdieu utilizou um novo conceito, o de capital. Estes três conceitos estão interrelacionados e afetam-se mutuamente. De novo aplicando estas teorias ao meio escolar, bastante estudado pelo autor, Robbins refere que:

“de modo a reforçar este ponto de vista de que a cultura é uma moeda que as pessoas usam mais do que uma qualidade intrínseca, Bourdieu pegou no conceito de ‘capital’, tal como era desenvolvido nas teorias económicas e transpô-lo para a cultura. [...] as nossas posições sociais só são modificadas pelos nossos gostos culturais na medida em que o sistema cultural atribui mais valor a determinados gostos do que a outros. Não somos intrinsecamente alterados ao preferir Mozart a Morrissey ou Manet a Man Ray, porém os julgamentos de valor feitos entre as nossas preferências dentro do sistema cultural afeta a nossa posição dentro do sistema e tem consequências para a aquisição da nossa posição tanto a nível económico como social.” (Robbins, 2000, p. 32 tradução livre)<sup>9</sup>

Depois de analisado o papel das escolas/universidades nas teorias de Pierre Bourdieu, no que ao desenvolvimento cultural dos seus discentes diz respeito, de forma a poder contribuir para que possuam uma posição social e culturalmente mais elevada, claro que antecedido de todo um *background* em termos sociais e familiares, existem pensadores que consideram o sistema escolar atual algo diferente do que Bourdieu

---

<sup>9</sup> In order to enforce this view that culture is a currency that people use rather than an intrinsic quality, Bourdieu took hold of the concept of ‘capital’ as developed in economic theory and applied it to culture. [...] our social positions are only modified by our cultural tastes in as much as the cultural system assigns more value to some tastes than the others. We are not intrinsically altered by preferring Mozart over Morrissey or Manet over Man Ray, but the judgments of value made between our preferences within the cultural system affect our position within that system and have consequences for both our economic and social position-taking.

analisou, na sua época, referindo que as antigas instâncias de legitimação (incluindo os professores) perderam força em prol da sociabilidade dos grupos de pares, bem como da proliferação do uso da internet e das redes sociais – o que terá também repercussões nos mecanismos de legitimação e prestígio das várias formas culturais.

João Teixeira Lopes é um dos sociólogos portugueses que mais tem estudado as questões da cultura e da sua relação com a escola, precisamente à luz das teorias de Pierre Bourdieu.

Na atualidade assistimos a duas situações, aparentemente diferentes, mas que se complementam. Para Lopes (2000) por um lado exigem-se cada vez mais credenciais escolares para alcançar uma posição social privilegiada, e por outro, especialmente nas gerações mais jovens, as fontes de transmissão e aquisição de capital cultural multiplicam-se, já não sendo somente a família e a escola. Os meios de comunicação social, os colegas, as redes sociais em geral, tornaram-se um dos mais importantes meios de difusão e produção de mais recentes formas de cultura.

Estas questões sobre os novos meios de acesso à cultura, serão abordadas com maior profundidade nos pontos que se seguem.

### **III. A Universidade e os Estudantes**

#### **1. O papel da Universidade na vida cultural dos seus alunos**

Como verificámos atrás, Pierre Bourdieu é ainda hoje encarado como um dos iniciadores do cânone teórico da cultura e das práticas culturais. Apesar de tudo, e nunca pondo de lado a grande contribuição deste autor para o estudo desta temática, verificámos existirem outras formas de transmissão, e de certa forma legitimação do gosto e da prática da cultura. Para além da carga cultural que é transmitida por herança, existe igualmente, como já referimos, a influência dos meios de comunicação social, das redes sociais online e, no caso dos jovens, a própria influência dos seus pares, formas de apropriação da cultura que não podem ser descuradas se quisermos ter uma ideia abrangente de quais as práticas e formas de acesso à cultura dos jovens universitários, apesar de no nosso estudo se ter optado, como já frisamos, somente por uma parte deste vasto mundo que é a cultura.

No entanto, é praticamente consensual que a nossa herança cultural é em grande medida a primeira abordagem que nos define como seres humanos, dotados de cultura. Senão vejamos o que diz Vasco Graça Moura em relação a este assunto.

“A herança cultural é, portanto, o conjunto de elementos que permitem a um determinado grupo conhecer-se como portador de uma identidade própria, e comunicar ao longo do tempo, quer no interior desse grupo quer, pela marcação de uma diferença para fora dele. Essa herança cultural passa por muitos e variados elementos, desde logo pela língua materna e pela família a que esta pertença, e depois pelo património material e imaterial, pelos costumes e tradições, pelos condicionamentos, adaptações e morfologias impostos pela História, pela geografia, pelo clima... A herança cultural resulta de um longo processo de existência das sociedades implantadas no espaço e no tempo, em interação com factores da mais variada ordem. Tem uma dimensão espiritual e antropológica, ligada a escalas de valores humanos identitários, éticos, estéticos, afectivos e outros.” (Moura, 2013, p. 38)

Apesar desta carga que nos está inerente, verificam-se algumas divergências entre as gerações mais jovens e as gerações anteriores, assunto que abordaremos quando falarmos sobre o conceito de juventude, manifestando aquelas inclusivamente alguma indiferença em relação a esta herança (Moura, 2013). Para esta indiferença e conseqüente distanciamento contribuirão diversos fatores entre os quais a globalização e

o constante avanço em termos de novas tecnologias de informação e comunicação, dois argumentos a ter em conta quando se estuda qualquer tema atual.

Posto isto, que papel desempenham as universidades, em termos culturais, perante o seu corpo discente?

Ao longo de vários séculos a Universidade pautou-se por ser, sobretudo, uma instituição cujo primordial objetivo era a prestação de um serviço de instrução de elevado nível aos seus instruendos. Hoje em dia para além deste desiderato, a universidade é, igualmente um promotor de integração, na sociedade, dos seus alunos não só em termos de estudo, mas igualmente em termos sociais e culturais.

Os jovens quando ingressam na universidade vêm-se confrontados com modos de estar e de viver muito diferentes dos seus, e aos quais terão que se adaptar, para se integrarem. Ainda mais numa universidade como a UBI que detém uma multiplicidade de alunos com nacionalidades muito diversificadas, e com heranças, hábitos de cultura e competências técnicas igualmente dissemelhantes.

Boaventura de Sousa Santos refere que “a «abertura ao outro» é o sentido profundo da democratização da universidade, uma democratização que vai muito para além da democratização do acesso à universidade e da permanência nesta.” (Santos, 2002, p. 195)

A universidade confrontou-se, ao longo da sua já vasta história, com diversos problemas, que teve que ir resolvendo por forma a continuar a afirmar a sua legitimidade enquanto instituição, de acordo com a mudança das conjunturas.

A instituição universitária foi-se adaptando a várias formas de legitimação ao longo do tempo, passando a sua legitimidade a basear-se, não somente na formação das elites, mas também na sua atuação como instituição democratizadora, como fator de equalização social e como promotora de oportunidades para a generalidade da população. A mais recente mudança ocorreu, portanto, no momento em que “se torna socialmente visível que a educação superior e a alta cultura não são prerrogativas das classes superiores altas” (Santos, 2002, p. 183). A sociedade despertou para uma ideia muito diferente da que acontecia até então. Ou seja, a tradicional função da universidade de transmitir conhecimentos a um grupo bastante restrito e fechado, quer em termos económicos, quer em termos sociais e profissionais, teve necessariamente, que ser alterada. A universidade foi “obrigada” a abrir as suas portas e a produzir conhecimentos para camadas sociais mais vastas e heterogéneas (Santos, 2002).

O ensino universitário democratizou-se e expandiu-se, registando um aumento de 360% nas últimas quatro décadas (de 81 mil estudantes, em 1978, para 372 mil em 2018)<sup>10</sup>. Os alunos e potenciais alunos pertencem, também, a estratos sociais que anteriormente não tinham a oportunidade de ascender na sociedade, principalmente por via profissional, mas igualmente em termos de posicionamentos sociais e culturais perante a sociedade. Atualmente, o papel da universidade é muito mais abrangente. Assim,

“... a Universidade passa a ter, acoplada à sua função tradicional de propiciar uma instrução superior aos estudantes, a função, hoje tão valorizada, de preparação dos profissionais mais qualificados do mercado de trabalho. E essa preparação não só passa pela aquisição de competências específicas (técnico-científicas), mas, também, pelo desenvolvimento de competências transversais (psicossociais e culturais), tais como a capacidade de comunicação, as capacidades de planeamento e de decisão, o sentido de profissionalismo em prol da comunidade, a valorização da aprendizagem ao longo da vida, entre outras, que lhes permitam enfrentar com sucesso as exigências desse mercado ou, por extensão, as exigências sociais.” (Diniz, 2005, pp. 11-12)

Se tivermos em conta uma época não muito longínqua, verificamos que, efetivamente, o ensino universitário se alargou a todos. Segundo Fernandes (2001) “no início da década de cinquenta, os filhos dos pais não escolarizados só com dificuldade chagavam a frequentar o ensino superior. Actualmente, a selectividade social não é tão forte, já que existem grandes contingentes de estudantes cujos pais possuem apenas os níveis mais básicos de ensino.” (Fernandes (et al.), 2001)

De facto, um ensino que até 1974 estava quase reservado às elites passou a acolher uma significativa proporção de alunos oriundos de famílias pouco escolarizadas. Em 2016, 47,4% dos estudantes do ensino superior português tinham o pai apenas com o ensino básico; a escolaridade das mães era essa em 39,5% dos casos.<sup>11</sup>

Face a estes números nacionais, interessa-nos também verificar, através dos questionários à população em estudo, qual a situação específica na Universidade da Beira Interior em 2019.

Um fator a não descurar em relação ao papel das universidades na formação dos seus alunos, é o facto de a carreira académica se prolongar cada vez mais na vida dos estudantes. Já não é suficiente ter uma Licenciatura. A maioria dos alunos opta por ir

---

<sup>10</sup> Números do portal Pordata, com base em dados do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

<sup>11</sup> Dados do Inquérito às condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em Portugal, 2017, p. 46. Disponível em [www.dges.gov.pt](http://www.dges.gov.pt)

mais além frequentando Mestrados, Pós-Graduações e mesmo Doutoramentos, mantendo-se no meio académico durante muito mais tempo.

E como é de cultura que falamos, para fazer face a este prolongar da permanência dos estudantes nas universidades, estas instituíram meios que permitem tanto o apoio social, como a promoção da formação cultural dos seus alunos. Exemplos disso são a Universidade do Porto que possui uma Vice-Reitoria para a Cultura, dando grande relevância às Edições e Museus; a Universidade do Minho que detém, igualmente, uma Vice-Reitoria para a Cultura e Sociedade; a Universidade dos Açores com um Vice-Reitor para a Educação e a Cultura e também na Universidade de Coimbra existe um Vice-Reitor responsável pelo pelouro da Cultura e Ciência Aberta.

É interessante verificar o incremento, nas Universidades Portuguesas, de sistemas, com cada vez mais relevância, para a promoção da cultura dentro e fora do meio académico. A importância da formação global do cidadão catapultou estas supremas instituições de ensino, para uma tarefa que vai muito mais além da fundamental formação técnica dos seus alunos.

A acrescentar a esta função primordial para com os estudantes a universidade teve, simultaneamente, que se abrir à comunidade da qual faz parte, o que é claramente comprovável no caso da UBI. Isto mesmo verificaremos quando falarmos da Universidade da Beira Interior mais aprofundadamente.

Posto isto, e porque a grande maioria dos estudantes universitários são jovens, abordaremos, precisamente, o conceito de juventude, tal e como é encarado atualmente, à luz de várias teorias.

## 2. Explorando o conceito de Juventude

O conceito de juventude pode ser passível de múltiplas interpretações, não correspondendo só e unicamente à definição de uma determinada delimitação etária. Vai muito para além disso. “A noção de «Juventude» possui, em diversos registos de linguagem, um indubitável carácter polissémico, não correspondendo a um simples conjunto de indivíduos que se situa num determinado intervalo etário” (Fernandes [et al.] 2001, p. 9). Consoante a ciência social que o estuda e analisa, o termo juventude pode adquirir diversos sentidos, de acordo com os objetivos que nos propomos alcançar.

Nas últimas décadas têm-se verificado que o conceito de juventude tem vindo a sofrer oscilações em termos de categoria. Já não é somente entendido como uma fase da vida do ser humano, de certa forma homogénea, na qual se procuram traços indiciadores de uma cultura semelhante entre os seus membros. Neste momento, para além da homogeneidade procura-se igualmente a heterogeneidade, o que há de dissemelhante entre os membros da chamada juventude, quer em termos sociais, quer em termos culturais, condicionados, como não podia deixar de ser, também por dissemelhanças económico/financeiras. Para além da tendência da partilha de práticas culturais como forma de afirmação perante as gerações anteriores, os jovens partilham, sobretudo a necessidade de procurar “[...] a sua identidade e a sua autonomia [...] que ocorrem, hoje, em espaços-tempos precários e reversíveis vividos e experimentados diferentemente consoante as hierarquias sociais e os cenários de interação onde diariamente se atualizam.” (Lopes, 1997, p. 11)

Assim, quando nos referimos a jovens estudantes, a jovens trabalhadores, a jovens em contexto urbano ou a jovens em contexto rural, notamos claramente que existem diferentes significados atribuídos à juventude. Podemos, desta forma, referir diferentes juventudes, ou então, reconhecemos simplesmente a existência de diferentes culturas juvenis (Doutor, 2016). Não podemos, no entanto, dissociar qualquer uma destas diferentes culturas juvenis dos seus contextos sociais, tais como o capital escolar ou a classe social da qual são originários. Encontramos neste ponto referência à corrente classista (uma das formas de abordar o conceito de juventude), que abordaremos mais adiante.

Também para Pierre Bourdieu, (Fernandes [et al.] 2001) não existe uma juventude, mas várias juventudes, e bem diferenciadas, visto que não se conseguem

compreender, utilizando meramente um mesmo conceito, os diversos universos sociais, que pouco ou nada têm em comum.

Existe, presentemente, um certo acordo relativamente à condição da juventude, segundo o qual esta não é apenas uma condição biológica, derivando sim de dinâmicas com variadas origens. Esta multiplicidade resulta da teia de relações que se estabelecem em torno do jovem, que concomitantemente outorgam significados e definem a sua inserção nas sociedades (Doutor, 2016). Podendo reportar a condição juvenil ao facto de os indivíduos viverem um período específico do ciclo de vida, num determinado momento histórico, social e cultural, o que, aliás, sempre ocorreu ao longo da história do homem, verificamos igualmente que, na sociedade contemporânea, se assiste a um prolongamento da condição juvenil, principalmente devido aos longos percursos escolares (Pais, 2003), assunto abordado no ponto anterior.

Para compreendermos as condições sociais que envolvem o ser jovem nos tempos contemporâneos, José Machado Pais (2003) considera três correntes principais para a definição de juventude: a corrente geracional, a corrente classista e a corrente das culturas juvenis.

Segundo a corrente geracional, o conceito de juventude é apresentado como sendo uma fase da vida dando ênfase ao aspeto homogéneo da juventude. Segundo esta corrente em qualquer sociedade existem múltiplas culturas, sendo umas dominadas e outras dominantes, que se desenvolvem num contexto de uma doutrina predominante de valores. De acordo com Pais (2003) na corrente geracional os sistemas de valores têm por base duas teorias: por um lado, baseia-se nas teorias da socialização, e por outro, na teoria das gerações.

Esta teoria geracional pesquisa as descontinuidades entre as diversas gerações, pois só assim estas podem existir, uma vez que é a diversidade e não a continuidade que provoca a mudança de geração para geração. O que nos parece é que a corrente geracional determina a existência de uma cultura juvenil que contrasta com a cultura de outras gerações, nomeadamente as gerações adultas. Basicamente, podemos inferir que esta chamada corrente geracional entende que as várias culturas juvenis existem como oposição à cultura dominante vigente, sobretudo a das gerações mais velhas, com quem muitas vezes entram em conflito. Será, então, uma cultura de oposição. Porém, verificamos que na corrente geracional, para além da descontinuidade intergeracional, existe, igualmente, um processo de continuidade que é transmitido através de instituições de peso na sociedade, tais, como, a família ou a escola, através da

transmissão de valores, crenças, normas ou regras, que podem ou não ser seguidas, total ou parcialmente. Nesta corrente “admite-se a existência de uma *cultura juvenil* que, de certa maneira, se oporia à cultura de outras gerações [...]. Essa oposição poderá assumir diferentes tipos de *descontinuidades intergeracionais*, falando-se ora de *socialização contínua* ora de *rupturas, conflitos e crises intergeracionais*.” (Pais, 2003, p. 49)

A juventude pode igualmente ser abordada através da corrente classista. Esta refere que as diversas juventudes se diferenciam em função das suas classes de pertença, havendo tantas «juventudes» quantas as diferentes formas sociais de existência (Fernandes [et al.], 2001). O propósito desta corrente classista será o estudo da pertinência do passado, das formas e estilos de vida dos jovens, e de que maneira o seu *habitus* (usando o termo bourdieusiano) contribui para a formação dos seus gostos e opções, também e sobretudo em termos culturais. Pais (2003) refere isto mesmo, ou seja, nesta corrente classista a reprodução social é sobretudo observada em termos de reprodução de género, de raça, enquanto fazendo parte de classes sociais.

A corrente classista defende que, normalmente, a transição dos jovens para a vida adulta é acompanhada por disparidades sociais na distribuição do trabalho tendo em conta, como vimos, o género, a condição social, entre outras formas de discriminação. “Para esta corrente, as culturas juvenis são, elas mesmas, formas de resistência à cultura da classe dominante. [...] Entendidas como produto de relações antagónicas de classe, as culturas juvenis são sempre culturas de classe. Sendo assim, estas culturas apresentam-se como culturas negociadas num contexto cultural determinado por relações de classe, ou seja, culturas de resistência. Nesta corrente, a delinquência juvenil emerge como uma forma de resistência deliberada e consciente aos valores da classe dominante.” (Doutor, 2016, p. 166) Assim se percebe que esta corrente entenda as diversas culturas juvenis como subculturas, culturas à margem da cultura que predomina na sociedade.

Como referimos atrás, Pais (2003) procura estudar as duas correntes apresentadas anteriormente: a corrente geracional e a corrente classista estabelecendo um paralelismo entre elas, através da denominada cultura juvenil. Inversamente às duas correntes anteriores, a corrente designada cultura juvenil pode ser entendida como “[...] o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude [...], isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais [...]. É admissível que esses valores sejam mais ou menos prevalecentes e diferentemente vividos segundo os meios sociais e as trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem.” (Pais, 2003, p. 69)

Apesar de todas as características próprias da juventude que tem tanto de homogéneo como de heterogéneo, como já verificamos anteriormente, a juventude que está em estudo, tem um modo de vida diferente dos restantes, e que logo à partida os diferencia, que é o facto de estarem a estudar no ensino superior, não sendo nem mais nem menos importante que os restantes elementos que definem a juventude, mas tão somente diferente.

Mais recentemente verificamos que as mudanças na sociedade também favoreceram a crescente visibilidade das culturas juvenis, que apesar de não serem homogéneas, quase todas apresentam um ponto em comum, que tem vindo a desenvolver-se nos últimos anos e que se prende com a grande afluência à cultura digital, sobretudo a participação em redes sociais online, e que afeta indelevelmente as práticas culturais destes jovens, independentemente da sua origem social, económica ou do seu capital escolar. Será sobre esta cultura digital que nos iremos debruçar no ponto seguinte da nossa dissertação, uma vez que não podemos colocar, de forma alguma, esta realidade de lado e, igualmente, porque uma boa parte das perguntas do questionário feito se prende, precisamente, com a influência das tecnologias de informação e comunicação digital no quotidiano das práticas culturais dos estudantes da UBI.

### 3. Cultura juvenil e cultura digital: identidades

Refletindo sobre as sociedades modernas, no que à sua faceta mais intelectual diz respeito, e às várias crises que nela se encontram patentes, tais como a crise da cultura, a crise de pensamento ou a crise de conhecimento (Franco, 2017), o filósofo francês Gilles Lipovetski refere numa entrevista à *Revista Letras com Vida*:

“É a vitória do ecrã sobre o escrito, sobre os livros... O homem de hoje está mais atraído pelas coisas que mudam depressa, pelas novidades. Continua a haver curiosidade, mas rápida. O homem de hoje em geral não vive para o pensamento, mas vive mais para consumir o pensamento produzido. [...] O que está a mudar o mundo já não é tanto as ideias políticas, mas a técnica, os progressos técnicos, a tecnociência. Quem está a transformar as mentalidades é cada vez mais a televisão, a internet [...]” (Lipovetsky apud Franco, 2017, p. 120)

Com as palavras deste pensador está lançado o mote para este capítulo. A influência das novas tecnologias de informação e comunicação junto da população mais jovem.

Não poderemos falar de novas tecnologias, como as referidas por Lipovetsky, sem referir Manuel Castells. Este sociólogo espanhol estudou com profundidade esta nova forma de manifestação tecnológica a que chamou *sociedade em rede*. É mais que certo dizer que a sociedade em rede, tal como as que a antecederam, se organizou a partir da ação do homem, uma vez que é este que cria os mecanismos que lhe vão sendo proveitosos para o seu progresso enquanto ser humano social pensante. Este facto levou Manuel Castells (2005) a caracterizá-la como uma sociedade hipersocial, pois os indivíduos que a compõem integraram as tecnologias de comunicação no seu quotidiano e articularam-nas conforme as suas necessidades. Castells afirma que:

“Com a difusão da sociedade em rede, e com a expansão das redes de novas tecnologias de comunicação, dá-se uma explosão de redes horizontais de comunicação, bastante independentes do negócio dos media e dos governos, o que permite a emergência daquilo a que chamei comunicação de massas autocomandada. É comunicação de massas porque é difundida em toda a Internet, podendo potencialmente chegar a todo o planeta. É autocomandada porque geralmente é iniciada por indivíduos ou grupos, por eles próprios, sem a mediação do sistema de media. A explosão de blogues, vlogues (vídeo-blogues), podding, streaming e outras formas de interactividade. A comunicação entre computadores criou um novo sistema de redes de comunicação global e horizontal que, pela primeira vez na história, permite que as pessoas comuniquem umas com as outras

sem utilizar os canais criados pelas instituições da sociedade para a comunicação socializante.” (Castells, 2005, p. 20)

O estudo das redes horizontais de comunicação abordadas por Castells (2005), é bastante importante nos dias de hoje, quando nos defrontamos, cada vez mais, com formas menos hierarquizadas de organização de movimentos ou fluxos de comunicação e de relações sociais (quando comparados com a estruturação tipicamente hierárquica de muitas instituições sociais, tais como: empresas, escolas, famílias e também os órgãos de comunicação social como os jornais ou estações de rádio e televisão).

A este propósito Jenkins (2006) fala do conceito de *cultura participativa*, cultura esta que contrasta com a forma como há não muito tempo atrás se recebia a informação e a cultura passivamente, através dos vários meios de comunicação social. Tal como referem Castells (2005) e Jenkins (2006) a comunicação e a cultura existem, também e cada vez mais, muito por intermédio dos próprios consumidores que se tornam eles próprios produtores através da elaboração de conteúdos colocados em linha na internet, onde interagem com os seus pares. Verificamos, de facto, uma crescente importância das novas formas de legitimação entre pares e de uma consequente e progressiva perda de autoridade dos poderes culturais típicos da sociedade moderna (os especialistas, os críticos de arte, bem como dos professores e dos próprios pais). Para toda esta situação contribuem, sem sombra de dúvida, as novas culturas digitais.

E, ao falarmos de novas tecnologias falamos igual e necessariamente de globalização. É um facto que a globalização é um movimento que já não é novo, mas que se tem vindo a acentuar nas últimas décadas, e que fomentou uma série de mudanças, por agora conjunturais, mas que, com o passar dos anos talvez se tornem estruturais. Para Landes, professor na Universidade de Harvard, a “globalização é uma nova palavra que descreve um processo antigo: integração da economia global que começou verdadeiramente com o início da era colonial, há cinco séculos.” (Landes, 2003, p. 133). Landes refere que este processo se acelerou a partir do último quartel do século XX, sobretudo devido ao rápido desenvolvimento da tecnologia informática.

Esta *aceleração* é visível a vários níveis, desde logo ao nível económico, social bem como cultural. No seu estudo sobre as dimensões culturais da globalização Appadurai afirma, “[...] a globalização estreitou a distância entre elites, deslocou relações essenciais entre produtos e consumidores, quebrou muitos laços entre trabalho e vida familiar, obscureceu as linhagens entre locais temporários e vínculos nacionais imaginários.” (Appadurai, 2004, p. 22)

As ideias referidas por Appadurai (2004), refletem cada vez mais as mudanças que se operam na sociedade, falando do que para nós é relevante neste estudo, as formas de apropriação culturais sobretudo da chamada geração dos *Nativos Digitais*, apesar de se propagar um pouco por todas as camadas e estratos sociais (hoje em dia já se tornou vulgar vermos os avós destes jovens a utilizarem as redes sociais, sobretudo para comunicar e aceder à imagem do outro). Saiu-se muito rapidamente para além da fronteira territorial, muitos consumidores, como já referimos atrás, tornaram-se produtores (o alastramento dos blogues é disso exemplo, como aliás refere Castells 2004), o acesso a bens culturais que, até há bem pouco tempo, era privilégio de poucos (as elites culturais), tornou-os visíveis para quase todos (por exemplo, aumentam cada vez mais, na internet, os sítios de Museus espalhados por todo o mundo que mostram as suas coleções, em livre acesso a quem as queira visitar, virtualmente). Aceder ao minuto a acontecimentos globais está, atualmente, à distância de um clique.

Ainda segundo Appadurai (2004) a comunicação eletrónica, os novos meios digitais de informação e comunicação, entraram na nossa rotina quotidiana de forma tão rápida, que se tornaram numa ferramenta indispensável para que cada individuo ‘*se imagine como um projeto social em curso*’, eu diria que igualmente como um projeto cultural inesgotável, uma vez que este tem que ser constantemente revisto devido, sobretudo, ao grande afluxo de informação a explorar.

Afirma-se, como já aludimos, que vivemos na era dos *Nativos Digitais*. Esta expressão criada pelo americano Marc Prensky, um especialista em educação e tecnologia, em 2001, significa para o seu criador as gerações que já nasceram neste mundo de realidade dupla: a física e a digital, sendo que as duas convivem diariamente sem problemas, ou seja, o virtual será um prolongamento do real sendo que o inverso também se pode ser aplicado.

Que as novas tecnologias influenciam as formas de apropriação cultural dos jovens é já um dado adquirido. Porém, se isso é positivo ou negativo continua a ser um tema de estudo e debate. Existem duas visões preponderantes sobre o assunto: o determinismo tecnológico e a construção social das tecnologias. Segundo Mesch (2009) o determinismo tecnológico apresenta-nos a internet como uma energia inovadora que “tem uma influência profunda nas crianças e nos jovens; esta tecnologia gera novos padrões de expressão, comunicação e motivação. Nesta teoria, têm sido usados vários termos para descrever esta nova geração, tais como ‘Geração Net’, ‘Geração Millennium’ e ‘Nativos Digitais’. Estes rótulos tendem a identificar um vasto grupo de

jovens que cresceram durante a expansão da internet. [...] Estes jovens criam e usam estes espaços digitais para socializarem, expressarem a sua identidade, e para a produção e consumo de informação.” (Mesch, 2009, pp. 50-51 tradução livre)<sup>12</sup>

Sobretudo nas sociedades ocidentais, cada vez mais verificamos que os jovens não dispensam os computadores, os tablets ou os smartphones, tornando a sua vida dependente destes objetos e das inter-relações que através destes estabelecem.

A outra teoria, atrás referida, defende que as tecnologias de informação e comunicação não transformam os jovens numa classe homogénea. Mesch (2009) refere que para estes teóricos a tecnologia é apenas uma das partes que compõem a sociedade, defendendo que, mesmo dentro dos grupos que usam as novas tecnologias, existem muitas diferenças em relação a pontos como: a dimensão do acesso, as suas competências e os significados que lhes associam. Segundo eles, a internet pode ser integradora das características das novas formas de cultura dos jovens, mas igualmente reprodutora de antigos modos de fazer cultura.

Em relação à discrepância entre estas duas teorias, pensamos que, apesar de os jovens estarem crescente e profundamente ligados às novas tecnologias, de tal forma que podemos afirmar que existe um paralelismo entre cultura juvenil e cultura digital, que cada vez mais se acentua e que cada vez mais tem que ser tido em conta por quem pretende aceder a este público tão especial, e que representa o futuro de qualquer nação, os jovens continuam integrados numa sociedade e numa família com uma cultura própria, na qual cresceram e que os influencia de maneira indissipável.

Terminamos este capítulo reforçando, mais uma vez, que o comportamento dos jovens e das suas práticas culturais, englobando, obviamente, os estudantes universitários, tem vindo a ser profundamente alterado pelos novos meios digitais, motivando o aparecimento de subculturas e provocando, como diz António Fidalgo, *‘fragmentação social e cultural’*.

“A fragmentação social e cultural provocada pelos meios digitais obriga o indivíduo a uma continuada revisão dos parâmetros culturais que lhe servem de referência. E, aqui, ganha sentido a ideia da existência como projeto cultural. Os meios digitais não representam apenas um alargamento societal e cultural da existência dos indivíduos e dos grupos, representam também um aprofundamento histórico e cultural, precisamente na

---

<sup>12</sup> [...] has profound influence on children and youth; technology generates new patterns of expression, communication, and motivation. In this view, various terms have been used to describe this generation of youth, including “Net-generation”, the “millennium generation”, and “digital natives”. These labels attempt to identify a large group of young adolescents who grew up during the expansion of the internet. [...] These young create and use digital spaces for social interaction, identity expression, and media production and consumption.

medida em que cada sociedade tende a digitalizar o seu património e a torná-lo o mais acessível possível urbi et orbi.” (Fidalgo, (s.d.), p. 18)

É notório nesta ideia o que já atrás foi referido, ou seja, as novas tecnologias não só criam novas formas de cultura e de acesso à cultura, como servem identicamente para divulgar as mais antigas. Resta saber qual é o meio favorito que os jovens adotam para aceder à cultura, e se um é impeditivo de outro ou se são complementares. Através do questionário realizado talvez cheguemos a alguma conclusão, em relação àquele que é o universo estudantil da UBI.

#### 4. Os estudantes universitários

Depois do exposto nos capítulos anteriores no que à noção de juventude diz respeito, deparamo-nos com o facto de os jovens que enquadram este estudo terem um modo de vida particular em relação aos outros jovens, ou seja, encontram-se a estudar no Ensino Superior. Esta situação já os distingue, ou deveria distinguir, no que às suas práticas culturais concerne. A juventude sobre a qual investigamos, mesmo tendo em comum o facto de todos partilharem a vida de estudante, não é naturalmente homogénea, não só porque dentro de uma mesma instituição, neste caso a UBI, se encontra dispersa por diferentes faculdades, com alguma distância em termos de localização, bem como em cursos diferentes, como também tem distintas origens (geográficas, económicas, sociais ou culturais). Tudo isto tem de ser tido em conta aos analisarmos a vivência cultural destes estudantes.

Ao longo dos séculos, e quando observamos o percurso histórico das Universidades em Portugal, os estudantes universitários sempre se distinguiram da restante população, sobretudo nas suas atitudes, e nem sempre pelos melhores motivos.

Se olharmos para o tempo da fundação da Universidade, em Coimbra (em 1290), na época medieval, e nos séculos seguintes, verificamos que os estudantes foram, mesmo, obrigados a viver à parte da restante população para evitar conflitos. Nesta altura não se pode falar, ainda, de movimento estudantil, mas sim, diremos nós, de *má educação estudantil*. “Entre os séculos XVI e XVIII não se conhecem notícias de movimentações colectivas de estudantes, mas foi constante a repetição de arruaças, praticadas, em regra, através de um relacionamento desordeiro e violento com a população.” (Estanque & Bebian, 2007, p. 27) Porém, apesar de tudo, os estudantes universitários sempre gozaram de privilégios que os favoreciam em relação aos restantes. Como dizem Estanque e Bebian (2007), apesar das escaramuças com a população civil, os desmandos estudantis sempre foram tolerados grandemente devido ao estatuto social privilegiado dos alunos universitários.

De facto, durante muitos séculos e até há bem pouco tempo, ser estudante universitário era prerrogativa de muito poucos, que eram preparados para ocupar na sociedade um estatuto elevado, em relação à restante população.

Do ponto de vista histórico, verificamos que os movimentos estudantis sempre tomaram papel ativo e influenciaram o campo político, social e cultural das

universidades e das cidades. As suas formas de luta, reivindicação e atividade participativa sempre se caracterizaram pelo dinamismo e a forte politização.

A primeira “mobilização estudantil mais visível passou primeiramente pela organização dos batalhões académicos. A partir de 1808, por diversas vezes se constituíram unidades de natureza paramilitar que integravam estudantes universitários, embora a sua importância operacional tivesse sido quase sempre mais simbólica do que real.” (Estanque & Bebiano, 2007, p. 28)

Em meados do séc. XIX a situação da universidade acalmou, surgindo, porém, paulatinamente algum autoritarismo por parte, quer da administração quer do corpo docente. Esta situação provocou a indignação de uma geração de alunos “parte da qual constituiria o que mais tarde se designaria por *Geração de 70*, marcada pela insatisfação perante os rumos do país e a imobilidade da instituição escolar que frequentavam, enquanto sinal que tomavam como de uma decadência mais geral. Mas também como instrumento criador de uma profunda vontade de mudança.” (Estanque & Bebiano, 2007, pp. 28-29) Este ambiente universitário pesado, provocou algumas revoltas internas. Também por esta altura começaram a ser incentivadas, entre os estudantes, algumas formas de associativismo ligado sobretudo à cultura, que se revelava sobretudo em áreas como a literatura, a música e o teatro. Estas mudanças associativas dariam origem à primeira Associação Académica.

Somente nos inícios do séc. XX, começaram a ocorrer as primeiras greves académicas de protesto. “Em 1910, com a implantação da República, a Universidade entrará numa fase particularmente conturbada. Logo a seguir ao 5 de Outubro, os estudantes invadiram a Sala dos Capelos, partindo cadeirais e rasgando as vestes dos lentes. E a 23 de Outubro, no mesmo dia em que era suprimida a Faculdade de Teologia, era abolido o foro académico e declarado facultativo o uso da capa e batina, terminando-se também com todos os cerimoniais académicos” (Estanque & Bebiano, 2007, p. 32). Entretanto em 1910, surgiria a Universidade de Lisboa. Com a abertura desta universidade verificamos que, durante a Primeira República, a ação reivindicativa estudantil muda de Coimbra para a capital do país. Em 1911 abriria as suas portas a Universidade do Porto e, naturalmente, os seus estudantes juntar-se-iam às reivindicações.

A instauração da ditadura militar em 1926, que duraria até 1932, levou a grandes agitações nos meios académicos, sobretudo dos estudantes, nomeadamente dos republicanos (Faria, 2000). A situação de ditadura começa a criar nos estudantes uma

clara percepção política que “liberta das preocupações do processo produtivo e disponível, por isso, para ‘pensar’, exercita a sua consciência crítica através do acesso à cultura e assume posições políticas perante as realidades do seu tempo – uma minoria socialmente privilegiada, mas muito politizada pela sua juventude.” (Faria, 2000, p. 37)

Com o envolvimento das três universidades existentes naquela época, os estudantes usaram a propaganda, impressa na academia, como forma de tentar derrubar o regime e dar a conhecer as suas razões e lutas à restante população. Entre outras ideias, próprias de quem é formado para pensar, já neste tempo defendiam a existência de uma escola única, obrigatória, laica e gratuita para todos (Faria, 2000).

Este período da história de Portugal favoreceu, nas universidades, o surgimento de grupos, que embora minoritários, tiveram grande importância nas lutas políticas e sociais. “Neste sentido, podemos afirmar que as lutas estudantis registadas em finais dos anos 20 e inícios dos anos 30 se inscrevem no que foi o último combate pelo liberalismo contra a Ditadura que, afirmando-se transitória, se prolonga indefinidamente” (Faria, 2000, p. 37). E prolongou. Até ao 25 de abril de 1974, Portugal viveu um regime repressivo a todos os níveis, incluindo, como é óbvio, culturalmente.

Mas outras lutas houve durante este profícuo século XX. Não podemos deixar de referir os anos 60, época em que os movimentos estudantis se espalharam por toda a Europa. Em Portugal esta tendência reivindicativa dos estudantes cresceu substancialmente neste período. Os ideais passavam sobretudo pela defesa da liberdade e da igualdade que inspiravam a luta contra um regime tirânico. Defendia-se a autonomia das universidades e veementemente a oposição à guerra colonial. Alguns estudantes foram, inclusivamente, enviados para a guerra que combatiam, nas colónias. Foram anos de grandes lutas estudantis.

Após a conquista da democracia, o ensino também se democratizou, embora lentamente. As formas de luta dos estudantes ganharam novo rumo e desde então até aos nossos dias elas pautam-se, maioritariamente, por preocupações mais relacionadas com o trabalho e a reorganização do próprio sistema de emprego, da emigração dos estudantes licenciados ou do pagamento de propinas mais ou menos elevadas. Verificase, pois, uma profunda transformação no cenário do ativismo estudantil universitário em Portugal cujas posturas, discursos, desejos e compromissos se tornaram notavelmente diferentes. O debate de cariz mais ideológico deu lugar ao cumprimento de necessidades e expectativas imediatas mais do que políticas (o afastamento dos estudantes da política é notório e cada vez maior), sobretudo económicas. Para além destas questões a vertente

associativa das universidades manifesta, igualmente, preocupação com questões ambientais, sociais ou culturais, que traduzem o quotidiano de um país.

Apesar ou talvez devido a todas estas alterações, os estudantes do ensino superior, não parecem diferir grandemente da restante população juvenil, no que a práticas culturais diz respeito. Balsa e colaboradores (2001), após aplicação de um inquérito socioeconómico aos estudantes do ensino superior em Portugal, não verificaram haver nestes “um «efeito escolar» nas suas práticas culturais [...], ou seja, o facto de [...] se encontrarem a estudar no nível de ensino mais elevado, não os predispõe necessariamente para um consumo cultural (num sentido tanto estrito como lato do termo) mais elevado. [...] O ensino superior parece desempenhar um papel essencialmente «instrumental», enquanto local onde se adquire determinada competência e não como local de formação mais ampla” (Balsa (et al.), 2001, p. 142). Volvidos 18 anos sobre este estudo, como se comportarão os estudantes da UBI face às práticas culturais? O facto de estudarem no ensino superior terá trazido algumas mudanças no seu comportamento no que à cultura diz respeito? Após análise dos inquéritos aplicados, veremos qual a resposta a estas e outras questões.

De qualquer forma referimos que a UBI possui dez núcleos culturais, em áreas tão diversificadas como o teatro, o cinema ou a música. Isto já indicia interesse e dinamismo dos alunos, em relação a algo mais do que a mera formação académica.

## **5. Apresentação breve da Universidade da Beira Interior**

A Universidade da Beira Interior é, desde alguns anos a esta parte, uma das principais fontes de dinamização da cidade da Covilhã, tanto a nível económico, de criação de emprego, a nível social ou cultural.

Tendo tido início em 1973 como Instituto Politécnico da Covilhã, poucos anos mais tarde, em 1979, transformou-se em Instituto Universitário da Beira Interior e, finalmente, em 1986 mudou para Universidade da Beira Interior, tendo vindo a crescer ao longo de todos estes anos, quer em termos de património edificado quer em termos de oferta educativa, com o aparecimento regular de novos cursos de 1.º, 2.º ou 3.º ciclos de estudos superiores.

A UBI tem, portanto, por missão “Promover a qualificação de alto nível, a produção, transmissão, crítica e difusão de saber, cultura, ciência e tecnologia, através do estudo, da docência e da investigação.” (www. crup.pt)

Focando-nos especificamente na função cultural da UBI, verificamos que esta é mencionada de várias formas e em múltiplos locais, como prova da importância desta característica da sua missão enquanto universidade moderna e com ideias arrojadas, preocupada com uma mais abrangente formação dos seus alunos. Na página do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) (acedida em 13 fevereiro 2019) é referido que a UBI possui “[...] oferta de uma formação humana, cultural [...]”. Igualmente, de acordo com o Relatório de Atividades e Contas Consolidadas de 2017, a UBI pretende “[...] estimular a formação intelectual [...]”, bem como promover e organizar “[...] ações de apoio à difusão da cultura humanística, artística [...]”.

Atualmente com 7500 estudantes, dos quais cerca de 20% são estrangeiros (aproximadamente 1500), provenientes de 47 nacionalidades diferentes, sendo os países mais representados o Brasil, Angola, Cabo Verde e Timor, bem como um número considerável de alunos de Erasmus, a UBI tem, conseqüentemente, uma responsabilidade acrescida no acolhimento e integração quer social quer cultural dos seus alunos, uma vez que estas novas formas de mobilidade proporcionam verdadeiros intercâmbios culturais e tecnológicos.

Culturalmente a UBI tem uma representação fortalecida através da existência de várias formas de manifestação culturais promovidas por exemplo, pelo Cineclubes (CCBI) da UBI que, embora com menos atividade desde alguns anos a esta parte, vê o seu papel de transmissão e divulgação de vários géneros de filmes, assegurada por

sessões de cinema promovidas pelo núcleo de estudantes de Cinema; pelo Teatrubi – Teatro Universitário, com o festival de teatro universitário anual, que trás ao palco grupos de teatro de várias universidades, sejam portuguesas ou estrangeiras; pelas Tunas académicas que representam a Universidade em várias manifestações culturais em Portugal ou fora dele ou pelo Coro da UBI, que igualmente a representa de forma exemplar.

Para além disso, cada associação de curso dinamiza, ao longo do ano académico, iniciativas dos mais variados carizes que, para além do envolvimento dos alunos pertencentes ao curso, procuram envolver toda a comunidade académica, bem como a sociedade civil. De facto, a procura do envolvimento da população é apanágio da UBI, desde logo através da Biblioteca da Universidade, que está aberta ao público da cidade mediante o pagamento de uma quota simbólica; nas salas exteriores nem sequer é necessário o uso de cartão de aluno, podendo a população usufruir destas salas para estudar, nomeadamente os alunos do secundário, como pudemos verificar localmente, aquando do preenchimento dos questionários.

Igualmente o Museu dos Lanifícios (MUSLAN), pertencente à Universidade, sendo um organismo com autonomia administrativa e financeira, tutelado pelo Ministério da Educação e Ciência, cumpre um papel primordial na divulgação da história e cultura da cidade da Covilhã.

O Museu dos Lanifícios faz parte da Rede Portuguesa de Museus desde 2002, e tem por objetivo a salvaguarda do património associado a uma das mais antigas indústrias humanas, a indústria têxtil. Está implantado em três espaços: a Real Fábrica dos Panos, a Real Fábrica Veiga e as Râmolas do Sol.

O MUSLAN tem duas exposições permanentes: exposição permanente das Tinturarias da Real Fábrica dos Panos e a exposição permanente do Núcleo Museológico da Real Fábrica Veiga / Centro de Interpretação dos Lanifícios.

Para além das exposições permanentes promove, em espaços de exposições temporárias, nos dois núcleos acima mencionados, eventos de natureza artística, bem como iniciativas de natureza científica e cultural como seminários, conferências, palestras sobre temáticas diversas (história, património e arqueologia industrial, entre outras).

Para além dos alunos do presente, a UBI tenta igualmente manter contacto com os alunos do passado, referindo no seu sítio da net, em relação a este assunto que:

“A dinamização de uma relação de proximidade com os antigos alunos da Universidade da Beira Interior é um dos fortes compromissos que a equipa reitoral assumiu no âmbito do seu plano de ação – os nossos alumni- são a parte maior dos mais de 40 anos de história da Universidade da Beira Interior. Com o seu conhecimento contribuíram ao longo deste percurso, para o desenvolvimento da região, do país e do mundo.

Os Alumni constituem um dos principais ativos da Instituição e são a expressão máxima do sucesso da UBI no cumprimento da sua missão de ensino, formação e investigação. O seu percurso de vida e o exemplo de sucesso profissional, associados a um sentimento de pertença à academia, despertam entusiasmo nos novos estudantes, são exemplos que fomentam a aprendizagem e consolidam o prestígio da Universidade da Beira Interior.

Conhecedores da dimensão social e cultural da Universidade os Alumni asseguram uma ligação privilegiada à sociedade e ao tecido produtivo. São por isso chamados a intervir no desenvolvimento da Universidade, a participar na sua divulgação e valorização, a incentivar a cooperação interinstitucional e a atuarem ativamente como cidadãos do mundo.” (www.ubi.pt)

Existe, como é verificável no sítio da UBI, um gabinete destinado aos assuntos relacionados com os antigos alunos. Assim, “o Gabinete dos Alumni tem como missão estabelecer uma relação forte com os antigos alunos, potenciando a criação de um conceito de comunidade académica global, que contribua para a promoção e preservação do património cultural e de capital humano da Universidade da Beira Interior.

A nossa ambição é vincular todos aqueles que se graduaram ou estudaram na UBI, seguindo o mote ‘uma vez ubiano para sempre ubiano’.” (www.ubi.pt)

## IV. Metodologia

### 1. Objetivos do estudo

Numa sociedade em constante mudança e evolução, é fundamental, tanto na política, na economia ou a nível social, conhecer a população de um país. Uma das preocupações atuais, sobretudo no que diz respeito aos agentes culturais, é o conhecimento dos vários públicos da cultura. Este conhecimento é imprescindível para uma correta adequação da oferta à procura.

As universidades são um polo fundamental para a criação de formas de implementação e estudo da cultura, das manifestações culturais e dos públicos da cultura. Assim, como as universidades são instituições autónomas, a sua responsabilidade é decisiva nestes estudos. Dependerá, sobretudo, da sua capacidade de trabalho, da sua imaginação, e da confiança que conseguem inculcar naqueles que dela fazem parte, como sendo espaços democráticos de cultura e conhecimento.

O objetivo deste estudo é o conhecimento das práticas culturais e de que forma acedem à cultura os alunos da Universidade da Beira Interior. Este é o primeiro passo para averiguar a necessidade, ou não, de alterações a nível da oferta cultural e da forma pela qual ela é transmitida pela Universidade, e mesmo pela cidade da Covilhã, junto da população estudantil da academia.

Assim sendo, são focados vários pontos:

- Conhecer quais as práticas culturais dos alunos da UBI;
- Averiguar se a Universidade contribui para o desenvolvimento dessas práticas culturais dos alunos e até que ponto estarão estes atentos à oferta cultural da UBI;
- Verificar se os estudantes estão familiarizados com a produção cultural feita através de múltiplos agentes culturais da cidade da Covilhã;
- Verificar se as *novas* tecnologias digitais afetam as opções culturais dos estudantes e como estas escolhas se relacionam com os métodos tradicionais de aquisição de cultura.

## **2. Técnica de investigação: pesquisa quantitativa**

Como técnica de investigação, para tentar dar resposta ao objetivo de estudo que nos propusemos, optou-se por selecionar a recolha de dados através do Inquérito por Questionário, junto dos alunos dos vários ciclos de estudo da UBI, por entendermos ser a prática que mais se adequa a este estudo.

“Em ciências sociais, o inquérito é uma pesquisa sistemática e o mais rigorosa possível de dados sociais significativos, a partir de hipóteses já formuladas, de modo a poder fornecer uma explicação. O inquérito, como método, define o melhor caminho a seguir para alcançar o objectivo científico que se pretende.” (Birou, 1982, p. 208)

Para além do que afirma a definição de inquérito, em Ciências Sociais, de Alan Birou (1982), ou seja, utilizar esta ferramenta quando pretendemos identificar certas características ou factos sobre a população em estudo com a intenção de confirmar ou verificar determinada hipótese, o inquérito pode igualmente ser usado quando pretendemos apenas descrever uma população. Foi, precisamente, esta última valência do inquérito por questionário que se usou nesta dissertação, cujo objetivo é identificar as práticas culturais dos alunos da UBI.

Um dos problemas com que nos defrontámos, prende-se com a decisão em relação ao tamanho da amostra adequada para o estudo, constatando não existir uma resposta simples a esta questão, existindo vários procedimentos a ter em conta de acordo com cada investigação a ser realizada. Será necessário ter em conta o tipo de investigação, qual o propósito da mesma, a complexidade do projeto, os antecedentes de investigação na mesma área de estudo, entre outros fatores (Wimmer & Dominick, 2017).

O inquérito elaborado passou por uma fase de pré-teste, permitindo a alteração de alguns pontos ou inclusão de outros. Finalmente optou-se por um questionário composto por 22 questões, sendo 20 fechadas, pois permitem maior facilidade no tratamento, apesar de recolherem informação menos detalhada (o inquirido está limitado às opções de resposta apresentadas no questionário) e 2 abertas (dando liberdade ao inquirido para estruturar a resposta), sendo que 1 delas é uma alínea de outra questão fechada. A versão integral do questionário pode ser consultada no Anexo 1.

O questionário foi elaborado pesquisando alguns pré-existentes, nomeadamente os utilizados na bibliografia consultada,<sup>13</sup> e de acordo com o objetivo pretendido.

### 3. Aplicação do questionário

Apesar dos custos que a aplicação de um questionário em formato papel acarreta, escolheu-se, precisamente, este meio para a divulgação dos mesmos, por se entender ser mais fácil obter uma resposta positiva, o que realmente se veio a verificar.

Optou-se pela realização de 500 inquéritos, a uma população de 7500 estudantes (o mínimo de 300 questionários é o número apontado por muitos sociólogos como uma regra a ter em conta. Isto porque este número mínimo está associado a uma certa garantia de se conseguir alguma variabilidade de respostas e, por consequência, de resultados).

Durante o mês de abril de 2019 os questionários foram distribuídos à população em estudo. Como o alvo dos inquéritos foram os alunos da UBI, foi na Universidade que a grande maioria deles foram preenchidos. Cerca de 150 questionários foram preenchidos em contexto de sala de aula (em turmas dos cursos de Psicologia, Arquitetura e em dois cursos de Letras), tendo os outros sido distribuídos aleatoriamente na Biblioteca e nos corredores das várias faculdades. Além disso, uma pequena parte dos questionários foi distribuída na Biblioteca Municipal da Covilhã, local bastante frequentado pelos alunos da UBI.

Dos alunos inquiridos verificou-se que o grosso da amostra diz respeito a alunos que frequentam o 1.º Ciclo de Estudos (Licenciatura), sendo que, uma pequena percentagem foi preenchida por alunos de 2.º Ciclo (Pós-Graduação e Mestrado) e uma percentagem mais reduzida ainda, corresponde a alunos a frequentar um novo mestrado ou um doutoramento. Sendo a amostra composta por aleatoriedade simples, o facto de alguns alunos pertencerem ao 2.º e 3.º ciclos proporcionou a oportunidade de verificar eventuais alterações nas opções culturais, tendo em conta os conhecimentos académicos adquiridos, bem como a contribuição da universidade para incremento das práticas culturais.

---

<sup>13</sup>A recolha de algumas variáveis e opções de resposta partiram da análise dos questionários utilizados nos seguintes estudos: *Estudantes do Ensino Superior do Porto* (2001), *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas* (2000)

#### **4. Tratamento dos inquéritos**

Dos 500 inquéritos realizados, 2 foram invalidados, por terem nitidamente sido preenchidos utilizando o gozo tão típico de alguns estudantes, apesar de estarem a realizar um percurso que lhes deveria dar alguma seriedade, pelo menos em determinadas situações. Portanto, 498 inquéritos foram considerados válidos.

É importante frisar que a aceitação por parte dos alunos, em relação ao preenchimento dos inquéritos, foi muito positiva (somente 3 alunos se recusaram a preencher), e por vezes entusiasta.

Para a análise estatística dos dados recolhidos nos inquéritos, foi utilizado o software aplicativo SPSS, bem como para a construção de tabelas e gráficos.

## V. Apresentação e análise dos resultados

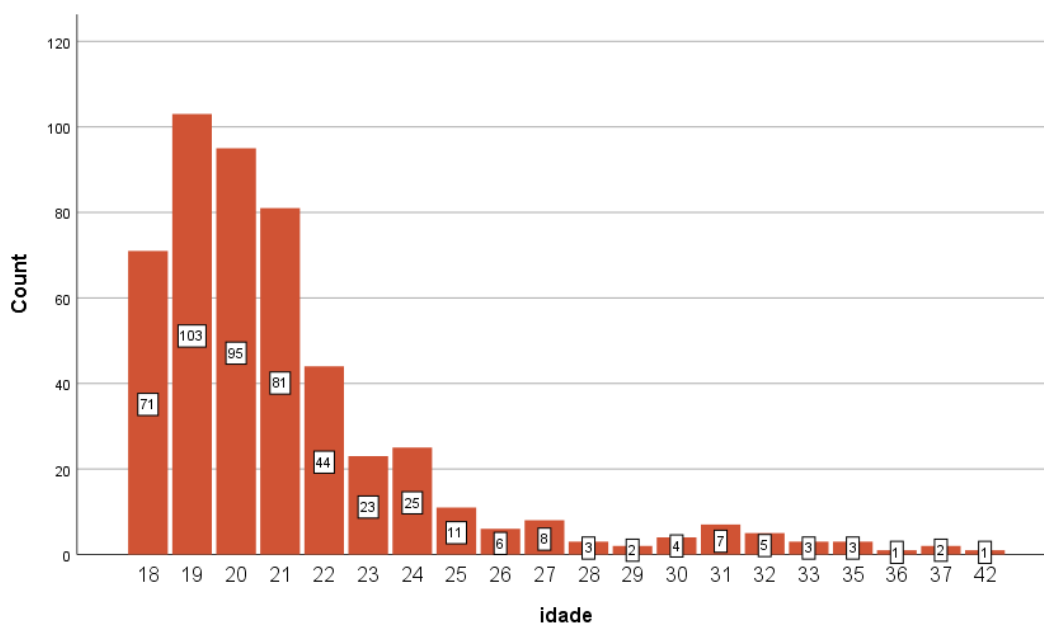
A presente dissertação versa sobre o tema das práticas culturais e das formas de acesso à cultura dos alunos da UBI, como bem sabemos. O que se pretendeu com as questões colocadas no questionário realizado é, precisamente, dar uma resposta, o mais precisa possível, a estas indagações, para as quais pensamos ainda não existir, até ao momento, uma pesquisa académica.

### 1. Caracterização da amostra

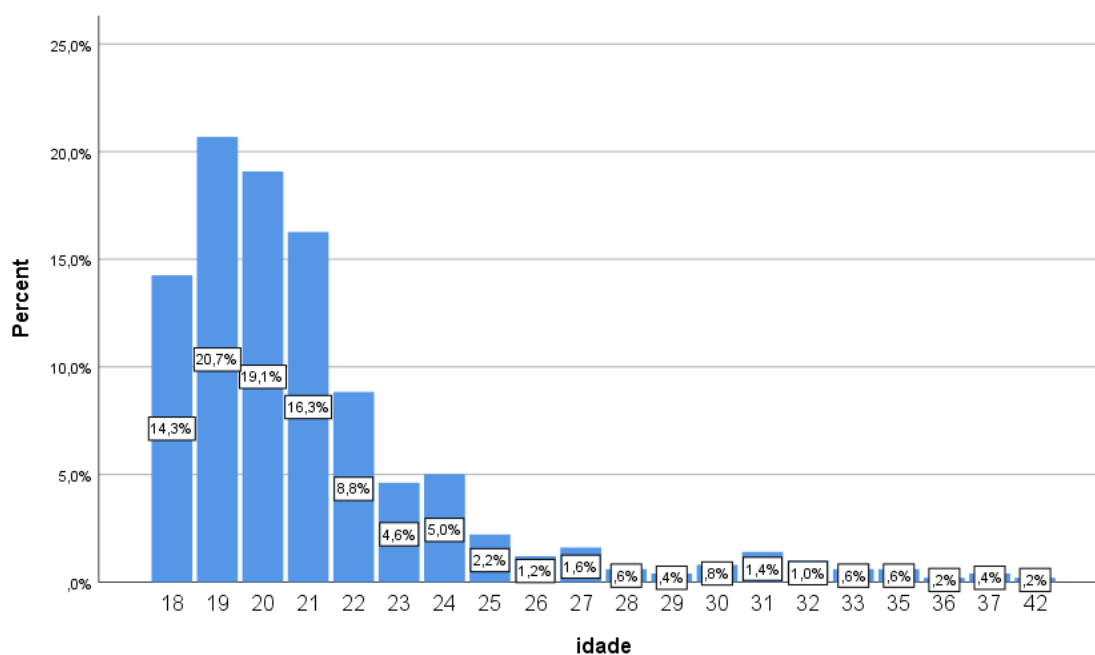
O questionário foi, como já vimos, realizado a 500 alunos tendo sido validados 498. Começou-se o questionário a partir das variáveis de caracterização mais básica, tais como, a idade, o sexo, habilitações literárias (do próprio, do pai e da mãe), nacionalidade e local de residência em termos de habitantes. Assim, verificámos que a média de idades é de aproximadamente 21 anos (ver tabela T.1). Mais detalhadamente podemos confirmar nos gráficos G.1 e G.2 (na página seguinte) o número e a percentagem de estudantes distribuídos entre os 18 e os 42 anos de idade. A maior percentagem de alunos, 20,7% tem 19 anos e 19,1% tem 20 anos.

**Tabela T.1 Média de Idades dos Alunos**

idade		
N	Valid	498
	Missing	0
Mean		21,23

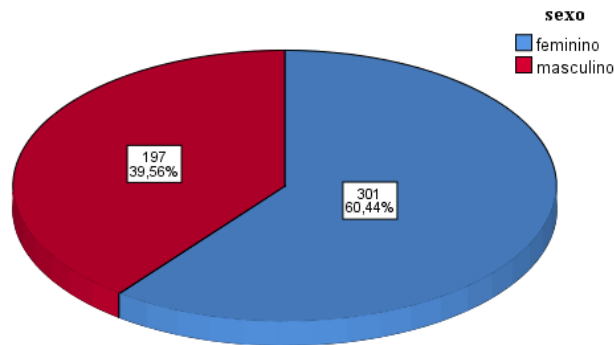


**Gráfico G.1 – Idade em número dos alunos inquiridos**



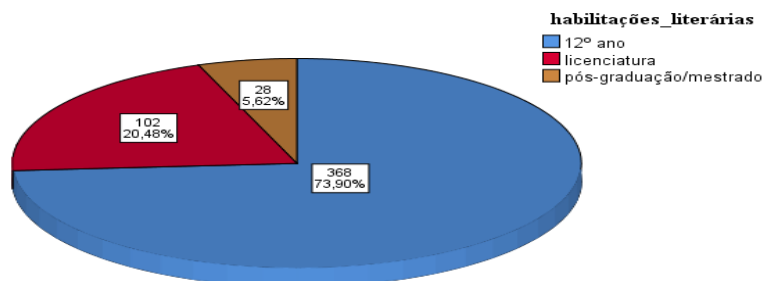
**Gráfico G.2 – Idade em percentagem dos alunos inquiridos**

Do número total dos alunos inquiridos 60,44% são do sexo feminino e 39,56% do sexo masculino, o que indicia um maior número de mulheres do que de homens a estudar na UBI, neste momento (Gráfico G.3, na página seguinte). Este valor é coerente com as estatísticas que indicam uma crescente feminização do ensino superior, desde alguns anos a esta parte.



**Gráfico G.3 – Distribuição dos alunos por sexo**

Quanto às habilitações literárias, pelo gráfico G.4, percebemos que a maioria dos alunos inquiridos tem o 12.º ano (73,9%), com a licenciatura foram inquiridos 102 (20,48%) e com pós-graduação ou mestrado foram inquiridos 28 (5,62%) alunos. Ou seja, a maior percentagem de alunos inquiridos frequenta neste momento a licenciatura, 20,48% frequentam o mestrado e a restante percentagem de alunos inquiridos, está atualmente a frequentar outro mestrado ou o doutoramento. Esta distribuição parece-nos normal em termos de alunos inquiridos numa amostra aleatória, tendo em conta que o maior número de estudantes de qualquer universidade são, precisamente, os estudantes de licenciatura.



**Gráfico G.4 – Habilitações literárias dos alunos**

Relativamente às habilitações literárias dos pais, a UBI mantém uma certa tendência que se verifica a nível nacional, com a consulta que fizemos aos Dados do Inquérito às condições socioeconómicas dos estudantes do ensino superior em Portugal, de 2017. Neste caso verificamos que a maioria dos pais tem o 12.º ano de escolaridade, estando até bastante equiparados 35,96% pai e 35,77 % mãe (ver gráficos G.5 e G.6).

Se atentarmos aos estudos superiores verificamos que são as mães que detêm a maior percentagem de formação superior no que diz respeito a licenciatura e a pós-graduação ou mestrado. Se falarmos em doutoramento são os pais que estão em maioria, 10 pais doutorados e apenas 1 mãe. Existem ainda muitos pais com a formação básica e bastantes com estudos até ao 6.º ano (22,02% pai e 15,85% mãe). Com esta nova geração de estudantes e a democratização do ensino, esta realidade irá, certamente, ser alterada nos próximos anos, tendo em conta que há cada vez mais pessoas a frequentar o ensino superior.

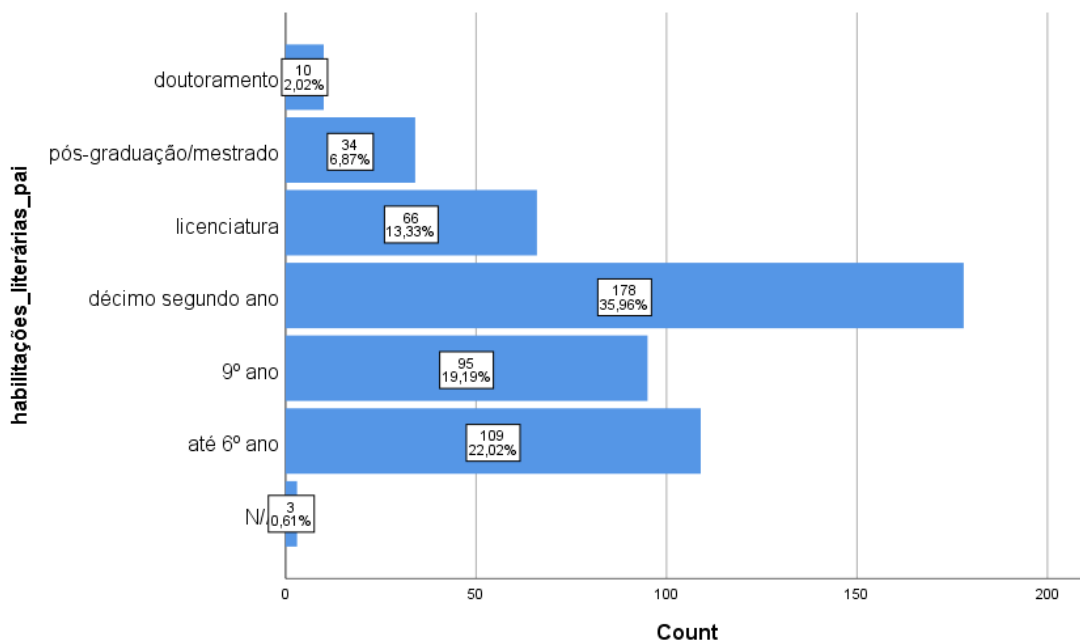


Gráfico G.5 – HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DO PAI

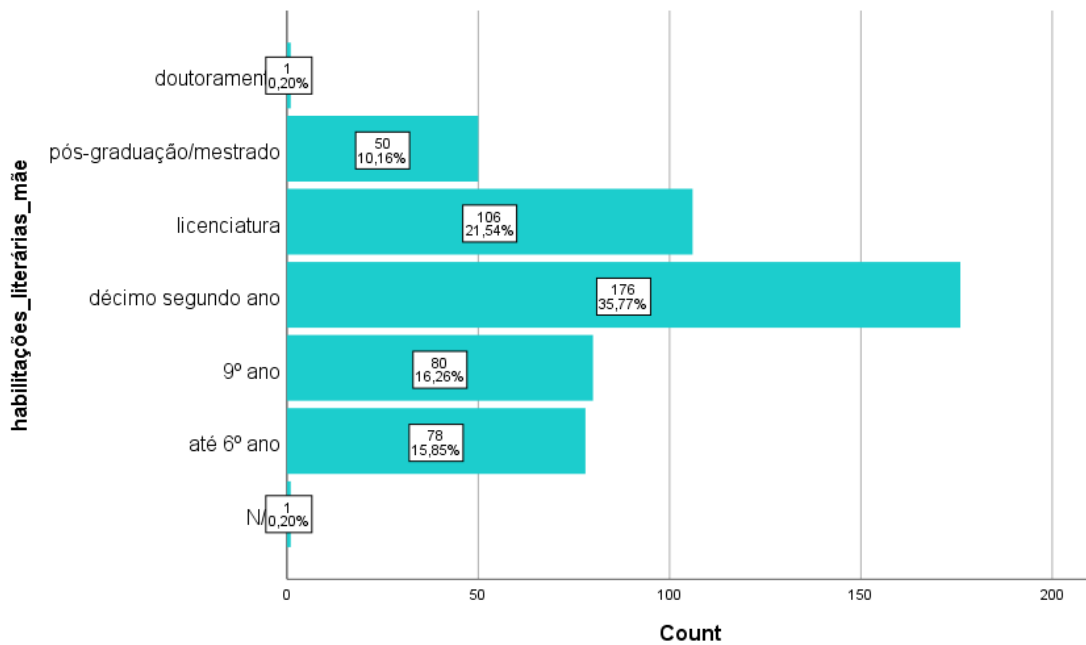


Gráfico G.6 – Habilitações literárias da mãe

Quanto à proveniência geográfica dos estudantes verificamos que a grande maioria são portugueses (80,52%), sendo que, em segundo lugar surgem os alunos de origem africana (8,63%), o que está de acordo com a tendência da UBI em receber cada vez mais alunos dos PALOP. Em terceiro lugar surge a América do Sul, com uma representação de 7,63%, (ver gráfico G.7).

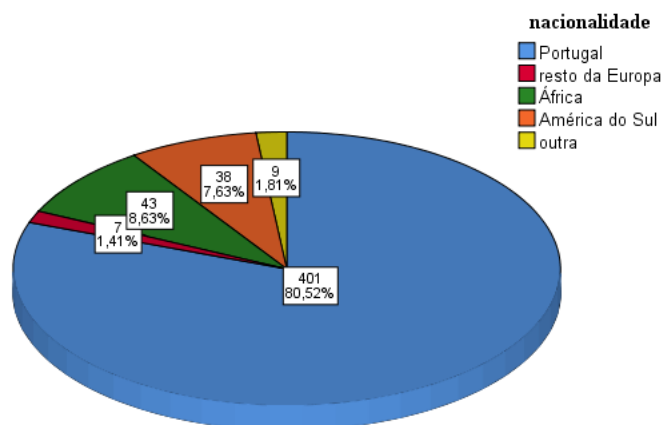
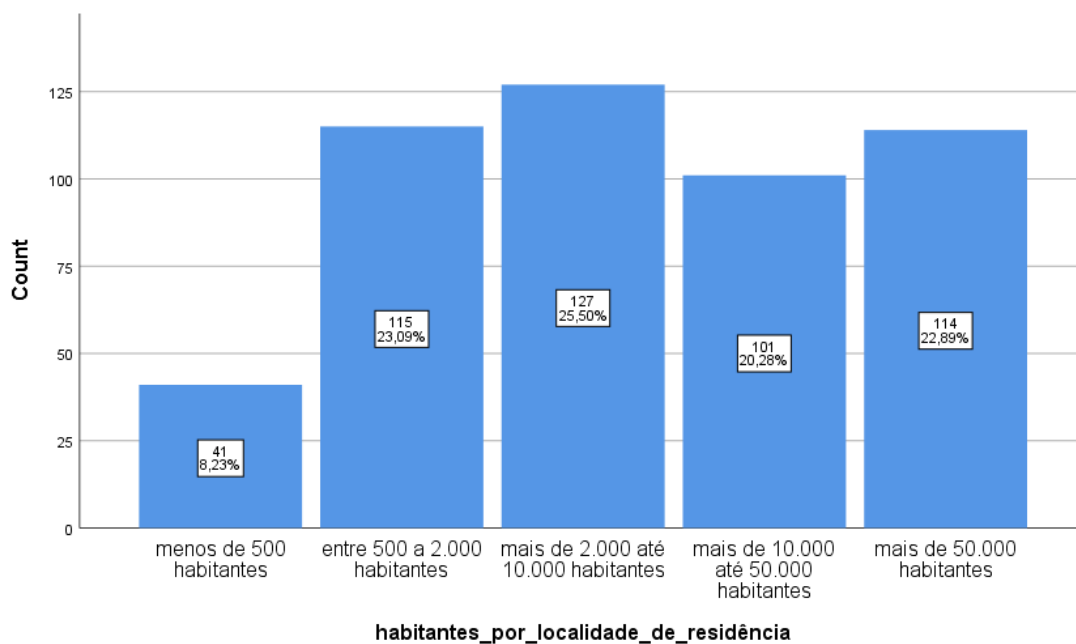


Gráfico G.7 – Nacionalidade

Em relação aos habitantes por localidade de residência, o maior número de alunos inquiridos é oriundo de localidades com uma população com mais de 2.000 até 10.000 habitantes (25,50%), e o menor número (8,23%) de alunos que provêm de localidades com menos de 500 habitantes. Das grandes cidades, com mais de 50.000 habitantes chegam à UBI 22,89% dos alunos (ver gráfico G.8). Esta variedade de proveniências, tendo em conta o número de habitantes, indica que a população da UBI é bastante heterogénea, no que toca a vivências e experiências de vida quotidianas, próprias de cada um dos seus alunos.



**Gráfico G.8 – Localidade de residência em termos de habitantes**

A questão número sete (Q7) do questionário diz respeito à Faculdade frequentada por cada aluno. Assim, e tendo em conta que a maioria dos questionários foi entregue de forma aleatória, como já vimos, houve uma relativa igualdade em relação ao número de alunos inquiridos. A faculdade onde mais alunos foram inquiridos, 25,30% foi a FCSH, seguida da FCS com 21,29% de alunos questionados e da FE com 21,08%. A FC é a que está menos representada neste inquérito com 12,25% de alunos inquiridos (ver gráfico G.9, na página seguinte). Esta amostra parece-nos, ainda assim, bastante representativa em relação às 5 faculdades existentes na UBI, tendo em conta que estão, todas elas, em edifícios separados e a alguma distância uns dos

outros. De qualquer forma, a Biblioteca Central parece ser um polo aglutinador para todos os alunos.

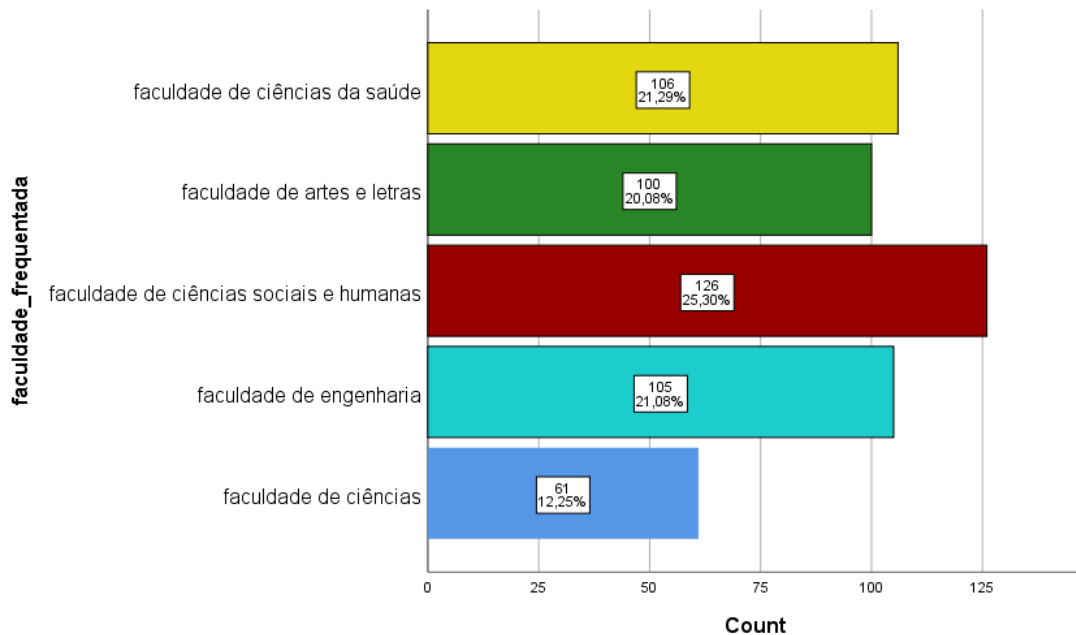


Gráfico G.9 – Faculdade frequentada

## 2. Participação em atividades culturais

Na questão número oito (Q8) do questionário pretendemos interrogar os alunos sobre algumas atividades culturais que entendemos pertinente existirem, nesta fase da vida destes estudantes. Para além da participação passiva, como espetadores, procurámos, igualmente, questioná-los em relação a uma possível participação ativa como produtores ou membros integrantes.

Após análise das respostas ao questionário verificámos que existem algumas atividades que são menos apelativas para os alunos, participando nelas com bastante menos frequência. Entre estas encontram-se as idas ao teatro com 78,1% dos estudantes a afirmarem que nunca o fazem ou fazem-no menos que uma vez por ano. 16,5% dos alunos referem assistir a peças de teatro menos do que uma vez por mês (ver tabela T.2 em anexo). Se tivermos em conta as práticas teatrais verificamos que 86,1% dos alunos nunca fizeram teatro amador e somente 3,8% dizem praticar teatro com alguma regularidade (ver tabela T.3 em anexo).

Referindo-nos à ida a espetáculos de dança, os números são similares, com 82,6% dos alunos a aludir que nunca assistem a algum espetáculo de dança ou que o

fazem menos que uma vez por ano (ver tabela T.4 em anexo). Em relação à prática da dança 69,1% dos alunos referem que nunca praticaram dança. Existem sim, 5,6% de alunos que praticam dança uma ou mais vezes por mês e 3,8% a praticarem dança todas as semanas (ver tabela T.5 em anexo).

Em relação ao visionamento de exposições, verificamos que o número de alunos que nunca as visita baixa para 21,3%, sendo de 40,4% a percentagem de alunos que visita exposições menos de uma vez por ano e 26,7% os que as visitam menos que uma vez por mês. Com maior frequência de visitas o valor não é muito significativo (ver tabela T.6 em anexo).

Encontramos uma situação semelhante quanto à visita a museus ou monumentos. A maior percentagem de alunos 42,2% diz visitar museus menos que uma vez por ano, e 35,9% visita-os menos que uma vez por mês (ver tabela T.7 em anexo). Em relação a visitas a monumentos, 29,5% visitam menos que uma vez por ano e 42,2% menos que uma vez por mês. 15,3% dos alunos visitam monumentos uma vez por mês (ver tabela T.8 em anexo). Estes números denotam já alguma preocupação por parte destes jovens em conhecer o património e a história do que os rodeia.

Mais participada parece estar a ida a concertos e festivais de música. 27,9% dos alunos diz assistir a concertos menos de uma vez por ano, enquanto que 42,2% refere assistir menos que uma vez por mês e 22,7% assistem a concertos uma ou mais vezes por mês (ver tabela T.9 em anexo). Parece-nos que esta situação se poderá dever à existência dos concertos anuais de verão que atraem um grande número de participantes jovens, bem como aos concertos da Semana do Caloiro e da Semana Académica, no âmbito mais concreto da UBI.

Apesar da proliferação da internet e da relativa facilidade em aceder a conteúdos cinematográficos, os alunos referem que ainda frequentam bastante o cinema. Assim, temos uma maioria de 44,6% dos alunos a referir que vão ao cinema menos que uma vez por mês e 39,4% dizem ir ao cinema uma ou mais vezes por mês (ver tabela T.10 em anexo).

Voltando à participação efetiva em atividades culturais, verificamos que tocar ou cantar num grupo não parece ser das práticas mais habituais, com 80,9% dos inquiridos a referir nunca terem tocado num grupo (ver tabela T.11 em anexo) e 78,5% a afirmarem nunca ter cantado num grupo (ver tabela T.12 em anexo). No entanto 5% refere tocar e 6,6% cantar todas as semanas num grupo.

As atividades de escrita (prosa ou poesia) demonstram ter mais alguns adeptos. Ainda que 72,5% refira nunca escrever ou fazê-lo menos que uma vez por ano, encontramos 16,3% dos alunos que referem escrever uma ou mais vezes por mês (ver tabela T.13 em anexo).

Na prática das artes plásticas 64,1% dos estudantes diz nunca praticar artes plásticas, ou fazê-lo menos do que uma vez por ano, enquanto que 25,6% referem praticá-las uma ou mais vezes por mês (ver tabela T.14 em anexo). Estes valores, no nosso entender, indicam-nos que estamos numa universidade onde os cursos ligados às artes têm algum peso, pois 25 alunos em 100 é já significativo.

A prática da fotografia é mais comum junto dos alunos, com apenas 29,1% a referirem nunca fazer fotografia, e 89,1% referem praticar fotografia uma ou mais vezes por mês (ver tabela T.15 em anexo). Esta parece ser uma atividade transversal a esta população estudantil.

As visitas a uma biblioteca são uma das práticas culturais mais comuns dos estudantes da UBI. Assim, verificamos que somente 1,8% dos alunos refere nunca ter visitado uma biblioteca, 89,15% visitam-na mais do que uma vez por mês, sendo que grande parte destes a visitam todas as semanas (ver gráfico G.10). A biblioteca aparece-nos como lugar central de opção de estudo para os estudantes da UBI. Mas iremos verificar mais à frente qual o uso que os estudantes dão às bibliotecas, nomeadamente às que pertencem à Universidade.

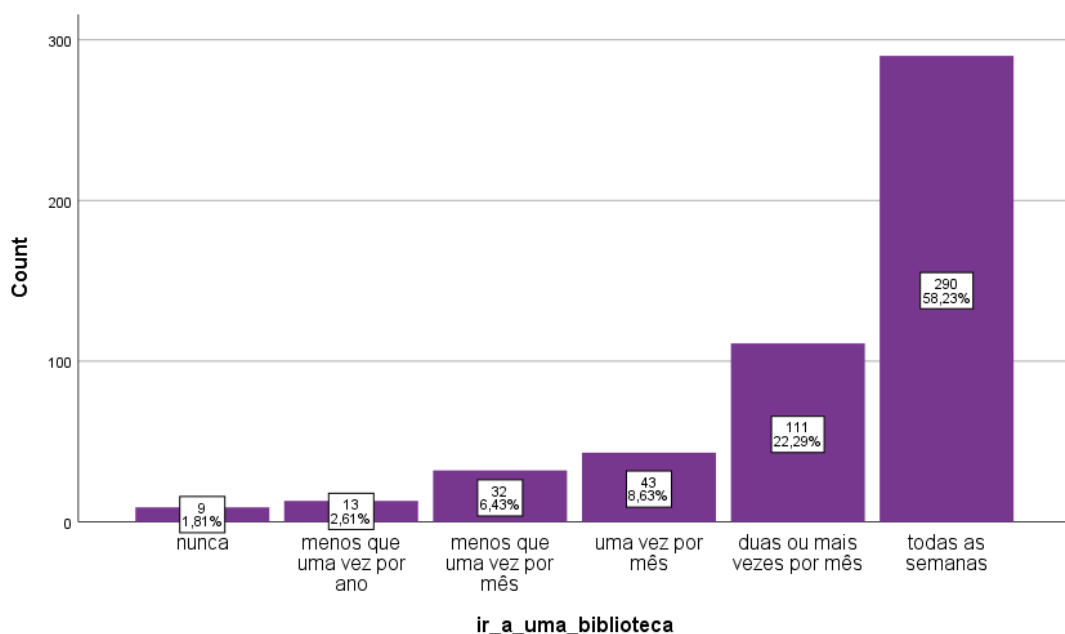


Gráfico G.10 – Frequentar uma biblioteca

Na questão nove do questionário (Q9), procurámos, igualmente, indagar os alunos sobre a frequência com que realizavam atividades tais como ler revistas/jornais, ler livros (sem ser de estudo), ouvir rádio, ouvir música (sem ser na rádio), ver televisão ou navegar na internet.

As respostas no que diz respeito à leitura em formato papel estão, comparativamente, de acordo com o que revelam as estatísticas feitas à população europeia, pelo GEPAC (2016)<sup>14</sup>, segundo as quais em Portugal se registam as mais baixas taxas de leitores entre os países europeus, sendo que a maioria da população portuguesa não leu um único livro nos 12 meses anteriores a 2011<sup>15</sup>. De facto, 19,3% dos alunos nunca lê jornais ou revistas e 26,1% nunca lê livros.

Ainda assim, 42,8% dos estudantes refere ler jornais/revistas e 28,4% lê livros uma vez por semana, sendo que 10% refere ler jornais/revista e 9,8% ler livros todos os dias (ver tabelas T.16 e T.17 em anexo).

Em relação à audição de rádio verificamos que 27,5% dos jovens estudantes dizem ouvir rádio todos os dias (ver tabela T.18 em anexo), o que não é muito se compararmos com a audição de música sem ser na rádio, onde verificamos que 82,3% destes estudantes ouvem música todos os dias utilizando outros meios (ver tabela T.19 em anexo). Ainda assim, 18,7% dos alunos afirma nunca ouvir rádio. Ouvir música surge como uma das atividades mais usuais entre os jovens.

Em relação ao visionamento de televisão por parte dos estudantes da UBI, temos que 27,9% dizem ver televisão todos os dias, 23,5% vêem televisão apenas uma vez por semana e 10,8% afirmam nunca ver televisão (ver tabela T.20 em anexo). Talvez isto se deva ao facto de uma grande maioria destes estudantes estarem deslocados da sua residência habitual, podendo inclusivamente, não ter acesso a televisão durante o período em que permanecem na residência de aulas. O uso intensivo das redes sociais, como iremos verificar a seguir, pode igualmente contribuir para o facto de os jovens verem menos televisão.

Em relação à atividade *navegar na internet* a resposta é massiva, 96,2% dos estudantes acede à internet todos os dias (ver gráfico G.11 na página seguinte). Perante esta resposta não restam grandes dúvidas de que a internet faz parte integrante do

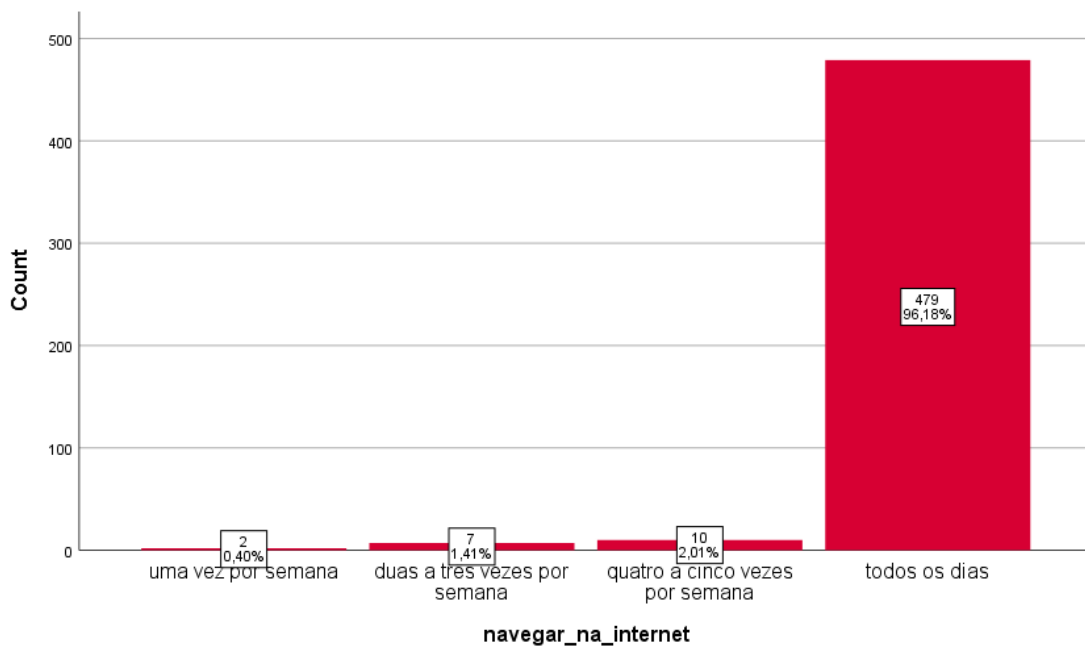
---

<sup>14</sup> Consultado em *Cultura: nota estatística*, n.º 1, 2016, publicado pelo GEPAC <http://ec.europa.eu/eurostat/documents/3217494/7551543/KS-04-15-737-EN-N.pdf/648072f3-63c4-47d8-905a-6fdc742b8605>

<sup>15</sup> A partir de um estudo estatístico feito pelo Eurostat, sobre a Educação de Adultos, conduzido em 2007 e 2011.

quotidiano destes estudantes, não prescindindo deste gesto em praticamente nenhuma situação, incluindo a procura da cultura.

De acordo com dados do Pordata, em relação aos agregados domésticos com ligação à internet em casa, em 2002, 15,1% dos agregados possuíam este serviço, sendo que em 2018, este valor subiu para 79,4%. Com ligação à internet através de banda larga existiam 76,4% de agregados, neste mesmo ano.<sup>16</sup> A internet é uma ferramenta grandemente utilizada pelos portugueses, como verificamos por estes dados, e igualmente pelos estudantes.



**Gráfico G.11 – Navegar na internet**

Na questão dez (Q10) perguntámos aos estudantes quais os fatores que mais influenciavam a sua participação num evento cultural. Verificou-se que 74,5% acham o fator preço muito ou totalmente influente nas suas escolhas. Apenas 4% afirma que o preço não influencia a participação num evento cultural (ver tabela T.21 em anexo).

Não nos surpreendeu verificar que o interesse pelo evento influencia totalmente 60,8% dos jovens nas suas opções (ver tabela T.22 em anexo). De facto, relacionando este fator com a importância do preço, só faria sentido selecionar eventos pelos quais têm interesse.

<sup>16</sup> Dados do Pordata sobre os agregados domésticos privados com computador, com ligação à internet e com ligação à internet de banda larga (%), atualizados pela última vez a 21-11-2018. Disponível em: [https://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+dom%C3%A9sticos+privados+com+computador++com+liga%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Internet+e+com+liga%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Internet+atrav%C3%A9s+de+banda+larga+\(percentagem\)-1158](https://www.pordata.pt/Portugal/Agregados+dom%C3%A9sticos+privados+com+computador++com+liga%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Internet+e+com+liga%C3%A7%C3%A3o+%C3%A0+Internet+atrav%C3%A9s+de+banda+larga+(percentagem)-1158)

Irem na companhia de amigos é muito ou totalmente importante (82,3%) para a maioria dos jovens alunos (ver tabela T.23 em anexo). A frequência da universidade propicia a formação de grupos de amigos e/ou colegas para a participação em atividades culturais. Já a opinião sobre determinado evento, vindo de pessoas conhecidas, parece assumir menor importância para as opções dos alunos, 49% diz ser pouco influenciado. Apenas 4,4% dá total importância à opinião de pessoas conhecidas (ver tabela T.24 em anexo), o que indicia autonomia de pensamento e de decisões.

Em relação às críticas ao evento, provenientes de diversos meios, quer profissionais quer pessoais, influenciam pouco (51,6%) as escolhas de alguns alunos e muito (32,3%) as opções de outros (ver tabela T.25 em anexo). Existem, portanto, opiniões diversas em relação às críticas.

A localização do evento é um fator muito ou totalmente importante (79,3%), para a maioria dos alunos (ver tabela T.26 em anexo). Ser estudante universitário implica, para uma grande parte dos alunos, restrições financeiras que, quer queiramos quer não, influenciam as suas escolhas.

A participação em eventos através do convite de outras pessoas está mais ou menos equilibrada nas opções dos alunos. Assim, 35,7% diz influenciar pouco, mas 49,4% refere influenciar muito as suas escolhas (ver tabela T.27 em anexo).

Por fim, a curiosidade e o acesso a informação sobre o evento, surgem como fatores relevantes para as escolhas dos estudantes. 85,1% dos alunos refere que a curiosidade é muito importante ou totalmente relevante para as suas opções (ver tabela T.28 em anexo). Igualmente 78,8% afirma que o acesso a informação sobre o evento é muito ou totalmente importante (ver tabela T.29 em anexo). Este facto mostra-nos que os estudantes procuram informação sobre os eventos, pelo que é sempre importante apostar fortemente na divulgação dos eventos, de forma a que a informação chegue ao maior número de alunos possível.

Nas questões onze, doze e treze (Q11, Q12 e Q13) tentámos averiguar se os alunos pertencem a alguma associação ou núcleo de estudantes da UBI, se têm um papel ativo em algum deles, ou se pertencem a algum dos núcleos culturais da universidade. Verificamos que a percentagem de alunos pertencente passiva ou ativamente é muito reduzida: 77,91% não faz parte de alguma associação ou núcleo (ver gráfico G.12); 83,73% (ver gráfico G.13) dos alunos não tem qualquer papel ativo em associações ou núcleos da UBI, e 96,59% (ver gráfico G.14) não participa em qualquer núcleo cultural.

Este défice de participação parece demonstrar, algum desinteresse ou falta de motivação pelas dinâmicas próprias da vida académica em geral e, em particular pela defesa dos interesses de cada curso.

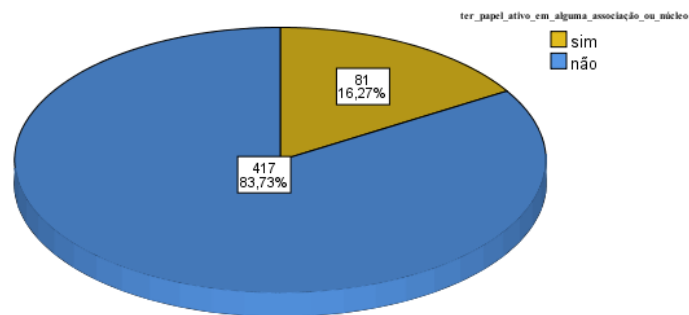


Gráfico G.12 – Fazer parte de alguma associação ou núcleo de estudantes

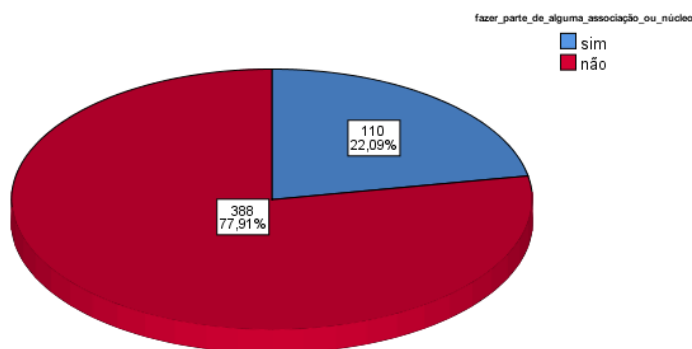


Gráfico G.13 – Ter um papel ativo em alguma associação ou núcleo de estudantes

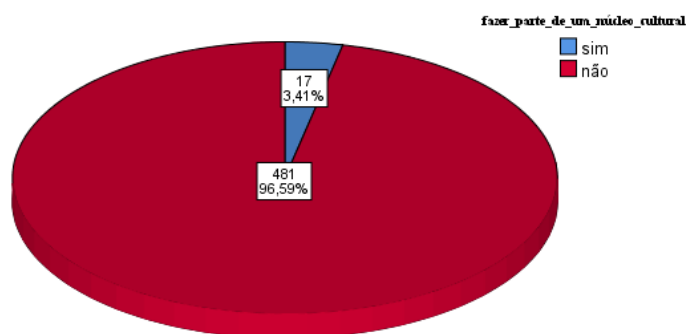


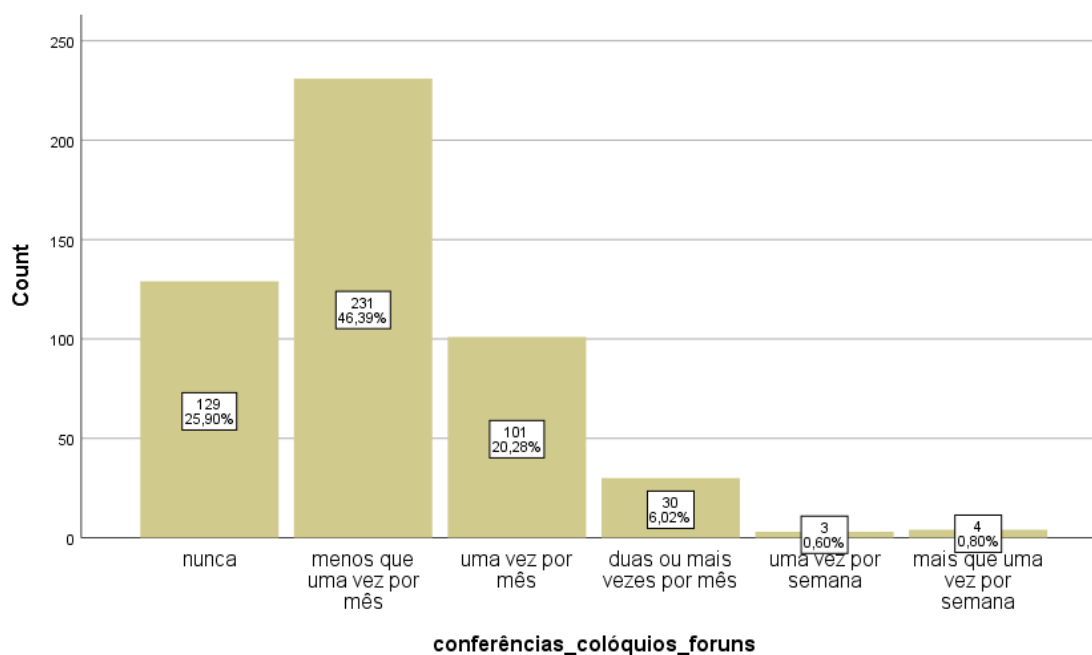
Gráfico G.14 – Fazer parte de algum dos núcleos culturais da UBI

### 3. Participação em atividades culturais promovidas pela Universidade

Na questão catorze (Q14) relativa à frequência com que o aluno participa em atividades/formações promovidas pela UBI e/ou pelas suas associações e núcleos, foram indicadas várias opções que nos pareceram as mais representativas da atividade cultural académica.

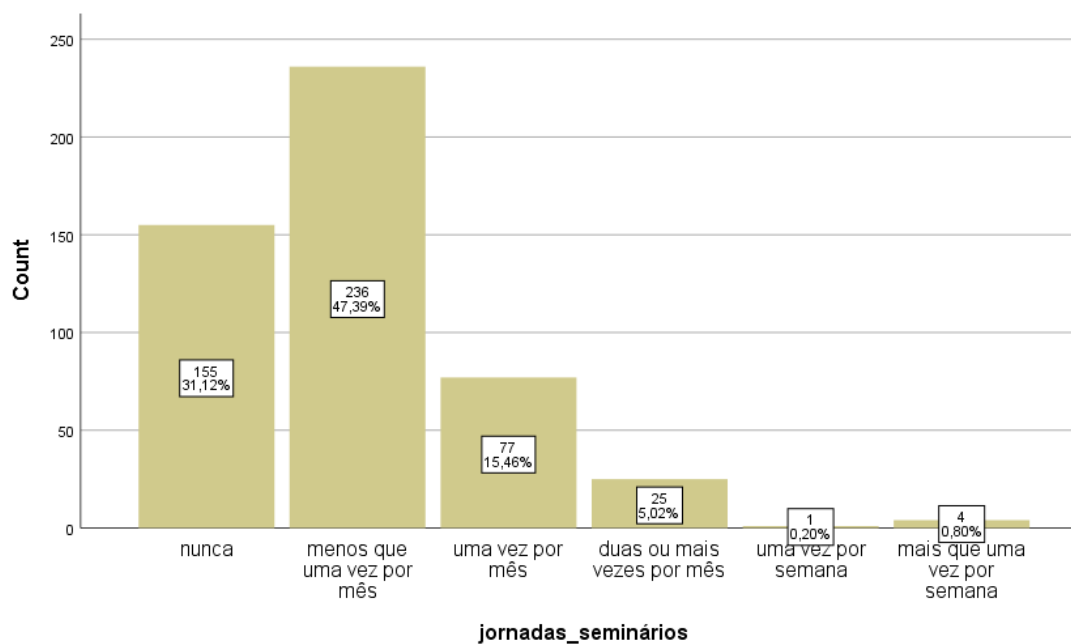
Verificámos que a participação nestas atividades apresenta alguma regularidade, apesar de não ser tão enérgica como seria desejável em alunos a frequentar o ensino superior e que, como complemento à sua formação académica, em contexto de sala de aula, deveriam assistir a toda uma gama de opções que a universidade e os próprios núcleos (de curso ou mesmo a Associação Académica) lhes proporcionam, por forma a abrir os seus horizontes e incrementar os seus conhecimentos.

Em relação à comparência em conferências, colóquios ou fóruns, 25,9% dos alunos diz nunca ter assistido, 46,39%, refere assistir menos do que uma vez por mês. Apesar de tudo ainda há alunos atentos a todas as opções, com 21,68% dos alunos inquiridos a admitir a sua comparência uma ou mais vezes por mês nestas iniciativas (ver gráfico G.15 na página seguinte).



**Gráfico G.15 – Assistir a conferências, colóquios ou fóruns**

No que toca à participação dos alunos em jornadas e seminários os dados são semelhantes, com 31,12% dos alunos que afirmam nunca participar, 47,36% referem participar menos do que uma vez por mês e, somente 21,48% dos alunos a participarem uma ou mais vezes por mês (ver gráfico G.16).



**Gráfico G.16 – Assistir a jornadas e seminários**

Atividades que, aparentemente, seriam atrativas para os jovens, tais como concertos ou festivais, revelam uma adesão um pouco abaixo do espetável quando nos referimos à população universitária. Segundo a resposta ao inquérito, 45,78% nunca assistiu a um concerto e 37,35% nunca foram a um festival. Parece-nos uma percentagem um pouco elevada, tendo em conta o tipo de atividade a que se refere. No entanto, há sempre quem participe, e neste caso 38,35% dos alunos diz participar, menos do que uma vez por mês em concertos, e 47,37% vão a festivais menos do que uma vez por mês. 15,85% participam uma ou mais vezes por mês em concertos e 19,28% uma ou mais vezes em festivais (ver gráficos G.17 e G.18).

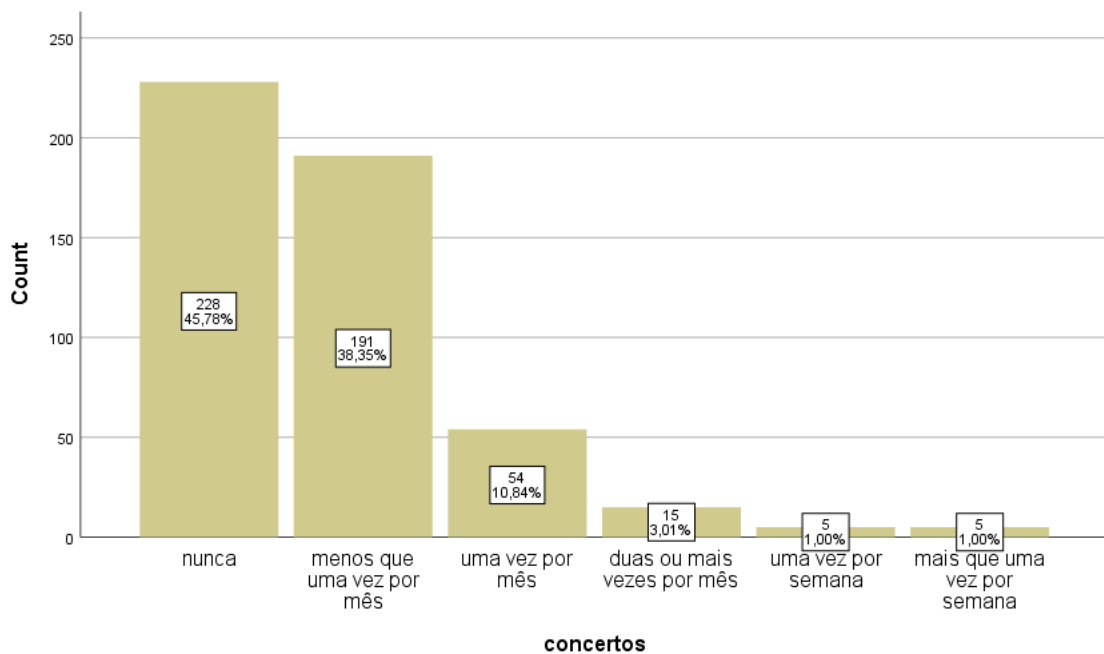


Gráfico G.17 – Assistir a concertos

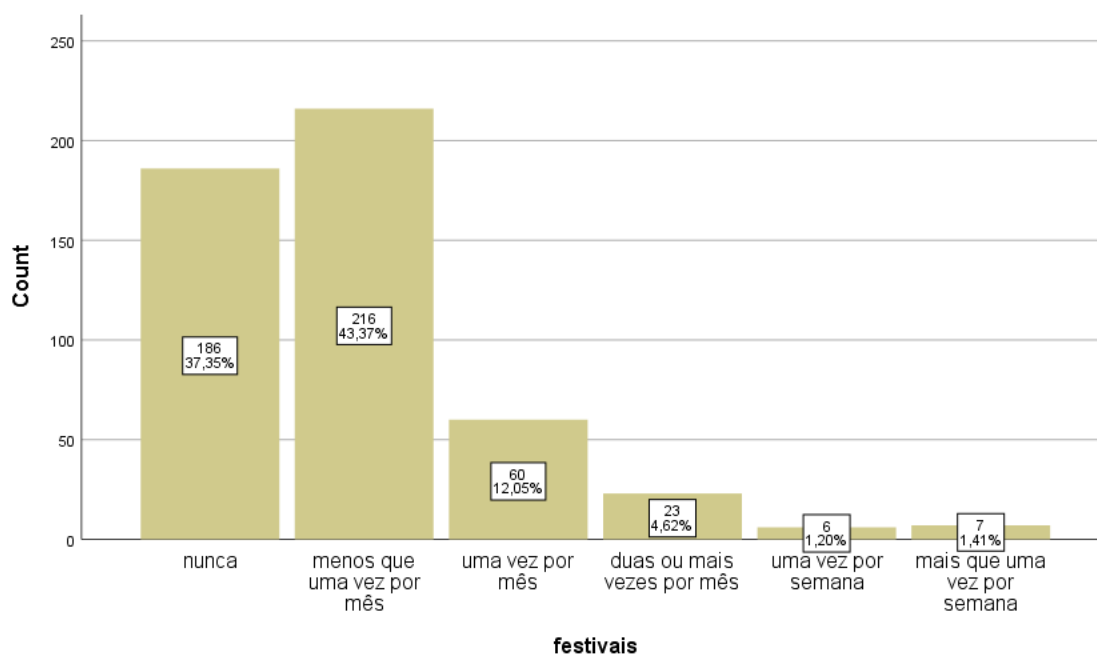


Gráfico G.18 – Assistir a festivais

O Museu dos Lanifícios, parte integrante da UBI, parece-nos estar algo distante das opções culturais dos alunos desta academia. Podemos verificar que 75,7% dos alunos refere nunca ter assistido a alguma atividade do Museu. Quer seja por desconhecimento, quer seja por desinteresse, a verdade é que os alunos não tomam parte nas atividades promovidas pelo Museu. Somente 19,08% referem participar nas atividades, ainda que menos do que uma vez por mês, a percentagem de alunos que participa uma ou mais vezes apresenta-se-nos algo diminuta (ver gráfico G.19).

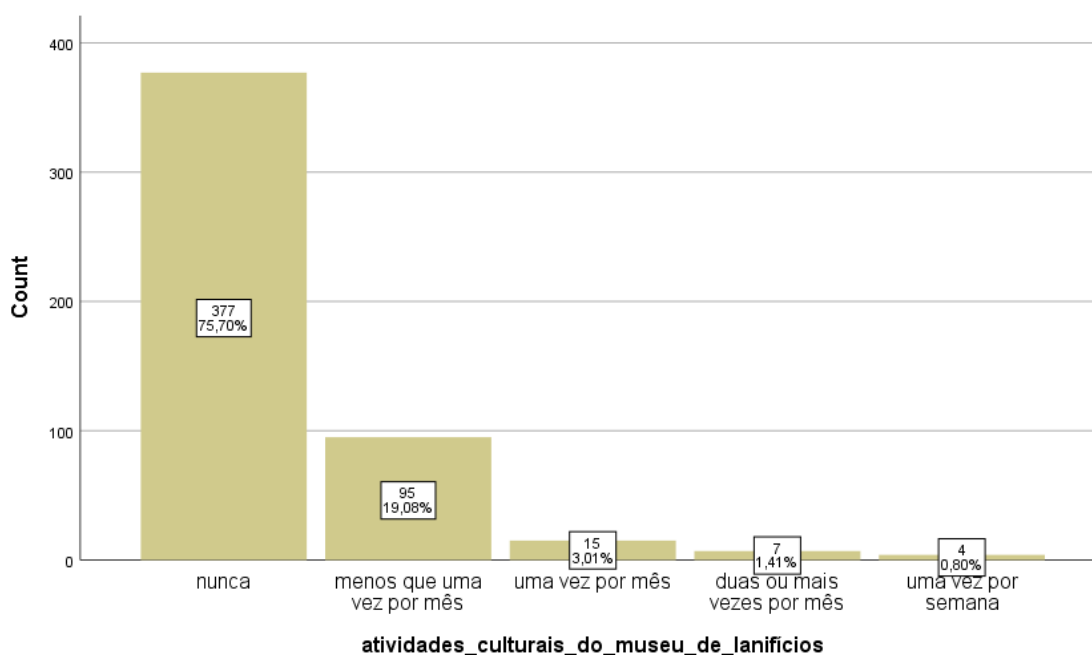


Gráfico G.19 – Assistir às atividades culturais do museu de lanifícios

As semanas temáticas bem como as feiras temáticas, normalmente promovidas pelos núcleos pertencentes a cada curso, precisamente relacionadas com matérias relevantes para cada um deles, mas que têm um interesse global para os alunos da UBI, sobretudo em termos de cultura geral e de abertura de horizontes, demonstram razoável adesão. Apesar de 56,43% dos alunos inquiridos referir que nunca participaram em alguma semana temática e 61,65% a responder nunca ter assistido a uma feira temática, 32,93% dizem assistir a semanas temáticas e 27,51% a feiras temáticas menos do que uma vez por mês. (ver gráficos G.20 e G.21).

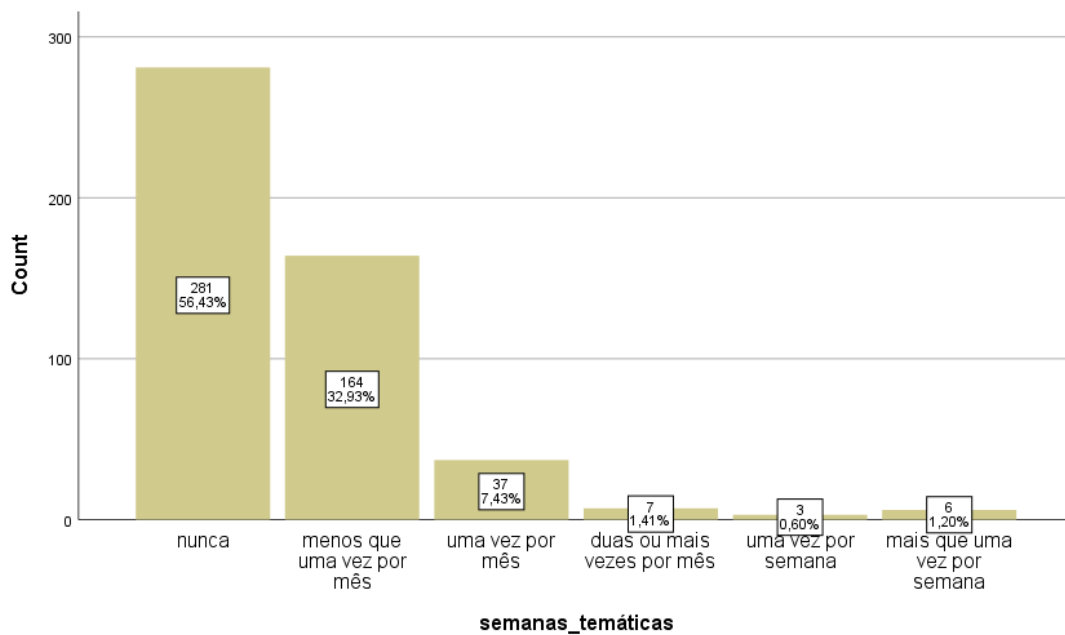


Gráfico G.20 – Participar em semanas temáticas

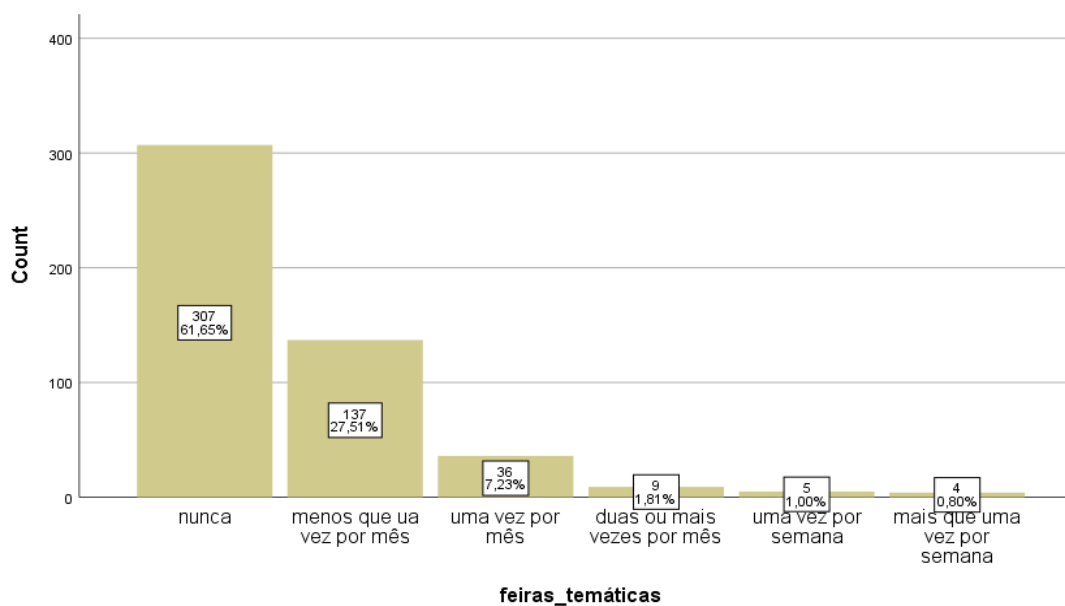
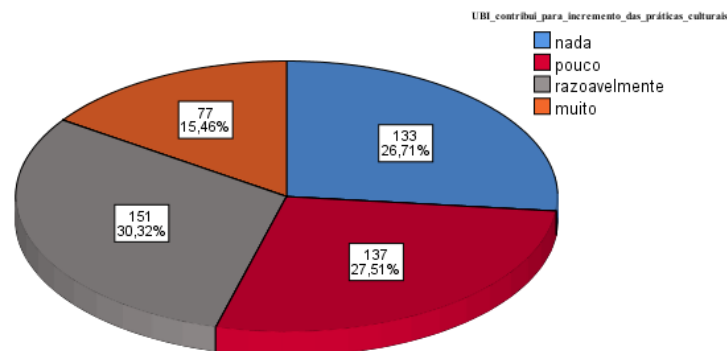


Gráfico G.21 – Participar em feiras temáticas

A maioria dos alunos (87,95%) diz nunca ter feito qualquer formação no CFIUTE – Centro de Formação Interação UBI Tecido Empresarial. Durante o decorrer do preenchimento do questionário houve, inclusivamente, alunos que interrogaram sobre esta entidade pertencente à UBI, por a desconhecerem. Possivelmente a existência deste centro de formação não é suficientemente divulgada junto dos alunos, e seria interessante que o fosse, porque este centro existe, também, para eles, e dá-lhes a possibilidade de realizar formações complementares, que podem ser de grande auxílio na realização dos seus cursos.

Relativamente à questão quinze (Q15) foi nossa intenção averiguar até que ponto os alunos, a partir do momento em que ingressam no ensino superior, usufruem da influência da Universidade para o incremento das suas práticas culturais. Verificamos pelas respostas a esta questão que 54,22% dos alunos diz que a UBI não contribui ou contribui pouco. Por outro lado, 45,78% refere que a Universidade contribui razoavelmente ou muito para o incremento das suas práticas culturais (ver gráfico G.22).



**Gráfico G.22 – Contribuição da UBI para incremento das práticas culturais**

Parece-nos que o número de alunos que respondeu com indiferença às mudanças ou ao aumento que o facto de frequentarem esta Universidade trouxe aos seus hábitos ou práticas culturais, é mais elevado do que seria desejável, uma vez que transitaram

para um mundo completamente diferente daquele a que estavam habituados e só isso deveria despertar neles a curiosidade. Ainda assim, há um número considerável de alunos a desenvolver as suas práticas culturais a partir da influência da Universidade.

Para averiguar em qual dos ciclos de ensino é mais visível a influencia referida, realizou-se um split file (decomposição) da variável habilitações literárias, a partir daí relacionou-se a frequência das habilitações com os dados sobre a contribuição da UBI no incremento das práticas culturais. Verificou-se que, de facto, a resposta *razoavelmente* que foi a mais empregue, não varia muito tendo em conta as habilitações literárias dos estudantes, sendo transversal a todos os ciclos de ensino (ver tabela T.30).

**Tabela T.30 – Contribuição da UBI para incremento das práticas culturais de acordo com as habilitações literárias**

Habilitações_Literárias		Frequency	Percent	ValidPercent	CumulativePercent
12º ano	Valid nada	100	27,2	27,2	27,2
	pouco	99	26,9	26,9	54,1
	razoavelmente	109	29,6	29,6	83,7
	muito	60	16,3	16,3	100,0
	Total	368	100,0	100,0	
Licenciatura	Valid nada	26	25,5	25,5	25,5
	pouco	30	29,4	29,4	54,9
	razoavelmente	30	29,4	29,4	84,3
	muito	16	15,7	15,7	100,0
	Total	102	100,0	100,0	
Pós- Graduação/ Mestrado	Valid nada	7	25,0	25,0	25,0
	pouco	8	28,6	28,6	53,6
	razoavelmente	12	42,9	42,9	96,4
	muito	1	3,6	3,6	100,0
	Total	28	100,0	100,0	

Procurámos, também, averiguar se as habilitações literárias do pai e da mãe teriam alguma implicação em relação às respostas dos alunos sobre a contribuição da UBI para o incremento das suas práticas culturais. Pelo apurado no cruzamento de dados, concluímos que o nível de habilitações dos pais não exerce grande influência nesta questão. Verificamos que os alunos cujos pais têm habilitações até ao 9º ano são os que mais respondem que a UBI incrementou as suas práticas culturais, razoavelmente

ou muito. Logo de seguida vêm os alunos com pais detentores de Pós-Graduação ou Mestrado (ver tabela T.31 e T.32 em anexo).

Pareceu interessante, cruzar as respostas desta questão com a localidade de residência dos alunos, em termos de habitantes. Apesar das diferenças não serem muito significativas, apurou-se que o maior número de alunos que responde razoavelmente ou muito ao incremento das práticas culturais, pelo facto de frequentarem a UBI, moram em localidades com menos de 500 habitantes. Isto poderá ser um indício de que os alunos procuram na UBI o que não têm nos seus locais de residência. Os alunos provenientes de cidades com mais de 50.000 habitantes são os que menos respondem razoavelmente ou muito à questão colocada (ver tabela T.33 em anexo).

Para terminar a análise à questão (Q15) decidimos apurar se a pertença a diferentes faculdades influencia a resposta dos alunos. Uma vez que a FAL, a que o mestrado em Estudos de Cultura está ligado, é a faculdade que mais cursos tem relacionados a áreas culturais, procurámos verificar se o incremento das práticas culturais dos seus alunos é diferente, ou se se comportam como a média dos estudantes da UBI. Através do cruzamento de dados confirmámos que os alunos da FAL responderam mais favoravelmente à influência da universidade nas suas práticas culturais do que os alunos das restantes faculdades. Assim, 36% dos alunos da FAL responde ser razoavelmente influenciados e 24% dizem ser muito influenciados (ver tabela T.34 na página seguinte).

Tabela T.34 – Incremento das práticas culturais por influência da UBI, em relação com a faculdade frequentada

faculdade_frequentada		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
faculdade de ciências	Valid nada	24	39,3	39,3	39,3
	pouco	14	23,0	23,0	62,3
	razoavelmente	13	21,3	21,3	83,6
	muito	10	16,4	16,4	100,0
	Total	61	100,0	100,0	
faculdade de engenharia	Valid nada	34	32,4	32,4	32,4
	pouco	22	21,0	21,0	53,3
	razoavelmente	30	28,6	28,6	81,9
	muito	19	18,1	18,1	100,0
	Total	105	100,0	100,0	
faculdade de ciências sociais e humanas	Valid nada	32	25,4	25,4	25,4
	pouco	38	30,2	30,2	55,6
	razoavelmente	40	31,7	31,7	87,3
	muito	16	12,7	12,7	100,0
	Total	126	100,0	100,0	
faculdade de artes e letras	Valid nada	10	10,0	10,0	10,0
	pouco	30	30,0	30,0	40,0
	razoavelmente	36	36,0	36,0	76,0
	muito	24	24,0	24,0	100,0
	Total	100	100,0	100,0	
faculdade de ciências da saúde	Valid nada	33	31,1	31,1	31,1
	pouco	33	31,1	31,1	62,3
	razoavelmente	32	30,2	30,2	92,5
	muito	8	7,5	7,5	100,0
	Total	106	100,0	100,0	

Anexa a esta questão estava a primeira pergunta de resposta aberta do questionário. Pretendeu-se averiguar, mais especificamente, quais as práticas culturais que foram incrementadas. Grande parte dos alunos optou por não responder a esta questão. A maioria dos que responderam limitaram-se a referir a área em que sofreram mais influências: música, sobretudo das tunas, teatro, ida a conferências, colóquios e seminários, workshops, formações, semanas culturais, lançamento de livros ou praxes. Houve, no entanto, algumas respostas interessantes. A seguir transcrevem-se algumas dessas respostas que agrupámos, à posteriori, em cinco categorias, para uma melhor catalogação das mesmas.

Houve várias respostas que indiciam que alguns alunos procuram, na universidade, sobretudo o **contacto com culturas de outras regiões ou países**, trazidas até eles pela grande diversidade de origens dos alunos da UBI. Alguns exemplos:

*“No facto de entender outras culturas.”*

*“Estou em contacto com pessoas de outras regiões e isso faz-nos falar mais sobre a nossa cultura.”*

*“Conhecer a cultura dos dois países da Península Ibérica.”*

*“Estou a conhecer mais sobre a cultura portuguesa e estou a ver as coisas em outro ponto de vista, já que o ‘cultural shock’ foi grande.”*

*“Alarguei conhecimentos culturais devido a lidar com muitas pessoas, todas elas com gostos e personalidades diferentes.”*

*“Conhecer outras culturas. Frequento mais vezes grupos que fazem teatro e convivo com eles e acho interessante.”*

*“Simplesmente o facto de me ter deslocado de cidade. Com um pouco de observação percebemos as diferenças culturais de ambas. As feiras realizadas também ajudam a conhecer melhor a Covilhã e a sua cultura.”*

*“Consegui comparar o estilo de vida e mentalidade / maneira de pensar, das pessoas que vivem no Interior e Litoral de Portugal.”*

*“Mais abertura e interesse para as outras culturas.”*

*“Como aqui existem muitos estrangeiros, eu aprendo com eles. Aprendo e conheço novos estilos musicais, por exemplo.”*

Uma outra categoria de respostas que podemos encontrar são as que dizem respeito aos alunos que **procuram aumentar os seus conhecimentos assistindo a várias ações promovidas pela universidade ou núcleos**. Alguns exemplos:

*“Conferências e apresentações sobre artigos de interesse na minha área.”*

*“Através de ferramentas que há na universidade, como núcleos e associações... Tem tido vários colóquios e dias culturais... proporcionados por órgãos da universidade.”*

*“As exposições feitas na universidade, e a atividades variadas do âmbito literário, assim como os colóquios concernentes a cultura.”*

*“Participar em colóquios, interagir com formandos de diferentes áreas de formação e conhecer outros portugueses.”*

*“Fóruns de psicologia”.*

*“Acesso a mais formação e palestras e maior diversidade das mesmas.”*

Existem, também, alguns estudantes que referem que o facto de frequentarem esta universidade levou a um aumento do interesse pela cultura. Podemos criar a categoria de estudantes que vêm na **universidade**, pelo facto de a frequentarem, uma **forte influência para as suas práticas culturais**. Senão vejamos alguns exemplos de respostas:

*“Comecei a ir mais vezes para a biblioteca com os meus colegas. Comecei a apreciar os concertos das tunas.”*

*“Alguns festivais de tunas ou até mesmo algum aumento do interesse pela leitura.”*

*“Maior incentivo a visitar museus; maior incentivo a ir a conferências e feiras culturais.”*

*“Gosto pela música e cinema de forma acrescida. Por ler e informar-me mais sobre vários artistas de várias áreas.”*

*“Assistir a mais peças de teatro.”*

*“Desde que entrei tenho tentado assistir a mais atividades e workshops do que antes.”*

*“Inserção na prática de artes plásticas.”*

*“Ir a museus, espetáculos. A faculdade me abriu os olhos para a arte.”*

*“O ensino superior incentiva a participar em práticas culturais como visitar museus, palestras, jornadas entre outros.”*

*“Escrever mais, nomeadamente poesia.”*

*“Não tanto no caso do mestrado, mas na licenciatura. Enquanto estudante de cinema comecei a pensá-lo de outra perspetiva. Conheci alguns filmes e autores que não conhecia e olhei com um olhar mais profundo outras artes como por exemplo, a fotografia.”*

*“Interesse pelas tunas e certos oradores que palestram na UBI.”*

Também podemos criar uma categoria de alunos, que tem uma **visão negativa sobre o incremento das práticas culturais** influenciadas pela universidade. Vejamos:

*“Embora haja muitas atividades regularmente, muitas delas não são interessantes.”*

*“Na minha opinião a universidade não promove muitas práticas culturais/eventos em comparação com outras universidades.”*

*“Aqui não têm quase práticas culturais.”*

*“Aumentou no aspeto que agora procuro, leio e consulto mais artigos, notícias e afins sobre tecnologia. Relativamente a outras áreas acho que o meu nível de cultura estagnou.”*

Por fim, referimos uma possível categoria de alunos com interesse em **colaborar com a Universidade a nível social (voluntariado) ou ambiental**, importantes funções de uma instituição de ensino superior. A UBI implementou o programa “Ser Solidário” que refere “Nos âmbitos do apoio social e do exercício da responsabilidade social, a Universidade da Beira Interior decidiu implementar o programa ‘Ser Solidário’, com o objetivo de desenvolver mecanismos complementares para uma resposta mais eficaz e abrangente na concessão de apoios sociais aos membros da sua comunidade académica.

O programa visa propiciar um sistema que articule e direcione os contributos de indivíduos e entidades, em valores monetários, bens ou trabalho, para a prevenção ou resolução de problemas sociais concretos.

Para o efeito, dispõe de um conjunto de instrumentos - o Fundo Solidário, a Loja Solidária e o Banco de Solidariedade -, que visam promover a solidariedade e equidade social, bem como a redução do abandono escolar por razões de cariz económico e social.”<sup>17</sup> Para além disso, existe a UBICOOL – Voluntariado Universitário que tem como objetivo a promoção de uma cultura de paz e de não-violência em contextos escolares. Assim, surgiram as seguintes respostas:

*“Grupo de voluntariado estudantil.”*

*“O conhecimento do mundo à minha volta”.*

*“Estar mais atento e informado em relação ao meio envolvente.”*

*“O contacto com a vida académica modificou minha visão do mundo, principalmente em relação a preservação ambiental.”*

---

<sup>17</sup>Citação retirada do sítio da UBI [http://www.ubi.pt/Entidade/ser\\_solidario](http://www.ubi.pt/Entidade/ser_solidario) (acedido em 13-06-2019)

*“Participar no UBICool.”*

*“Maior interesse por atividades de sensibilização.”*

*“Interesse em outras áreas, como sustentabilidade, que me levou a conferências.”*

Na questão dezasseis (Q16) procurámos saber com que frequência os alunos usam a biblioteca da UBI e com que objetivo. Como já verificámos anteriormente, a frequência de bibliotecas é uma das atividades culturais mais usuais nos alunos da UBI. A biblioteca da Universidade é composta pela Biblioteca Central e dois polos localizados na FCSH e na FCS, sendo que a biblioteca central possui algumas salas que estão abertas 24 horas por dia, 7 dias por semana, facilitando o acesso a todos os alunos, independentemente da hora ou do dia da semana.

Assim, qual o usufruto principal dos alunos em relação à biblioteca universitária?

Pelas respostas aos inquéritos verificamos que os alunos utilizam a biblioteca principalmente para estudar, e com bastante frequência. 70,88% dos alunos usam a biblioteca para estudar, várias vezes por semana ou mesmo todos os dias (ver tabela T.35 em anexo). O uso da biblioteca para acesso à internet através da rede local é mais reduzido, com 38,96% dos alunos a afirmam que nunca usam a biblioteca com este propósito, e 16,68% a referirem que utilizam a biblioteca para aceder à internet todos os dias (ver tabela T.36 em anexo). De qualquer forma, o acesso à internet para os alunos da UBI é gratuito, em qualquer parte da Universidade, não sendo necessário estar especificamente na biblioteca para o fazer.

A requisição de livros e a consulta de publicações periódicas, um dos principais propósitos de uma biblioteca, seja ela universitária ou outra, ocupa um espaço menos relevante nas opções dos estudantes, em relação ao usufruto deste espaço. Assim, verificamos que 44,18% dos alunos nunca requisitou livros de estudo, 79,52% nunca requisitou livros de lazer, e 53,01% nunca consultou publicações periódicas. A maior percentagem de alunos que usa este serviço da biblioteca diz requisitar livros de estudo (37,95%), livros de lazer (15,46%), ou consultar periódicos (29,72%) menos do que uma vez por semana (ver tabelas T.37, T.38 e T.39 em anexo). Estes indicadores de requisição de livros, estão de acordo com a análise que fizemos anteriormente em relação aos índices de leitura dos estudantes portugueses que, não se revelam

particularmente elevados, se tivermos em conta que todo o seu percurso escolar se baseia na leitura.

#### 4. Utilização das redes sociais nas práticas culturais

Na questão dezassete (Q17) foi solicitado aos alunos para referir a frequência com que utilizavam duas plataformas de streaming, Netflix e Spotify. Da análise dos resultados pudemos verificar que 53,61% dos alunos nunca utilizam a Netflix e 46,4% usam esta plataforma entre uma vez por semana e todos os dias (ver gráfico G.23). O facto de esta plataforma ser paga pode justificar, em parte, a percentagem de alunos que nunca a utiliza.

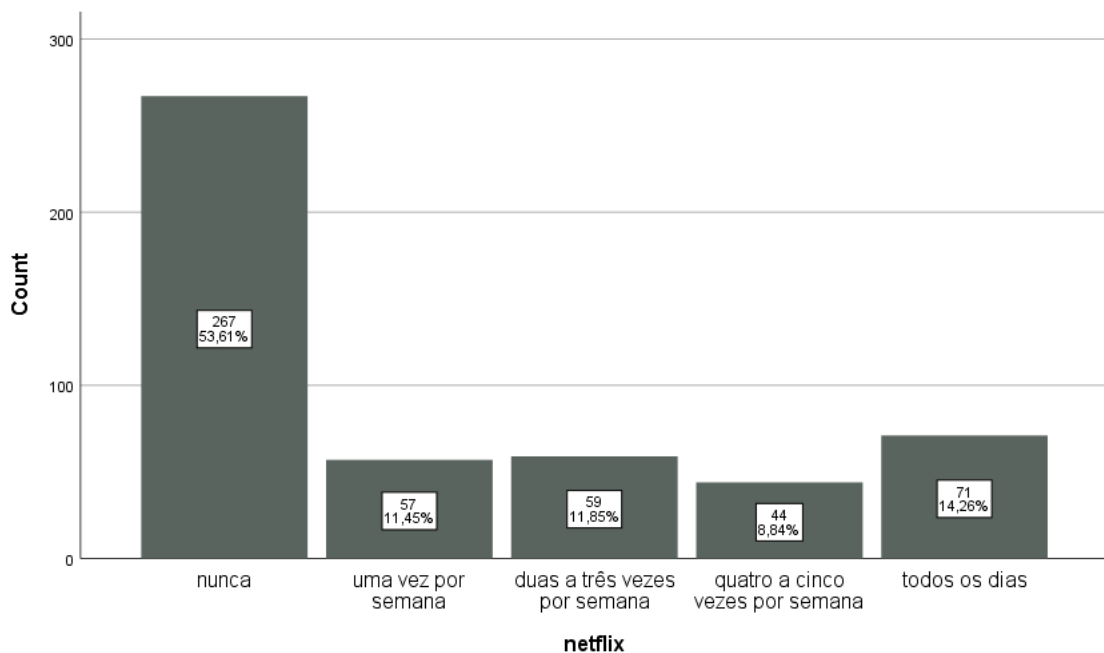
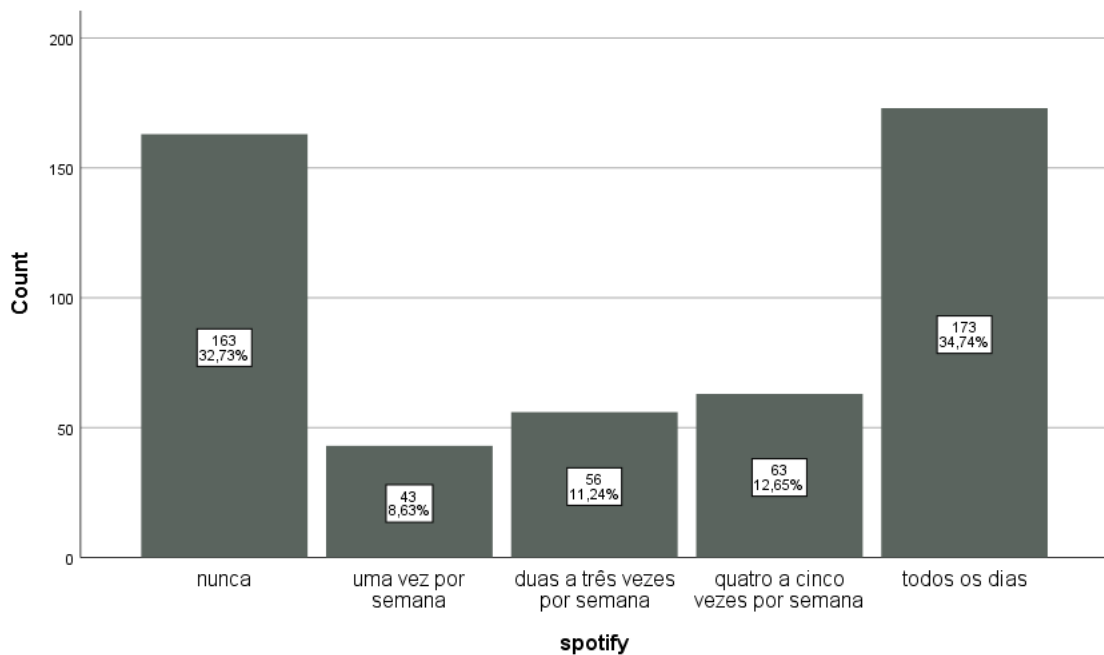


Gráfico G.23 – Uso da netflix

O Spotify é mais frequentemente utilizado comprovando, aliás, a tendência demonstrada pelos alunos para a audição de música. Assim, 32,73% dos alunos admitem nunca ouvir música no Spotify e 67,26% ouvem música nesta plataforma entre uma vez por semana e todos os dias (ver gráfico G.24 na página seguinte). Esta é uma plataforma tendencialmente gratuita, sendo paga somente por quem quiser usufruir de alguns privilégios (não ouvir publicidade, ouvir a mesma música repetidas vezes, etc.), o que a torna mais acessível.



**Gráfico G.24 – Uso do spotify**

Na questão dezoito (Q18) solicitou-se aos alunos a indicação da frequência de utilização de sete das mais conhecidas redes sociais. As respostas foram esmagadoras para algumas destas redes sociais, nomeadamente o Facebook, 61,45% dos alunos referem usá-lo todos os dias, e 33,94% usam-no entre uma a cinco vezes por semana (ver tabela T.40 em anexo). Igualmente o Youtube e o Instagram se encontram entre as redes sociais mais visitadas pelos estudantes da UBI. Assim, o Youtube é visitado diariamente por 70,3% (ver tabela T.41 em anexo) dos alunos e o Instagram por 77,5%, ainda que 12,4% (ver tabela T.42 em anexo) refiram nunca visitar esta última rede social.

O Tumblr e o Twitter não acolhem as preferências dos estudantes, 86,9% e 64,3% dos inquiridos a afirmar nunca as utilizar (ver tabela T.43 e T.44 em anexo).

O Whatsapp é utilizado por 88,76% dos alunos entre uma vez por semana e todos os dias (ver tabela T.45 em anexo). Já o Snapchat nunca é utilizado por 73,69% dos estudantes (ver tabela T.46 em anexo).

Comprova-se por estes números que as redes sociais, umas mais do que outras, fazem parte da vida diária dos estudantes da UBI. Estes dados estão de acordo com estudos feitos a nível nacional. Segundo dados do estudo Bareme Internet da Marktest, entre os portugueses a introdução das redes sociais aumentou de 17,1% em 2008, para

61,9% em 2017.<sup>18</sup> Segundo o estudo *Os Portugueses e as Redes Sociais 2018*, o Facebook é a rede social mais relevante em Portugal com 87,5% de utilizadores. De acordo com este mesmo estudo, das novas redes sociais que têm emergido nos últimos anos, o Instagram é a que acolhe a maior preferência por parte dos jovens, com 91% a afirmar ter conta no Instagram.<sup>19</sup> Este último valor revela que os estudantes da UBI seguem esta preferência, pois como verificámos no nosso estudo, o Instagram é a rede social que estes mais utilizam, com 77,5% de alunos a usá-la diariamente.

A questão dezoito ponto um (Q18.1) estava, identicamente, relacionada com as redes sociais atrás referidas, mas com a intenção de se verificar se os estudantes acediam a conteúdos culturais relacionados com cinema, literatura, artes plásticas, música / dança ou teatro, nestas mesmas redes sociais. Apresentaremos nesta explanação os dados mais significativos (nas tabelas em anexo está referida a totalidade dos dados).

No que diz respeito à rede social Facebook verificámos que os valores mais significativos de acesso aos conteúdos culturais propostos dizem respeito ao cinema com 50,2% dos alunos aceder a estes conteúdos, e 39,2% a conteúdos sobre música / dança (ver tabela T.47 em anexo).

Relativamente à rede social Youtube apurámos que 66,1% dos alunos acede a conteúdos sobre cinema e 78,7% sobre música / dança (ver tabela T.48 em anexo).

Se falarmos na rede social Instagram confirmamos que 42,4% dos alunos acede a conteúdos sobre cinema, 40,8% sobre artes plásticas, 40,6% sobre música / dança (ver tabela T.49 em anexo).

Em relação à rede social Tumblr verificámos que esta é pouco utilizada para aceder aos conteúdos culturais propostos, o valor mais significativo 6,4% é relativo a artes plásticas (ver tabela T.50 em anexo).

Na rede social Twitter verificámos que 14,3% dos alunos acede a conteúdos sobre cinema e 12,9% sobre música / dança (ver tabela T.51 em anexo).

Na rede social Whatsapp verificámos que 9,6% dos alunos acede a conteúdos sobre literatura e 9,8% sobre música / dança (ver tabela T.52 em anexo).

---

<sup>18</sup> Dados acessíveis em <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~2429.aspx>. Acedido em 17-06-2019

<sup>19</sup> <https://www.google.com/search?q=Os+Portugueses+e+as+Redes+Sociais+2018&oq=Os+Portugueses+e+as+Redes+Sociais+2018&aqs=chrome..69i57j0.1010j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>  
Acedido em 17-06-2019

Relativamente à rede social Snapchat averiguámos que o valor mais representado são os conteúdos sobre música / dança, 4,4% (ver tabela T.53 em anexo).

Analisando estes dados e comparando-os com alguns dados obtidos na resposta à Questão oito (Q8), verificamos que a ida ao cinema é das atividades culturais mais praticadas pelos estudantes, sendo que o facto de o fazerem, em número significativo através das redes sociais, não impede que visitem as salas de cinema (85,6% dos alunos referiram ir ao cinema entre menos do que uma vez por mês e todas as semanas).

Se fizermos a mesma comparação em relação as visitas ao teatro e a consulta de sites com conteúdos sobre teatro, apuramos que 21,9% dos alunos referem assistir a espetáculos de teatro entre menos do que uma vez por mês e todas as semanas, sendo que o acesso a conteúdos culturais sobre teatro nas redes sociais ronda, sensivelmente, os 20%, no Facebook e no Youtube (as redes sociais mais utilizadas para o efeito). O número de alunos interessados nas práticas teatrais e que acede a elas por vários meios é, basicamente o mesmo, não havendo preferências por um meio ou outro.

A utilização das redes sociais na procura e frequência de atividades culturais virtuais, não é impeditiva da prática dessas mesmas atividades em situação real.

Na questão dezanove (Q19), uma pergunta de resposta aberta, procurámos saber mais concretamente, que género de práticas culturais os alunos procuram nas redes sociais. Assim, as séries, o cinema, a música, a literatura, as artes plásticas, a televisão, o desporto, a fotografia, o *anime*, o teatro, os programas de cultura geral, os videojogos, os documentários, as entrevistas, os talk shows, a história, a gastronomia, os festivais de música, as notícias, a arquitetura, o design, a moda, o humor e os vídeos de artesanato, são os conteúdos mais vistos. A seguir transcrevemos algumas das respostas que entendemos serem interessantes para expor neste trabalho.

*“Sites de festivais musicais ou páginas de determinados canais para verificar o calendário de eventos, e o jornal Público”*

*“Acesso a newsletters de museus, teatros, associações culturais etc.; e-books; eventos culturais publicitados em redes sociais. Basicamente uso a internet para descobrir cultura que me interessa, não propriamente para aceder a esta.”*

*“Consumo artigos científicos, livros em formato digital e jornais de cariz económico e desportivo.”*

*“Desporto, economia e política e sites relacionados com fotografia de paisagens naturais. Informação sobre saúde.”*

*“Filmes, séries e música são conteúdos que consumo todos os dias, no entanto, a fotografia também ocupa um lugar de destaque nas minhas pesquisas.”*

*“Filmes, séries, espetáculos de dança (coreografias).”*

*“Páginas de cultura (Comunidade Cultura e Arte), várias páginas sobre cinema e páginas de poesia.”*

*“Vejo concertos de música erudita e filmes.”*

*“Arte, design, design sustentável, práticas artísticas...”*

*“Arte urbana, entretenimento cultural independente, cinema de animação, música e dança.”*

São, como podemos ver, variadas as opções dos alunos da UBI no que toca à procura de cultura nas redes sociais.

## **5. Participação em atividades culturais promovidas pela cidade**

Por fim a última questão do questionário (Q20), foi feita com o intuito de verificar se os alunos frequentam algumas das atividades culturais propostas pela cidade da Covilhã.

Tendo em conta os resultados obtidos, confirmámos que os estudantes não estabelecem uma relação de proximidade com a cidade, pelo menos em relação à participação na oferta cultural que, tanto esta como os agentes culturais aqui instalados, lhes proporcionam. Em média cerca de 87% dos estudantes inquiridos diz nunca ter visitado os museus ou galerias de exposições da cidade. O mesmo se passa em relação às companhias de Teatro, onde a média de assistência a espetáculos por parte dos alunos da UBI é ainda menor, 91,77% nunca presenciou espetáculos da Asta, 98,4%, nunca assistiu a interpretações da Quarta Parede e 80,92% nunca viu os espetáculos do Teatro das Beiras.

A comparência em atividades na Biblioteca Municipal da Covilhã, torna-a o espaço cultural mais visitado pelos alunos, apesar de 76,31% dos alunos diz nunca ter assistido às atividades desta casa da cultura por excelência.

Também o Museu de Arte Sacra ou a Galeria de Exposições Tinturaria regista fraca adesão por parte dos alunos da UBI, com 87,15% a afirmarem nunca ter visitado o Museu e 87,55% de alunos que nunca visitaram uma exposição na Tinturaria.

Os festivais são, de facto, a manifestação cultural onde os alunos mais participam, com apenas 50,4% a referir nunca ter participado em qualquer festival promovido pela cidade. Apesar de tudo, a participação é bastante residual em qualquer um dos pontos referido nesta questão (ver tabelas T.54 a T.61, em anexo).

Se tivermos em conta que grande parte das atividades culturais têm lugar ao fim de semana, talvez entendamos a pouca adesão por parte dos alunos, uma vez que muitos deles não são da Covilhã, aproveitando o final da semana para ir a casa, em alturas de menos afluência de estudo. Em épocas em que o estudo é mais intenso, o fim de semana é utilizado para estudar.

Apresentada que está a análise dos inquéritos e tecidas algumas considerações, passemos à apresentação das conclusões que retiramos de todo este estudo de averiguação das práticas culturais e formas de acesso à cultura, dos estudantes da Universidade da Beira Interior.

## VI. Conclusões

A presente dissertação teve como principal objetivo o conhecimento das práticas culturais e de que forma acedem à cultura os alunos da Universidade da Beira Interior.

Para além das conclusões a que fomos chegando durante a análise às respostas aos inquéritos, uma das principais conclusões que surgiu, à luz das teorias de Bourdieu, relativamente às práticas culturais dos estudantes da UBI, é a de que estas já não são somente um produto da educação ou da origem social. Para Bourdieu “o peso relativo da educação familiar e da educação escolar (onde a eficácia e a duração dependem fortemente da origem social) varia segundo o grau em que as diversas práticas culturais são reconhecidas e ensinadas pelo sistema escolar [...]” (Bourdieu, 1979, p. 1). Atualmente, e como refere João Teixeira Lopes (2000) se por um lado se exigem cada vez mais credenciais escolares para alcançar uma posição social privilegiada, por outro lado, especialmente nas gerações mais jovens, as fontes de transmissão e aquisição de capital cultural multiplicam-se, já não sendo somente a família e a escola. Os meios de comunicação social, os colegas, as redes sociais em geral, tornaram-se um dos mais importantes meios de difusão e produção de mais recentes formas de cultura. Como verificámos 96% dos alunos acedem à internet diariamente.

Existe um *habitus* em cada um dos jovens estudantes inquiridos, apenas já não é exatamente aquele a que Bourdieu se refere. Para Bourdieu *habitus* surge, como um conceito abrangente capaz de compatibilizar a oposição que existe entre o mundo exterior e o mundo individual de cada ser e que designa um conjunto incorporado de disposições estruturadas (pelo conjunto das suas posições e experiências sociais) e que são organizadoras das suas práticas e dos seus gostos, o que ainda se aplica na atualidade. Simplesmente, como apurámos, as origens deste *habitus* diversificaram-se.

Verificámos que já não são, somente, os alunos provenientes das classes mais favorecidas ou que têm pais com formação superior, por exemplo, que acedem às práticas culturais. Como vimos através do questionário, a frequência das várias práticas culturais propostas é transversal a todas as origens, quer em termos de habilitações literárias dos pais, quer em termos de local de habitação e outras.

Após análise das respostas ao questionário apurámos que as práticas culturais mais frequentadas pelos alunos são a ida ao cinema, a ida a concertos e festivais, a visita a monumentos, fazer fotografia e frequentar bibliotecas. Outras práticas muito habituais

são a audição de rádio, a audição de música sem ser na rádio (lembremo-nos que 67,26% dos estudantes dizem usar o Spotify para ouvir música entre uma vez por semana e todos os dias) e navegar na Internet. Se por um lado é muito importante que a universidade incremente as suas ofertas nestas áreas, também não deverá deixar de lado encontrar formas de motivar os seus alunos para o desenvolvimento de novas práticas culturais que, habitualmente, não têm.

Confirmámos que a Universidade exerce influência no incremento das práticas culturais em cerca de metade dos alunos inquiridos, o que é um valor muito apreciável, tendo em conta os interesses dos jovens em termos culturais que são, como vimos, muito afetados pelas novas tecnologias. Já justificámos que a origem social, só por si, não é um fator a considerar e que os alunos frequentam de igual modo atividades culturais no mundo real e no mundo virtual, não sendo uma desfavorecida pela outra. Assim sendo, por que motivo cerca de metade da população estudantil não é influenciada pelas ofertas culturais que a UBI lhes proporciona?

Talvez a divulgação dos eventos culturais não seja feita de forma totalmente eficiente. Pela resposta aos inquéritos apurámos que 78,8% dos alunos afirma que o acesso a informação sobre os eventos é muito ou totalmente importante na hora de fazerem as suas opções. Será pertinente para a Universidade pensar em novas formas de aceder aos alunos no sentido de os manter informados sobre o que se passa na universidade.

Outra explicação plausível poderá ser a circunstância de muitos estudantes do ensino superior se focarem somente no curso e no seu bom desfecho, estando algo alheios ao que se passa à sua volta, ou não tendo mesmo algum interesse em participar.

A existência ainda recente da licenciatura em Ciências da Cultura e do Mestrado em Estudos de Cultura, demonstra uma preocupação por parte da universidade em diversificar, não só a sua oferta em termos de ensino, como igualmente encontrar novas formas de chegar junto dos alunos através da cultura. Nada melhor do que um curso nesta área para abrir caminho a outros meios de entendimento entre a instituição e aqueles que a compõem.

Pertinente seria, igualmente, a criação de uma pró-reitoria para a cultura à semelhança do que já existe noutras universidades.

Finalmente vimos que a relação dos jovens com a cidade no que à cultura diz respeito, é pouco significativa. Os estudantes não conhecem e praticamente não acedem a conteúdos culturais proporcionados pela cidade e pelos seus agentes culturais. Uma

mudança de estratégia justifica-se. Mais uma vez, talvez seja a divulgação a ser insuficiente.

Pensamos que esta dissertação mostrou ser útil, pelo facto de ter dado a conhecer quais as práticas culturais dos alunos da UBI e de que formas estes acedem à cultura. Neste momento já existem números, em que futuros estudos se possam basear.

Este trabalho salienta a importância de as instituições universitárias conhecerem o mais aprofundadamente possível os públicos com quem lidam, e neste caso o público da cultura visado são os seus estudantes.

Depois de conhecidas as práticas culturais dos estudantes, é mais fácil conceber formas, criar estratégias para chegar até eles. Talvez um próximo estudo nesta área seja, precisamente, sobre as estratégias que a UBI e, porque não, a cidade da Covilhã, devem desenvolver para motivar crescentemente estes estudantes no vasto e fascinante mundo da cultura.

## VII. Referências

- Antunes, M. (2007). História da Cultura, vol. IV, in *Obra completa do Padre Manuel Antunes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Appadurai, A. (2004), *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*, Lisboa: Teorema
- Arendt, H. (1972). *La crise de la culture*, France: Gallimard
- Balsa, C., Simões, J. A., Nunes, P., Carmo, R. do, & Campos, R. (2001). *Perfil dos estudantes do ensino superior: desigualdades e diferenciação*, Lisboa: Colibri
- Bauman, Z. (2012). *Ensaio sobre o conceito de cultura*, [S.l.]: Zahar
- Birou, A. (1982). *Dicionário das Ciências Sociais*, Lisboa: Dom Quixote
- Bourdieu, P. (1979). *La distinction: critique sociale du jugement*, Paris: Les Éditions du Minuit
- Bourdieu, P. (1988). *Homo Academicus*, Cambridge: Polity Press
- Bourdieu, P. (2003). *Questões de sociologia*, Lisboa: Fim de Século
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*, Lisboa: Difel
- Bourdieu, P. (1996). *Regras da arte: génese e estrutura do campo literário*, Lisboa: Presença
- Bourdieu, P., Passeron, J.-C. (s.d.). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*, Lisboa: Vega
- Castells, M. (2005). A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política, in *A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Acção Política*, Conferência promovida pelo Presidente da República, 4 e 5 de Março, Centro Cultural de Belém, Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Disponível em:  
<http://eco.imooc.uab.pt/elgg/file/download/51670>
- Castells, M. (2002). *A Sociedade em Rede: A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, vol. (1), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Connor, S. (2002). *Cultura postmoderna: introducción a las teorías de la contemporaneidad*, Madrid: Akal

Costa, P. (2007). *A cultura em Lisboa: competitividade e desenvolvimento territorial*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais

Diniz, A. M. (2005). *A universidade e os seus estudantes: um enfoque psicológico*, Évora: Universidade. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/308048502\\_A\\_Universidade\\_e\\_os\\_seus\\_estudantes\\_um\\_enfoque\\_psicologico](https://www.researchgate.net/publication/308048502_A_Universidade_e_os_seus_estudantes_um_enfoque_psicologico)

Dollot, L. (1974). *Culture individuelle et culture de masse*, Paris: Presses Universitaires de France

Doutor, C. (2016). Um olhar sociológico sobre os conceitos de juventude e de práticas culturais: Perspetivas e reflexões, in *Última Década n.º 45, Proyecto Juventudes*, Diciembre 2016 (pp. 159-174). Disponível em:

<file:///C:/Dialnet-UmOlharSociologicoSobreOsConceitosDeJuventudeEDEPr-5975475.pdf> (acedido a 11 março 2019)

Engels, F. (1876). *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, (s.l.): RidendoCastigat Mores. Disponível em:

[www.ebooksbrasil.org/adobeebooks/macaco/pdf](http://www.ebooksbrasil.org/adobeebooks/macaco/pdf)

Estanque, E., Bebian, R. (2007). *Do activismo à indiferença: movimentos estudantis em Coimbra*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais

Faria, C. (2000). *As lutas estudantis contra a ditadura militar: (1926-1932)*, Lisboa: Colibri

Fernandes, A.T, Esteves, A.J., Pereira, V.B., Rodrigues, E.V., Lopes, A., Albergaria, A.C., & Teixeira, E.G. (2001). *Estudantes do ensino superior no Porto: representações e práticas culturais*, Porto: Afrontamento

Fernandes, A.T., Esteves, A.J., Dias, I., Lopes, J.T., Mendes, M.M., & Azevedo, N. (1998). *Práticas e aspirações culturais: os estudantes da cidade do Porto*, Porto: Afrontamento

Fidalgo, A. (2012). Elegias da cultura na era da internet. In *Aprofundar a crise: olhares multidisciplinares* (pp. 93 a 104). Coimbra: Pombalina. Disponível em:

[https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/30725/1/5-Aprofundar%20a%20crise%20\(2012\).pdf?ln=pt-pt](https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/30725/1/5-Aprofundar%20a%20crise%20(2012).pdf?ln=pt-pt)

Fidalgo, A. (2012). *Cultura e meios digitais: Elegias e ditirambos*, Covilhã: Universidade da Beira Interior

Fortuna, C., Simmel, G., Wirth, L., Benjamin, W., Featherstone, M., Bovone, L. ...Arantes, A. (2001). *Cidade, cultura e globalização*, Oeiras: Celta

Fortuna, C., Peixoto, P., Silva, A. S., Brito, P., Santos, H., Abreu, P. ...Faria, M.L. (2002). *Projeto e circunstância: culturas urbanas em Portugal*, Porto: Afrontamento

Fowler, B. (1997). *Pierre Bourdieu and cultural theory: critical investigations*, London: SAGE

Franco, J. E. (2017). A fome de cultura é a raiz de todas as fomes. In U. Sidoncha & C. Moura (org.), *Metamorfoses da cultura*, (pp. 115-126). Lisboa: Vega

García Canclini, N. (2001). *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidade*, Buenos Aires: Paidós

Iasbeck, L.C.A., Santoella, L., Primo, A., Cunha, L., Palácios, M., Alzamora, G. ...Pereira, X. (2004). *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*, Belo Horizonte: PUCMinas

Jenkins, H. (2006). *Convergence culture I*, New York University Press

Jenkins, H., Ford, S., Green, J. (2013). *Spreadable media*, New York University Press

Landes, D. S. (2003). Globalização, uma história antiga e nova. In *Globalização: ciência, cultura e religiões, Portugal, 15 outubro 2002* (pp. 133- 146). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Lauwe, P.-H. C., Lauwe, M.-J. C., Mollo, S., Huguet, M., Kaes, R., Larrue, J., & Thomas, C. (1966). *Images de la culture*, Paris: Les Editions Ouvrières

Lipovetsky, G. (1989). *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa: Relógio D'Água

Lopes, J. T. (2000). *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*, Porto: Afrontamento

Lopes, J. T. (1997). *Tristes Escolas: práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano*, Porto: Afrontamento

Malinowski, B. (1962). *Uma teoria científica da cultura*, Rio de Janeiro: Zahar

Martinho, T.D., Lopes, J.T., Garcia, J.L. (2016). *Cultura e digital em Portugal*, Porto: Afrontamento

Matoso, R. (2007). *Públicos da Cultura e Estratificação Social: Uma perspectiva a partir de Pierre Bourdieu e da sua obra “La Distinction. Critique Sociale du Jugement”*. Disponível em:

<https://estc.academia.edu/RuiMatoso> | <https://repositorio.ipl.pt/>

Mesch, G. S. (2009). The internet and youth culture. In *The Hedgehog Review*, Spring 2009, volume 11, nº 1, (pp. 50-60). Disponível em: <https://hedgehogreview.com/issues/youth-culture>

Moniz, L. L. (2008). *Não sei se sou diferente...: a (in)visibilidade da diversidade cultural*, Lisboa: Livros Horizonte

Morin, E. (1962). *L'esprit du temps*, Paris: Grasset et Fasquelle

Moura, V. G. (2013). *A identidade cultural europeia*, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos

Pais, J. M. (2003). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Piñeiro, J. A. (2017). «Clase, cultura y desigualdad en la perspectiva de los Estudios Culturales británicos y la Sociología de la Cultura de Pierre Bourdieu», in *Perspectivas Metodológicas*, n.º 19, Vol. II. Disponível em:

<http://revistas.unla.edu.ar/epistemologia/issue/view/118>

Robbins, D. (2000). *Bourdieu and culture*, London: SAGE

Ruivo, J., Mesquita, H., Ponte, C., Rodrigues, D., Costa, A.I., Miranda, G.L. ...Trigueiros, A. (2013). *A escola e as TIC na sociedade do conhecimento*, Castelo Branco: RVJ Editores

Santos, B. de S. (2002). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*, Porto: Afrontamento

Santos, M. de L.L. dos (2012). *Sociologia da cultura: perfil de uma carreira*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais

Santos, M.L.L, Pais, J.M., (org.) (2010). *Novos trilhos culturais: práticas e culturas*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais

Simões, J. A., (2010). *Entre a rua e a internet: um estudo sobre o hip-hop português*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais

Teixeira, R. P. de M. A., (2012). *Cultura e a Diversidade de Públicos - um estudo de caso*. (Tese de Mestrado não publicada), Porto: Universidade Portucalense Infante D.Henrique

Tylor, E., (1977). *Cultura primitiva I: los orígenes de la cultura*, Madrid: Editorial Ayuso

Warnier, J.-P. (2002). *A mundialização da cultura*, Lisboa: Notícias

Wimmer, R. D., Dominick, J. R., (1996). *La investigación científica de los medios de comunicación: una introducción a sus métodos*, Barcelona: Bosch Casa Editorial

Yang, Y., (2014). «Bourdieu, practice and change: beyond the criticism of determinism», in *Educational Philosophy and Theory*, vol. 46, n. ° 14. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00131857.2013.839357>

### **Endereços Web acedidos**

<http://www.crup.pt/universidade-da-beira-interior/>

<https://www.ubi.pt/Pagina/Historia>

<https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/a-cnu/setores-de-programa/cultura>

<https://www.podata.pt/Portugal/Alunos+matriculados+no+ensino+superior+total+e+por+sexo-1048>

[https://www.ubi.pt/Ficheiros/Entidades/90919/Relatorio%20de%20Atividades2017\\_%20VF.pdf](https://www.ubi.pt/Ficheiros/Entidades/90919/Relatorio%20de%20Atividades2017_%20VF.pdf)

### **Outras referências utilizadas**

Baptista, A. A. (2000). *O tempo das palavras*, Lisboa: Presença

Hesse, H. (2018). *Uma biblioteca da literatura universal*, Amadora: Cavalo de Ferro

Ceia, C. (2008). *Normas para apresentação de trabalhos científicos*, Barcarena: Presença

Eco, U. (1998). *Como se faz uma tese em ciências humanas*, Lisboa: Presença

Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS Statistics*, Pêro Pinheiro: ReportNumber

Nunes, A. S. (1996). *Questões preliminares sobre as ciências sociais*, Lisboa: Presença

Sá, A., Pereira, L. (2013). *Dicas para investigar em ciências sociais e humanas*, Vila Nova de Famalicão: Humus

Quivy, R., Campenhoudt, L.V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa: Gradiva

## **VIII. Anexos**

## Anexo 1 - Questionário

### «Práticas culturais e formas de acesso à cultura dos alunos da Universidade da Beira Interior (UBI)»

A aplicação deste questionário tem como objetivo realizar um estudo sobre as práticas culturais e as formas de acesso à cultura dos alunos da UBI, no âmbito do mestrado em Estudos de Cultura desta Universidade. Agradecemos a sua colaboração na realização deste estudo, através do preenchimento deste questionário, para o qual garantimos o seu anonimato.

**Q1. Idade** \_\_\_\_\_

**Q2. Sexo:** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa)

- Feminino
- Masculino

**Q3. Habilitações literárias:** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa)

- 12º Ano
- Licenciatura
- Pós-Graduação / Mestrado

**Q4. Habilitações literárias dos pais:** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa)

**Pai:**

- Até 6º Ano
- 9º Ano
- 12º Ano
- Licenciatura
- Pós-Graduação / Mestrado
- Doutoramento

**Mãe:**

- Até 6º Ano
- 9º Ano
- 12º Ano
- Licenciatura
- Pós-Graduação / Mestrado
- Doutoramento

**Q5. Nacionalidade:** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa)

- Portuguesa
- Resto da Europa
- Africana
- América do Sul
- Outro

**Q6. Localidade de residência em termos de habitantes:** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa)

- Menos de 500 habitantes
- Entre 500 e 2.000 habitantes
- Mais de 2.000 até 10.000 habitantes
- Mais de 10.000 até 50.000 habitantes
- Mais de 50.000 habitantes

**Q7. Qual a faculdade que frequenta?** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa)

- Faculdade de Ciências
- Faculdade de Engenharia
- Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
- Faculdade de Artes e Letras
- Faculdade de Ciências da Saúde

**Q8. Indique com que frequência realiza cada uma das seguintes atividades:** (Assinale com uma cruz (x) 1 opção para cada atividade)

	Nunca	Menos do que uma vez por ano	Menos do que uma vez por mês	Uma vez por mês	Duas ou mais vezes por mês	Todas as semanas
Ir ao teatro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ir a espetáculos de dança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ver exposições (fotografia, pintura, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Visitar museus	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Visitar monumentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ir a concertos/festivais de música	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ir ao cinema	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Praticar dança (ballet, danças contemporâneas, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tocar num grupo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cantar num grupo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Escrever (poesia ou prosa)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Praticar artes plásticas (pintar, desenhar, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazer teatro amador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazer fotografia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ir a uma Biblioteca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Q9. Indique com que frequência realiza cada uma das seguintes atividades:** (Assinale com uma cruz (x) 1 opção para cada atividade)

	Nunca	1 vez por semana	2 a 3 vezes por semana	4 a 5 vezes por semana	Todos os dias
Ler Revistas/Jornais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ler Livros (sem ser de estudo)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ouvir Rádio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ouvir música (sem ser na rádio)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ver televisão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Navegar na Internet	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Q10. Quais dos seguintes fatores influenciam a sua participação num evento cultural:** (Assinale com uma cruz (x) 1 opção para cada fator apresentado)

	Nada	Pouco	Muito	Totalmente
Preço	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interesse pelo evento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Companhia (amigos, família...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Opinião/ comentários de pessoas conhecidas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Críticas ao evento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Localização do evento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Convite de outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Curiosidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acesso a informação sobre o evento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Q11. Faz parte de alguma associação ou núcleo de estudantes da UBI?** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa)

Sim

Não

**Q12. Tem um papel ativo em alguma associação ou núcleo de estudantes da UBI?** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa)

Sim

Não

**Q13. Faz parte de algum dos núcleos culturais da UBI?** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa)

Sim

Não

**Q14. Indique com que frequência participa em atividades/formações promovidas pela UBI e/ou pelas suas associações e núcleos:** (Assinale com uma cruz (x) 1 opção para cada atividade/formação)

	Nunca	Menos do que uma vez por mês	Uma vez por mês	Duas ou mais vezes por mês	Uma vez por semana	Mais do que uma vez por semana
Conferências / Colóquios / Fóruns	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jornadas / Seminários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Concertos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Festivais (Música, Teatro, Literários, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atividades Culturais do Museu de Lanifícios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Semanas Temáticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Feiras Temáticas (ex. Feira do Livro)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formações do CFIUTE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Q15. Comparando com o momento em que entrou no ensino superior, a Universidade contribui para o incremento das suas práticas culturais?** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa)

- |  |                                |
|--|--------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Nada          | <input type="checkbox"/> Pouco |
| <input type="checkbox"/> Razoavelmente | <input type="checkbox"/> Muito |

**Q15.1. Quais?**

---



---



---

**Q16. Indique com que frequência visita a Biblioteca da UBI e para quê:** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa para cada ponto)

	Nunca	Menos de 1 vez por semana	1 vez por semana	Várias vezes por semana	Todos os dias
<b>Requisitar livros de estudo</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Requisitar livros de lazer</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Consultar Publicações Periódicas (científicas e outras)</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Aceder à Internet</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Estudar</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Q17. Indique com que frequência utiliza as seguintes plataformas de streaming:** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa para cada ponto)

	Nunca	1 vez por semana	2 a 3 vezes por semana	4 a 5 vezes por semana	Todos os dias
<b>Netflix</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<b>Spotify</b>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Q18. Indique com que frequência utiliza as seguintes redes sociais:** (Assinale com uma cruz (x) a opção certa para cada ponto)

	Nunca	1 vez por semana	2 a 3 vezes por semana	4 a 5 vezes por semana	Todos os dias
Facebook	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Youtube	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Instagram	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tumblr	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Twitter	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Whatsapp	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Snapchat	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Q18.1 Em que redes sociais acede a conteúdos ligados a:** (Assinale com uma cruz (x) as opções para cada rede social)

	Cinema	Literatura	Artes Plásticas	Música/Dança	Teatro
Facebook	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Youtube	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Instagram	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tumblr	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Twitter	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Whatsapp	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Snapchat	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Q19. Se é utilizador da Internet quais os conteúdos culturais que mais consome.**

---



---



---



---



---

**Q20. Indique se frequenta alguma das seguintes ofertas culturais da cidade da Covilhã:**  
(Assinale com uma cruz (x) a opção certa para cada ponto)

	Nunca	Menos do que uma vez por mês	Uma vez por mês	Duas ou mais vezes por mês	Uma vez por semana	Mais do que uma vez por semana
Atividades da ASTA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atividades da Quarta Parede	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atividades do Teatro das Beiras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atividades da Biblioteca Municipal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Exposições na Galeria Tinturaria	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Exposições no Museu de Arte Sacra	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Café Literário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Festivais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Muito obrigada.

## Anexo 2 – Tabelas de análise do questionário

- Tabelas relativas à questão oito Q8 do questionário

Tabela T.2 – Ir ao teatro

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	151	30,3	30,3	30,3
	menos que uma vez por ano	238	47,8	47,8	78,1
	menos que uma vez por mês	82	16,5	16,5	94,6
	uma vez por mês	16	3,2	3,2	97,8
	duas ou mais vezes por mês	10	2,0	2,0	99,8
	todas as semanas	1	,2	,2	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.3 – Fazer teatro amador

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	429	86,1	86,1	86,1
	menos que uma vez por ano	41	8,2	8,2	94,4
	menos que uma vez por mês	9	1,8	1,8	96,2
	uma vez por mês	8	1,6	1,6	97,8
	duas ou mais vezes por mês	5	1,0	1,0	98,8
	todas as semanas	6	1,2	1,2	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.4 – Ir a um espetáculo de dança**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	204	41,0	41,0	41,0
	menos que uma vez por ano	207	41,6	41,6	82,5
	menos que uma vez por mês	66	13,3	13,3	95,8
	uma vez por mês	14	2,8	2,8	98,6
	duas ou mais vezes por mês	6	1,2	1,2	99,8
	todas as semanas	1	,2	,2	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.5 – Praticar dança**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	344	69,1	69,1	69,1
	menos que uma vez por ano	71	14,3	14,3	83,3
	menos que uma vez por mês	36	7,2	7,2	90,6
	uma vez por mês	13	2,6	2,6	93,2
	duas ou mais vezes por mês	15	3,0	3,0	96,2
	todas as semanas	19	3,8	3,8	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.6 – Ver exposições**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	106	21,3	21,3	21,3
	menos que uma vez por ano	201	40,4	40,4	61,6
	menos que uma vez por mês	133	26,7	26,7	88,4
	uma vez por mês	34	6,8	6,8	95,2
	duas ou mais vezes por mês	21	4,2	4,2	99,4
	todas as semanas	3	,6	,6	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.7 – Visitar Museus**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	62	12,4	12,4	12,4
	menos que uma vez por ano	210	42,2	42,2	54,6
	menos que uma vez por mês	179	35,9	35,9	90,6
	uma vez por mês	38	7,6	7,6	98,2
	duas ou mais vezes por mês	8	1,6	1,6	99,8
	todas as semanas	1	,2	,2	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.8 – Visitar monumentos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	39	7,8	7,8	7,8
	menos que uma vez por ano	147	29,5	29,6	37,4
	menos que uma vez por mês	210	42,2	42,3	79,7
	uma vez por mês	76	15,3	15,3	95,0
	duas ou mais vezes por mês	19	3,8	3,8	98,8
	todas as semanas	6	1,2	1,2	100,0
	Total	497	99,8	100,0	
Missing	System	1	,2		
Total		498	100,0		

Tabela T.9 – Ir a concertos e/ou festivais

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	31	6,2	6,2	6,2
	menos que uma vez por ano	139	27,9	27,9	34,1
	menos que uma vez por mês	210	42,2	42,2	76,3
	uma vez por mês	81	16,3	16,3	92,6
	duas ou mais vezes por mês	32	6,4	6,4	99,0
	todas as semanas	5	1,0	1,0	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.10 – Ir ao cinema**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	13	2,6	2,6	2,6
	menos que uma vez por ano	59	11,8	11,8	14,5
	menos que uma vez por mês	222	44,6	44,6	59,0
	uma vez por mês	124	24,9	24,9	83,9
	duas ou mais vezes por mês	72	14,5	14,5	98,4
	todas as semanas	8	1,6	1,6	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.11 – Tocar num grupo**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	403	80,9	80,9	80,9
	menos que uma vez por ano	36	7,2	7,2	88,2
	menos que uma vez por mês	17	3,4	3,4	91,6
	uma vez por mês	7	1,4	1,4	93,0
	duas ou mais vezes por mês	10	2,0	2,0	95,0
	todas as semanas	25	5,0	5,0	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.12 – Cantar num grupo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	391	78,5	78,5	78,5
	menos que uma vez por ano	38	7,6	7,6	86,1
	menos que uma vez por mês	17	3,4	3,4	89,6
	uma vez por mês	10	2,0	2,0	91,6
	duas ou mais vezes por mês	9	1,8	1,8	93,4
	todas as semanas	33	6,6	6,6	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.13 – Escrever

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	292	58,6	58,6	58,6
	menos que uma vez por ano	69	13,9	13,9	72,5
	menos que uma vez por mês	55	11,0	11,0	83,5
	uma vez por mês	20	4,0	4,0	87,6
	duas ou mais vezes por mês	27	5,4	5,4	93,0
	todas as semanas	35	7,0	7,0	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.14 – Praticar artes plásticas**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	255	51,2	51,2	51,2
	menos que uma vez por ano	64	12,9	12,9	64,1
	menos que uma vez por mês	51	10,2	10,2	74,3
	uma vez por mês	31	6,2	6,2	80,5
	duas ou mais vezes por mês	38	7,6	7,6	88,2
	todas as semanas	59	11,8	11,8	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.15 – Fazer fotografia**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	145	29,1	29,1	29,1
	menos que uma vez por ano	68	13,7	13,7	42,8
	menos que uma vez por mês	57	11,4	11,4	54,2
	uma vez por mês	60	12,0	12,0	66,3
	duas ou mais vezes por mês	74	14,9	14,9	81,1
	todas as semanas	94	18,9	18,9	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

- **Tabelas relativas à questão nove Q9 do questionário**

**Tabela T.16 – Ler revistas e/ou jornais**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	96	19,3	19,3	19,3
	uma vez por semana	213	42,8	42,8	62,0
	duas a três vezes por semana	101	20,3	20,3	82,3
	quatro a cinco vezes por semana	38	7,6	7,6	90,0
	todos os dias	50	10,0	10,0	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.17 – Ler livros (sem ser de estudo)**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	130	26,1	26,1	26,1
	uma vez por semana	191	38,4	38,4	64,5
	duas a três vezes por semana	78	15,7	15,7	80,1
	quatro a cinco vezes por semana	50	10,0	10,0	90,2
	todos os dias	49	9,8	9,8	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.18 – Ouvir rádio

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	93	18,7	18,7	18,7
	uma vez por semana	96	19,3	19,3	38,0
	duas a três vezes por semana	114	22,9	22,9	60,8
	quatro a cinco vezes por semana	58	11,6	11,6	72,5
	todos os dias	137	27,5	27,5	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.19 – Ouvir Música (sem ser na rádio)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	2	,4	,4	,4
	uma vez por semana	11	2,2	2,2	2,6
	duas a três vezes por semana	25	5,0	5,0	7,6
	quatro a cinco vezes por semana	50	10,0	10,0	17,7
	todos os dias	410	82,3	82,3	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.20 – Ver televisão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	54	10,8	10,8	10,8
	uma vez por semana	117	23,5	23,5	34,3
	duas a três vezes por semana	128	25,7	25,7	60,0
	quatro a cinco vezes por semana	60	12,0	12,0	72,1
	todos os dias	139	27,9	27,9	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

- **Tabelas relativas à questão dez Q10 do questionário**

Tabela T.21 – Preço

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nada	20	4,0	4,0	4,0
	pouco	107	21,5	21,5	25,5
	muito	266	53,4	53,4	78,9
	totalmente	105	21,1	21,1	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.22 – Interesse pelo evento

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nada	5	1,0	1,0	1,0
	pouco	13	2,6	2,6	3,6
	muito	176	35,3	35,4	39,0
	totalmente	303	60,8	61,0	100,0
	Total	497	99,8	100,0	
Missing	System	1	,2		
Total		498	100,0		

Tabela T.23 – Companhia (amigos, família...)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nada	14	2,8	2,8	2,8
	pouco	74	14,9	14,9	17,7
	muito	254	51,0	51,0	68,7
	totalmente	156	31,3	31,3	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.24 – Opinião/comentários de pessoas conhecidas**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nada	54	10,8	10,8	10,8
	pouco	244	49,0	49,0	59,8
	muito	178	35,7	35,7	95,6
	totalmente	22	4,4	4,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.25 – Críticas ao evento**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nada	58	11,6	11,6	11,6
	pouco	257	51,6	51,6	63,3
	muito	161	32,3	32,3	95,6
	totalmente	22	4,4	4,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.26 – Localização do evento**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nada	15	3,0	3,0	3,0
	pouco	88	17,7	17,7	20,7
	muito	282	56,6	56,6	77,3
	totalmente	113	22,7	22,7	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.27 – Convite de outras pessoas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nada	31	6,2	6,2	6,2
	pouco	178	35,7	35,7	42,0
	muito	246	49,4	49,4	91,4
	totalmente	43	8,6	8,6	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.28 – Curiosidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nada	3	,6	,6	,6
	pouco	71	14,3	14,3	14,9
	muito	265	53,2	53,2	68,1
	totalmente	159	31,9	31,9	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.29 – Acesso a Informação sobre o evento

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nada	10	2,0	2,0	2,0
	pouco	96	19,3	19,3	21,3
	muito	288	57,8	57,8	79,1
	totalmente	104	20,9	20,9	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

- **Tabelas relativas à questão oito Q15 do questionário**

**Tabela T.31- Influência das habilitações literárias do pai no incremento das práticas culturais pela UBI**

habilitações_literárias_pai		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulativ e Percent
até 6º ano	Valid nada	31	28,4	28,4	28,4
	pouco	27	24,8	24,8	53,2
	razoavelmente	32	29,4	29,4	82,6
	muito	19	17,4	17,4	100,0
	Total	109	100,0	100,0	
9º ano	Valid nada	22	22,9	22,9	22,9
	pouco	21	21,9	21,9	44,8
	razoavelmente	33	34,4	34,4	79,2
	muito	20	20,8	20,8	100,0
	Total	96	100,0	100,0	
12º ano	Valid nada	50	27,8	27,8	27,8
	pouco	54	30,0	30,0	57,8
	razoavelmente	48	26,7	26,7	84,4
	muito	28	15,6	15,6	100,0
	Total	180	100,0	100,0	
licenciatura	Valid nada	20	30,3	30,3	30,3
	pouco	20	30,3	30,3	60,6
	razoavelmente	21	31,8	31,8	92,4
	muito	5	7,6	7,6	100,0
	Total	66	100,0	100,0	
pós-graduação/ mestrado	Valid nada	6	17,6	17,6	17,6
	pouco	10	29,4	29,4	47,1
	razoavelmente	14	41,2	41,2	88,2
	muito	4	11,8	11,8	100,0
	Total	34	100,0	100,0	
doutoramento	Valid nada	2	20,0	20,0	20,0
	pouco	4	40,0	40,0	60,0
	razoavelmente	3	30,0	30,0	90,0
	muito	1	10,0	10,0	100,0
	Total	10	100,0	100,0	

Tabela T.32- Influência das habilitações literárias da mãe no incremento das práticas culturais pela UBI

habilitações_literárias_mãe		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
até 6º ano	Valid	nada	23	29,5	29,5	29,5
		pouco	22	28,2	28,2	57,7
		razoavelmente	22	28,2	28,2	85,9
		muito	11	14,1	14,1	100,0
		Total	78	100,0	100,0	
9º ano	Valid	nada	17	21,0	21,0	21,0
		pouco	14	17,3	17,3	38,3
		razoavelmente	28	34,6	34,6	72,8
		muito	22	27,2	27,2	100,0
		Total	81	100,0	100,0	
12º ano	Valid	nada	44	24,9	24,9	24,9
		pouco	59	33,3	33,3	58,2
		razoavelmente	48	27,1	27,1	85,3
		muito	26	14,7	14,7	100,0
		Total	177	100,0	100,0	
licenciatura	Valid	nada	32	29,1	29,1	29,1
		pouco	30	27,3	27,3	56,4
		razoavelmente	31	28,2	28,2	84,5
		muito	17	15,5	15,5	100,0
		Total	110	100,0	100,0	
pós-graduação/ mestrado	Valid	nada	17	34,0	34,0	34,0
		pouco	12	24,0	24,0	58,0
		razoavelmente	20	40,0	40,0	98,0
		muito	1	2,0	2,0	100,0
		Total	50	100,0	100,0	
doutoramento	Valid	razoavelmente	1	100,0	100,0	100,0

**Tabela T.33- Influência do local de residência em termos de habitantes no incremento das práticas culturais pela UBI**

habitantes_por_localidade_de_residência		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
menos de 500 habitantes	Valid	nada	10	24,4	24,4	24,4
		pouco	9	22,0	22,0	46,3
		razoavelmente	15	36,6	36,6	82,9
		muito	7	17,1	17,1	100,0
		Total	41	100,0	100,0	
entre 500 a 2.000 habitantes	Valid	nada	35	30,4	30,4	30,4
		pouco	27	23,5	23,5	53,9
		razoavelmente	30	26,1	26,1	80,0
		muito	23	20,0	20,0	100,0
		Total	115	100,0	100,0	
mais de 2.000 até 10.000 habitantes	Valid	nada	31	24,4	24,4	24,4
		pouco	38	29,9	29,9	54,3
		razoavelmente	34	26,8	26,8	81,1
		muito	24	18,9	18,9	100,0
		Total	127	100,0	100,0	
mais de 10.000 até 50.000 habitantes	Valid	nada	26	25,7	25,7	25,7
		pouco	28	27,7	27,7	53,5
		razoavelmente	32	31,7	31,7	85,1
		muito	15	14,9	14,9	100,0
		Total	101	100,0	100,0	
mais de 50.000 habitantes	Valid	nada	31	27,2	27,2	27,2
		pouco	35	30,7	30,7	57,9
		razoavelmente	40	35,1	35,1	93,0
		muito	8	7,0	7,0	100,0
		Total	114	100,0	100,0	

- **Tabelas relativas à questão oito Q16 do questionário**

Tabela T.35 – Estudar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	23	4,6	4,6	4,6
	menos de uma vez por semana	62	12,4	12,4	17,1
	uma vez por semana	60	12,0	12,0	29,1
	várias vezes por semana	213	42,8	42,8	71,9
	todos os dias	140	28,1	28,1	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.36 – Aceder à internet

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	N/A	2	,4	,4	,4
	nunca	192	38,6	38,6	39,0
	menos de uma vez por semana	77	15,5	15,5	54,4
	uma vez por semana	42	8,4	8,4	62,9
	várias vezes por semana	87	17,5	17,5	80,3
	todos os dias	98	19,7	19,7	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.37 – Requisitar livros de estudo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	220	44,2	44,2	44,2
	menos de uma vez por semana	189	38,0	38,0	82,1
	uma vez por semana	42	8,4	8,4	90,6
	várias vezes por semana	39	7,8	7,8	98,4
	todos os dias	8	1,6	1,6	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.38 – Requisitar livros de lazer**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	396	79,5	79,5	79,5
	menos de uma vez por semana	77	15,5	15,5	95,0
	uma vez por semana	15	3,0	3,0	98,0
	várias vezes por semana	9	1,8	1,8	99,8
	todos os dias	1	,2	,2	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.39 – Consultar publicações periódicas (científicas e outras)**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	264	53,0	53,0	53,0
	menos de uma vez por semana	148	29,7	29,7	82,7
	uma vez por semana	43	8,6	8,6	91,4
	várias vezes por semana	25	5,0	5,0	96,4
	todos os dias	18	3,6	3,6	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.40 – Utilização do Facebook**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	23	4,6	4,6	4,6
	uma vez por semana	47	9,4	9,4	14,1
	duas a três vezes por semana	61	12,2	12,2	26,3
	quatro a cinco vezes por semana	61	12,2	12,2	38,6
	todos os dias	306	61,4	61,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.41 – Utilização do Youtube

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	2	,4	,4	,4
	uma vez por semana	17	3,4	3,4	3,8
	duas a três vezes por semana	35	7,0	7,0	10,8
	quatro a cinco vezes por semana	94	18,9	18,9	29,7
	todos os dias	350	70,3	70,3	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.42 – Utilização do Instagram

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	62	12,4	12,4	12,4
	uma vez por semana	8	1,6	1,6	14,1
	duas a três vezes por semana	12	2,4	2,4	16,5
	quatro a cinco vezes por semana	30	6,0	6,0	22,5
	todos os dias	386	77,5	77,5	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.43 – Utilização do Tumblr

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	433	86,9	86,9	86,9
	uma vez por semana	40	8,0	8,0	95,0
	duas a três vezes por semana	9	1,8	1,8	96,8
	quatro a cinco vezes por semana	4	,8	,8	97,6
	todos os dias	12	2,4	2,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.44 – Utilização do Twitter

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	320	64,3	64,3	64,3
	uma vez por semana	35	7,0	7,0	71,3
	duas a três vezes por semana	25	5,0	5,0	76,3
	quatro a cinco vezes por semana	17	3,4	3,4	79,7
	todos os dias	101	20,3	20,3	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.45 – Utilização do Whatsapp

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	56	11,2	11,2	11,2
	uma vez por semana	33	6,6	6,6	17,9
	duas a três vezes por semana	51	10,2	10,2	28,1
	quatro a cinco vezes por semana	64	12,9	12,9	41,0
	todos os dias	294	59,0	59,0	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.46 – Utilização do Snapchat

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	367	73,7	73,7	73,7
	uma vez por semana	51	10,2	10,2	83,9
	duas a três vezes por semana	31	6,2	6,2	90,2
	quatro a cinco vezes por semana	13	2,6	2,6	92,8
	todos os dias	36	7,2	7,2	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabelas T.47– Facebook

*facebook\_cinema*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	250	50,2	50,2	50,2
	não	248	49,8	49,8	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*facebook\_literatura*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	176	35,3	35,3	35,3
	não	322	64,7	64,7	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*facebook\_artes plásticas*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	129	25,9	25,9	25,9
	não	369	74,1	74,1	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*facebook\_música/dança*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	195	39,2	39,2	39,2
	não	303	60,8	60,8	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*facebook\_teatro*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	104	20,9	20,9	20,9
	não	394	79,1	79,1	100,0
Total		498	100,0	100,0	

Tabelas T.48 – Youtube

*youtube\_cinema*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	329	66,1	66,1	66,1
	não	169	33,9	33,9	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*youtube\_literatura*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	85	17,1	17,1	17,1
	não	413	82,9	82,9	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*youtube\_artes plásticas*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	105	21,1	21,1	21,1
	não	393	78,9	78,9	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*youtube\_música/dança*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	392	78,7	78,7	78,7
	não	106	21,3	21,3	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*youtube\_teatro*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	82	16,5	16,5	16,5
	não	416	83,5	83,5	100,0
Total		498	100,0	100,0	

Tabelas T.49 – Instagram

*instagram\_cinema*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	211	42,4	42,4	42,4
	não	287	57,6	57,6	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

*instagram\_literatura*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	97	19,5	19,5	19,5
	não	401	80,5	80,5	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

*instagram\_artes plásticas*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	203	40,8	40,8	40,8
	não	295	59,2	59,2	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

*instagram\_música/dança*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	202	40,6	40,6	40,6
	não	296	59,4	59,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

*instagram\_teatro*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	53	10,6	10,6	10,6
	não	445	89,4	89,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabelas T.50 – Tumblr

*tumblr\_cinema*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	28	5,6	5,6	5,6
	não	470	94,4	94,4	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*tumblr\_literatura*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	24	4,8	4,8	4,8
	não	474	95,2	95,2	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*tumblr\_artes plásticas*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	32	6,4	6,4	6,4
	não	466	93,6	93,6	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*tumblr\_música/dança*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	13	2,6	2,6	2,6
	não	485	97,4	97,4	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*tumblr\_teatro*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	6	1,2	1,2	1,2
	não	492	98,8	98,8	100,0
Total		498	100,0	100,0	

Tabelas T.51 – Twitter

*twitter\_cinema*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	71	14,3	14,3	14,3
	não	427	85,7	85,7	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*twitter\_literatura*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	45	9,0	9,0	9,0
	não	453	91,0	91,0	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*twitter\_artes plásticas*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	31	6,2	6,2	6,2
	não	467	93,8	93,8	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*twitter\_música/dança*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	64	12,9	12,9	12,9
	não	434	87,1	87,1	100,0
Total		498	100,0	100,0	

*twitter\_teatro*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	11	2,2	2,2	2,2
	não	487	97,8	97,8	100,0
Total		498	100,0	100,0	

**Tabelas T.52 – Whatsapp**

*whatsapp\_cinema*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	30	6,0	6,0	6,0
	não	468	94,0	94,0	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

*whatsapp\_literatura*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	48	9,6	9,6	9,6
	não	450	90,4	90,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

*whatsapp\_artes plásticas*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	14	2,8	2,8	2,8
	não	484	97,2	97,2	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

*whatsapp\_música/dança*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	49	9,8	9,8	9,8
	não	449	90,2	90,2	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

*whatsapp\_teatro*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	9	1,8	1,8	1,8
	não	489	98,2	98,2	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabelas T.53 – Snapchat

*snapchat\_cinema*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	14	2,8	2,8	2,8
	não	484	97,2	97,2	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

*snapchat\_literatura*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	8	1,6	1,6	1,6
	não	490	98,4	98,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

*snapchat\_artes plásticas*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	12	2,4	2,4	2,4
	não	486	97,6	97,6	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

*snapchat\_música/dança*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	22	4,4	4,4	4,4
	não	476	95,6	95,6	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

*snapchat\_teatro*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	7	1,4	1,4	1,4
	não	491	98,6	98,6	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

- **Tabelas relativas à questão vinte Q20 do questionário**

Tabela T.54 – Assistir a atividades da Asta

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	457	91,8	91,8	91,8
	menos que uma vez por mês	30	6,0	6,0	97,8
	uma vez por mês	8	1,6	1,6	99,4
	uma vez por semana	1	,2	,2	99,6
	mais que uma vez por semana	2	,4	,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.55 – Assistir a atividades da Quarta Parede

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	490	98,4	98,4	98,4
	menos que uma vez por mês	5	1,0	1,0	99,4
	uma vez por mês	1	,2	,2	99,6
	uma vez por semana	2	,4	,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.56 – Assistir a atividades do Teatro das Beiras

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	403	80,9	80,9	80,9
	menos que uma vez por mês	78	15,7	15,7	96,6
	uma vez por mês	9	1,8	1,8	98,4
	duas ou mais vezes por mês	4	,8	,8	99,2
	uma vez por semana	3	,6	,6	99,8
	mais que uma vez por semana	1	,2	,2	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.57 – Assistir a atividades da Biblioteca Municipal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	380	76,3	76,3	76,3
	menos que uma vez por mês	88	17,7	17,7	94,0
	uma vez por mês	21	4,2	4,2	98,2
	duas ou mais vezes por mês	7	1,4	1,4	99,6
	uma vez por semana	2	,4	,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.58 – Assistir a exposições da Galeria de Exposições Tinturaria

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	436	87,6	87,6	87,6
	menos que uma vez por mês	48	9,6	9,6	97,2
	uma vez por mês	12	2,4	2,4	99,6
	uma vez por semana	2	,4	,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

Tabela T.59 – Visitar o Museu de Arte Sacra

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	434	87,1	87,1	87,1
	menos que uma vez por mês	51	10,2	10,2	97,4
	uma vez por mês	8	1,6	1,6	99,0
	duas ou mais vezes por mês	3	,6	,6	99,6
	uma vez por semana	2	,4	,4	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.60 – Assistir ao Café Literário**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	436	87,6	87,6	87,6
	menos que uma vez por mês	47	9,4	9,4	97,0
	uma vez por mês	15	3,0	3,0	100,0
	Total	498	100,0	100,0	

**Tabela T.61 – Assistir a festivais promovidos pela cidade**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nunca	251	50,4	50,4	50,4
	menos que uma vez mês	162	32,5	32,5	82,9
	uma vez por mês	49	9,8	9,8	92,8
	duas ou mais vezes por mês	17	3,4	3,4	96,2
	uma vez por semana	11	2,2	2,2	98,4
	mais que uma vez por semana	8	1,6	1,6	100,0
	Total	498	100,0	100,0	